

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Gildette Soares Fonseca

**ESPACIALIDADE DAS MIGRAÇÕES TEMPORÁRIAS DE MIRABELENCES –
IMPLICAÇÕES NA TERRITORIALIDADE LOCAL**

MESTRADO EM GEOGRAFIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
como exigência parcial para a obtenção do título
de MESTRE em Geografia pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP,
sob a orientação do Profº Doutor Douglas
Santos.

**SÃO PAULO
2009**

Banca Examinadora

Ao meu pai, João Soares, migrante temporário, que com esforço e dedicação impossibilitou seus filhos de seguirem a sua trajetória.

AGRADECIMENTOS

Várias pessoas contribuíram diretamente ou indiretamente para o resultado desta pesquisa e merecem o meu agradecimento.

Agradeço:

A Deus, pela força, ânimo, sabedoria, fé, por ter me permitido mais uma conquista.

Ao meu pai, João Soares Fonseca, migrante temporário desde a infância.

À Clara Soares Pereira e Carlos Alberto Mendes Pereira, minha família, pelo apoio em todos os momentos, por terem superado a ausência durante as longas viagens à São Paulo. Vocês não têm ideia da dimensão da ajuda que me proporcionaram!

À minha amiga Sandra Célia pela compreensão, companheirismo, reflexões acerca da Ciência Geográfica e, principalmente, por tornar as viagens à São Paulo mais “curtas” e menos cansativas.

Ao meu orientador, Professor Dr. Douglas Santos, pela confiança depositada, seriedade, convivência e, especialmente, pelos ensinamentos e experiência compartilhados.

Aos professores do Programa de Mestrado em Geografia, Doutora Marísia Margarida Santiago Buitoni, Doutor Marcos Bernardino de Carvalho, Doutor Carlos Alberto Bistrich e Doutor Edson Cabral, pelas ótimas aulas e pelo respeito para com os mestrandos.

Às Professoras Dras. Marísia Margarida Santiago Buitoni e Márcia Maria Cabreira Monteiro de Souza pelas importantes contribuições no exame de qualificação.

Aos colegas do mestrado turma 2007/2008, meus agradecimentos pela convivência e incentivos recebidos.

Às amigas Carla Aparecida e Genilce Caldeira, do Colégio Tiradentes, pelo apoio e incentivo.

Aos migrantes temporários pela atenção dispensada e pelos dados disponibilizados.

Aos “gatos”, pessoas especiais na pesquisa de campo, especialmente ao Sr João Vieira.

Aos funcionários do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mirabela, Sr. Euclides Rodrigues Fiuza, pelo conhecimento no tocante à realidade mirabelense, Eliane Aparecida Fernandes Souto Silva e Joel Gonçalves de Souza que disponibilizaram dados e pela companhia no trabalho de campo no Assentamento Santo Hipólito.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES -, pela Bolsa de Estudo – 2007/2009.

E a todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indireta neste projeto.
Muito Obrigada!

ABSTRACT

The temporaries migrations reflect the process of social inequality that prevails in the hidden corners of Brazil, involving the survival of populations of low purchasing power, while the periodic return to the living space (re)create new meanings. This research contemplates reflections on the history of temporaries migrants in Mirabela, county located in the north of Minas Gerais. Our main goal is to know the spatial dimension of these migrations and their working conditions, examining the implications on the territoriality of the space of Mirabela. Thus, we characterized the geographical category place - living space, - connecting it to temporary migration, analyzing the process of settlement of the county, evaluating the socio-economic-cultural organization of the migrant population and identifying the formation of social networks of migrants and their families. The theoretical referential used contemplated discussions about geographical category place, concepts of temporary migration, identity, employment relationship, de/re-territorialization and social networks. Considering these assumptions, we execute a descriptive exploratory study, using interviews and narratives of migrants' life histories, being each one of the twenty fieldworks essential to this research. From the compilation of data, we elaborate maps and chart that show the spatialization of temporaries migrations of the citizens of Mirabela, being these same temporaries migrations also occur in other regions of Minas Gerais and in the states of Bahia, Tocantins, Goiás and Mato Grosso do Sul. In these regions migrants work in the coffee harvest, in coal production, in sugar cane and wood cutting, beyond some of them develop industrial activities during the year in Nova Serrana, county of the state of Minas Gerais, returning to Mirabela only on vacation period and long holidays. We realized that the responsible factors for migrations are the inefficiency of the municipal government to attract investments for the generation of jobs; the neglect of state and federal managers with the north of Minas Gerais counties, specifically Mirabela; the absence of public policies aimed at setting the man on the field, since the majority of the migrant population has few years of study and performing agricultural activities; and the powerlessness of governments in taking care of the interests of migrants workers. In this scene we observe that there is economic stagnation - low purchasing power - therefore, many young people without work perspective follow the path of parents and grandparents, occurring irrecoverable losses in the familiar scope and in the living space, - de/re-territorialization - thence migrants seek to places that most resemble their dogma/realities and attempt in a closing and confining process to form their territories, as the Santo Hipólito Settlement, which shelters families who left the rhythm of migration during the agricultural harvests and opted to live of the subsistence, however with better quality of life. We also realize the development of networks of solidarity between migrants and their families face to the difficulties confronted in the workplaces and in Mirabela.

Keywords: Mirabela; temporary migration; place; de/re-territorialization; work; social networks.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 - Brasil: fluxos migratórios internos 1995 -2000	31
Mapa 2 - Mirabela na mesorregião do norte de Minas Gerais	44
Figura 1 - Prefeitura Municipal de Mirabela	47
Figura 2 - Câmara Municipal de Mirabela.....	47
Figura 3 - Acesso a Rodoviária	48
Figura 4 -Terminal Rodoviário	48
Figura 5 - Vista da Avenida Waldemar Rabelo -Mirabela-MG.....	49
Figura 6 - Casas no bairro Bela Vista	50
Figura 7 - Moradia no bairro São João	50
Figura 8 - Casa popular no bairro São João em Mirabela-MG.....	50
Figura 9 - Hospital de Mirabela	52
Figura 10 - Cemitério de Mirabela - sem muro	52
Figura 11 - Esgoto em uma rua de Mirabela.....	53
Figura 12 - Contêineres abandonados.....	54
Figura 13 - A carne exposta em madeira	55
Figura 14 - Água suja em frente um açougue.....	55
Figura 15 - O Sr. João, irmão e respectivas esposas no sítio.....	64
Mapa 3 - Distância entre Mirabela e às áreas de migrações e de Montes Claros.....	69
Figura 16 - Alojamento dos migrantes temporários -Alfenas-MG.....	74
Figura 17 - Trabalhadores de Mirabela-MG em Alfenas-MG.....	74
Figura 18 - Sr. Odílio Pereira.....	76
Figura 19 - Sr. João Batista	76
Figura 20 - Zé de Baio.	81
Figura 21 - Fabrício Dias dos Santos	81
Figura 22 - Sr. Carlos Rodrigues Oliveira.....	87
Figura 23 - Mercado Municipal de Mirabela	91
Figura 24 - Posto Bancário.....	91
Mapa 4 Rota das mobilidades dos mirabelenses organizadas por Sr. João Sr. Odílio e Zé de Baio	92
Mapa 5 - Fluxos migratórios organizados pelo Sr. Carlos.....	93

Figura 25 - Jovem Ricardo Gonçalves	95
Figura 26 - Migrante da turma de Zé de Baio	95
Figura 27 - Dona Maria Elenice e seu esposo.....	98
Figura 28 - A migrante Isabel, marido e filhos.....	99
Figura 29 - Casal de migrantes.....	104
Figura 30 - Ivanete e o marido.....	104
Figura 31 - Lucimar e o marido no dia da viagem	104
Figura 32 - Aguardando o ônibus	105
Figura 33 - Jovem se preparando para a partida	105
Figura 34 - Bagagens dos migrantes	106
Figura 35 - Organizando as bagagens no ônibus	106
Figura 36 - Momento da “chamada”.....	106
Figura 37 - Migrante entrando no ônibus	106
Mapa 6 - Localização de Mirabela em relação a Nova Serrana.....	109
Figura 38 - Reunião dos assentados.....	112
Figura 39 - Plantio de cana-de-acúcar.....	112
Figura 40 - Agricultor do Assentamento.....	115
Figura 41 - Agricultor feliz com a nova vida.....	115
Figura 42 - Trabalhador rural	115
Figura 43 - Reunião no Assentamento.....	115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APP	- Área de Preservação Permanente
AMANS	- Associação dos Municípios da Área Mineira da Sudene
AVANS	- Associação dos Vereadores
CEDEPLAR	- Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas.
CEMIG	- Companhia Energética de Minas Gerais
CODEVASF	- Companhia de Desenvolvimento do Vales do São Francisco e do Parnaíba
CONAB	- Companhia Nacional de Abastecimento
CONTAG	- Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura
CNBB	- Confederação Nacional dos Bispos do Brasil
COPASA	- Companhia de Saneamento do Estado de Minas Gerais
CSEM	- Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios.
EMATER	- Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais
ETE	- Estação de Tratamento de Esgoto
FETAEMG	- Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais
FPM	- Fundo de Participação dos Municípios
FUNASA	- Fundação Nacional da Saúde.
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
ICMS	- Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços
IDH-M	- Índice de Desenvolvimento Humano -Municipal
INPS	- Instituto Nacional de Seguro Social
IPEA	- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPTU	- Imposto Predial e Territorial Urbano
NIEM	- Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios do Rio de Janeiro.
PAC	- Programa de Aceleração e Crescimento
PNUD	- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PRONAF	- Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SPM	- Serviço Pastoral dos Migrantes
SUDENE	- Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
SUS	- Sistema Único de Saúde
UNIMONTES	- Universidade Estadual de Montes Claros.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Capítulo 1 – LUGAR – ESPAÇO DE VIVÊNCIA E AS RELAÇÕES COM A MIGRAÇÃO TEMPORÁRIA.....	23
1.1 Des (re) territorialização, lugar e migrações temporárias.....	34
Capítulo 2 – RETRATO DE MIRABELA -MG.....	43
2.1 O trabalho e o processo migratório	63
2.2 Espacialização e geografia das migrações temporárias mirabelenses....	91
2.3 Assentamento Santo Hipólito - espaço de reterritorialização.....	111
2.4 Esperança de novos tempos depositada na eleição municipal de 2008.....	117
Capítulo 3 - REDES SOCIAIS ENTRE MIGRANTES TEMPORÁRIOS E OS REFLEXOS NO MODO DE VIDA.....	123
3.1 Reflexo das redes sociais dos filhos de migrantes mirabelenses, o retorno dos migrantes mirabelenses que deslocaram em 2008 e as perspectivas de trabalho em 2009	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFERÊNCIAS.....	140

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Gildette Soares Fonseca

ESPACIALIDADE DAS MIGRAÇÕES TEMPORÁRIAS DE
MIRABELENSES – IMPLICAÇÕES NA TERRITORIALIDADE LOCAL

MESTRADO EM GEOGRAFIA

SÃO PAULO
2009

RESUMO

As migrações temporárias refletem o processo de desigualdade social que impera nos recantos do Brasil, implicando a sobrevivência de populações de baixo poder aquisitivo, enquanto o retorno periódico ao espaço de vivência re(cria) novas significações. Esta pesquisa contempla reflexões sobre a trajetória de migrantes temporários do município de Mirabela, localizado no norte de Minas Gerais. Nosso principal objetivo é conhecer a dimensão espacial dessas migrações e as suas condições de trabalho, averiguando as implicações na territorialidade do espaço mirabelense. Para tanto, caracterizamos a categoria geográfica lugar - espaço de vivência – relacionando-a com migração temporária, analisando o processo de povoamento do município, avaliando a organização sócio-econômico-cultural da população migrante e identificando a formação das redes sociais dos migrantes e de seus familiares. O referencial teórico utilizado contemplou discussões sobre a categoria geográfica lugar, conceitos de migração temporária, identidade, relações de trabalho, des(re)territorialização e redes sociais. Considerando tais pressupostos, partimos para um estudo exploratório descritivo, utilizando entrevistas e relatos das histórias de vida de migrantes, sendo cada um dos vinte trabalhos de campo essencial à esta pesquisa. A partir da compilação dos dados, elaboramos mapas e tabela que evidenciam a espacialização das migrações temporárias dos mirabelenses, sendo que as mesmas ocorrem para outras regiões de Minas Gerais e para os estados da Bahia, Tocantins, Goiás e Mato Grosso do Sul. Ali os migrantes trabalham na colheita de café, no carvoejamento, no corte de cana-de-açúcar e de madeira, além de alguns desenvolverem atividades industriais em Nova Serrana – município mineiro no decorrer do ano, retornando à Mirabela apenas no período de férias e feriados prolongados. Descobrimos que os fatores responsáveis pelas migrações são a ineficácia do poder público municipal em atrair investimentos para a geração de empregos; o descaso dos gestores estadual e federal com os municípios norte-mineiros, especificamente Mirabela; a ausência de políticas públicas que visem fixar o homem no campo, uma vez que a maioria da população migrante possui poucos anos de estudos e executam atividades agrícolas; e a impotência dos governantes em atender aos interesses dos trabalhadores migrantes. Neste cenário observamos que há uma estagnação econômica - baixo poder aquisitivo por isso, muitos jovens, sem perspectivas de trabalho, seguem a trajetória dos pais e avós, ocorrendo irrecuperáveis perdas no âmbito familiar e no espaço de vivência - des(re)territorialização – daí os migrantes procurarem locais que mais assemelham aos seus dogmas / realidades, e tentarem, num processo de fechamento e enclausuramento, formar seus territórios, como o Assentamento Santo Hipólito, que abriga famílias que abandonaram o ritmo das migrações no período das safras agrícolas e optaram por viver da subsistência, porém com melhor qualidade de vida. Percebemos também o desenvolvimento de redes de solidariedade entre os migrantes e familiares diante das dificuldades enfrentadas nos locais de trabalho e em Mirabela.

Palavras - chave: Mirabela – migração temporária – lugar - des(re)territorialização – trabalho – redes sociais.

INTRODUÇÃO

As migrações resultam em novas descobertas, formações de Estados-Nação, extinções de populações, ou seja, (des) - (re) organização territorial. Nas palavras de Jacqueline Beaujeu Garnier¹ (1980 p.191), “O movimento dos indivíduos, que remonta a tempos pré-históricos, vem prosseguindo incessantemente durante milhares de anos, e a atual distribuição do homem pela superfície da terra muito se deve a isso”. O dinamismo das migrações foi tomando novas formas, porém permanece a busca por melhores condições de vida, ideia reforçada por José de Souza Martins² (2002 p.139-140):

Não raro, a dinâmica das migrações internas se apóia nos mesmos fatores das imigrações: desemprego, subemprego, falta de oportunidades de trabalho, excedentes populacionais crescentes, pobreza crescente associada à competição pelas oportunidades de emprego cada vez mais raras ou cada vez piores expectativas crescentes de consumo, dificuldades para compatibilizar trabalho e nível de vida.

Martins enfatiza a questão econômica como mola propulsora das migrações, contudo, Maria Aparecida Moraes Silva³ (1999) salienta que o pesquisador da temática não deve apenas associar a migração fatores meramente econômicos, uma vez que existe um conjunto de relações sociais e culturais que envolvem cada mobilidade.

No Brasil, os movimentos populacionais internos permanecem desde a colonização européia, produzindo e reproduzindo novos espaços, Carlos Minc Baumfeld e João Cardoso Lemos⁴ (1979, p.357 -358) argumentam:

As migrações internas são, em grande parte, determinadas pelos fluxos de capital e pelas características do desenvolvimento econômico e têm papel de importância nas transformações socioeconômicas, coincidindo muitas vezes a mobilidade espacial com a mobilidade social, produzindo transformações na composição e na estrutura das classes sociais.

A migração interna esteve e estará ligada à busca de sobrevivência de trabalhadores excluídos ao longo da história do Brasil, tendo em vista que o

¹ Autora da obra: *Geografia da população* (tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho)

² Pesquisador de renome nacional e internacional, autores de várias obras que abordam a migração, exclusão social, questões ligadas à luta pela terra, entre outras temáticas.

³ Pesquisadora de migrações temporárias, especificamente dos cortadores de cana-de-açúcar que deslocam do Vale Jequitinhonha –MG para Ribeirão Preto-SP.

⁴ Autores do artigo intitulado: *Desenvolvimento Capitalista e Desenvolvimento Regional*, publicado na Revista Análise Social do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, vol XV (2º), 1979 (nº 58), pp. 357 – 370.

desenvolvimento econômico implica na ampliação das desigualdades sociais, aprofundando as divisões de classes.

Compreender a estratificação social estabelecida no Brasil requer estudos dos processos migratórios internos, especialmente os temporários, onde há transformações nos locais que ofertam o trabalho transitório, assim como nos de residência. Neste sentido, a modernização agrícola atrelada à “ideia de melhores oportunidades de trabalho” no espaço urbano tem pressionado as pessoas a deslocarem do campo para a cidade, exigindo uma demanda de infra-estrutura que muitas vezes as cidades não conseguem oferecer. Para a geógrafa Ana Fani Carlos (2001, p. 42), “A cidade que hoje se constrói parece cada vez mais distante dos anseios, necessidades e aspirações do homem. É a chamada selva de pedra”. A cidade tem representado uma síntese das complexidades da vida humana em todos os aspectos econômicos, sociais, culturais, políticos (...).

Nestes espaços existem pessoas que ali residem, porém trabalham no campo ou em outra cidade, migrando diariamente (pendular) ou conforme as safras (temporárias). A migração temporária geralmente está relacionada às atividades do setor primário, em que trabalhadores de menor poder aquisitivo deslocam-se para áreas que ofertam o trabalho e retornam para seu espaço de origem no término das atividades.

Para Garnier (1980, p. 192), as migrações temporárias significam “(...) oscilatórias que abrangem todos os movimentos nos quais o migrante não abandona o lugar de residência, a ele retornando periodicamente”. Deste modo devemos considerar que a migração temporária propicia alterações que afetam os indivíduos em vários aspectos, uma vez que “é viver, em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contradições sociais. Ser migrante temporário é viver tais contradições como duplicidade” (Martins, 1988, p.45). O pesquisador pontua a complexidade no modo de vida do migrante, uma vez que o local de trabalho não integra o de moradia.

O trabalhador migrante incorpora dois modos de vida e na maioria das vezes não se sente parte integrante da família, vive em busca da reintegração ao meio social, da reterritorialização (movimento de construção de território, cultura); tais acontecimentos produzem implicações na territorialidade local, uma vez que não estamos nos referindo a um indivíduo e sim a vários. Martins (1988, p.45) complementa, afirmando que ser migrante temporário é:

(...) ser duas pessoas ao mesmo tempo, cada uma constituída por específicas relações sociais, historicamente definidas; é viver como presente e sonhar como ausente. É ser e não ser ao mesmo tempo; sair quando está chegando, voltar quando está indo. É necessitar quando está saciado. É estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo e não estar em nenhum. É, até mesmo, partir sempre e não chegar nunca.

Na realidade, a vida do migrante temporário é extremamente incerta, pois o lugar de residência não oferece condições para sobreviver, o local de trabalho oscila conforme a oferta de trabalho, enfim é o ir e vir sem se reencontrar.

O lugar, nesta pesquisa, é analisado como categoria geográfica na perspectiva da Geografia Humanista que emergiu na década de 1970, sendo Yi -Fu Tuan um dos principais expoentes. A Geografia Humanista é fundamentada nas concepções filosóficas da fenomenologia e do existencialismo discute as relações de afetividade, pertencimento, subjetividade priorizando as noções de espaço vivido, lugar, mundo percebido e imaginado pelos indivíduos.

No município de Mirabela, localizado no Norte de Minas Gerais - região estereotipada como uma das mais pobres do Estado – a migração temporária é uma realidade: mirabelenses saem para a colheita ou plantio de café, corte de cana-de-açúcar de madeira e, mais recentemente para exercer atividades nas indústrias de calçados de Nova Serrana – localizada no oeste de Minas Gerais, ou seja, deixam temporariamente o lugar – espaço vivido. O restante dos habitantes que vivem no campo exerce atividades relacionadas à agropecuária de subsistência; no espaço urbano a Prefeitura é responsável pela maioria dos postos de trabalho, além do setor educacional estadual e o comércio, que absorve profissionais do lugar; demais fontes de emprego no município que requerem mão-de-obra qualificada são ocupadas por montesclarenses que migram diariamente para a cidade de Mirabela, devido à proximidade (56 km, considerando linha reta).

O fato de crescer em uma família de migrante sempre deixou dúvidas sobre as razões que permitem que tantas pessoas se desloquem para outras regiões, todos os anos, deixando de acompanhar o crescimento dos filhos, ficando meses longe das esposas e do espaço de vivência. Na realidade, estudar as migrações temporárias do pequeno município mineiro – Mirabela, significa lembrar minha infância na área rural, as histórias contadas pelo meu pai migrante, suas inquietações – incerteza de que seus filhos viessem a fazer parte da trajetória de tantos norte mineiros. Denota também voltar à adolescência vivida na cidade de

Mirabela, onde parte dos colegas eram filhos de migrantes e sofriam com a ausência do pai e / ou dos pais.

Neste contexto surgiram as indagações desta pesquisa: as migrações temporárias mirabelenses são provenientes da falta de políticas públicas ao longo de sua história? As causas das migrações estão relacionadas somente às questões econômicas? As migrações têm gerado um processo de construção de novas identidades com o espaço de vivência? As dificuldades dos migrantes promovem a formação de redes de solidariedade entre eles? Para onde vão os migrantes mirabelenses e como são as condições de trabalho? Quais as implicações das migrações na territorialidade local?

É fato que ser filha de migrante coloca-nos o risco de deixarmos envolver pela emoção, porém acreditamos que o embasamento teórico propicia o distanciamento que permite discorrer sobre a temática. Tratar da mobilidade espacial temporária é apresentar a luta pela sobrevivência de trabalhadores que partem na esperança de adquirirem capital suficiente pra comprar alimentos, bens duráveis, investir em suas residências, enfim, melhorar o espaço de vivência. Compreender o deslocamento anual de tantos mirabelenses é buscar entender como o poder público continua negligenciando a população diante de seus direitos básicos, de convivência com a família, de dignidade.

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo central conhecer a espacialização destas migrações e as condições de trabalho, averiguando as implicações na territorialidade do espaço mirabelense. Neste sentido, caracterizamos a categoria geográfica lugar - espaço de vivência – relacionando-a com migração temporária des (re) territorialização, analisamos o processo de povoamento do município, avaliamos a organização sócio-econômico-cultural da população migrante e identificamos a formação das redes de solidariedade dos migrantes e familiares.

No intuito de atingir nossos objetivos, utilizamos como caminho metodológico estudo exploratório descritivo, tendo como base entrevistas e relatos. Nas palavras de Silva (2007, p.58): “(...) metodologia que sustenta estas idéias⁵ é a história oral – entrevistas, depoimentos, histórias de vida, registros visuais – com homens e mulheres, pobres, camponeses, originários de várias regiões do Brasil”. Para a

⁵ As ideias a que a autora se refere são análises das migrações constituídas de vários elementos culturais, sociais, ideológicos entre outros.

pesquisadora, tal procedimento configura a melhor forma de entender a migração como um processo social e os migrantes como atuantes deste. Considerando a importância da imagem na leitura geográfica, inserimos fotografias que expressam a área de estudo e os agentes pesquisados.

A pesquisa bibliográfica de estudiosos sobre a temática e a análise de documentos da Câmara Municipal de Mirabela, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mirabela, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA - fundamentaram teoricamente o estudo empírico.

O trabalho de campo foi extremamente importante para entender as razões que conduzem à mobilidade; conhecermos as aflições e ansiedades dos migrantes, o modo como vivem em Mirabela e nos locais de trabalho temporário; descobriremos as relações estabelecidas entre os errantes e seus familiares; identificaremos vários problemas na organização do espaço mirabelense. Foram vinte trabalhos de campo, onde conhecemos o espaço mirabelense, entrevistamos os “gatos⁶”, migrantes, prefeitos (da gestão 2005 - 2008 e 2009 - 2012), moradores de Mirabela que não integram o grupo dos migrantes, dialogamos com professores dos filhos dos migrantes e com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mirabela.

Sobre a pesquisa de campo para a Geografia, Paulo R. R Alentejano & Otávio M. Rocha-Leão⁷ (2006, p.53) comentam:

Desde os primórdios da Geografia os trabalhos de campo são partes fundamentais do método de trabalho dos geógrafos. Aliás, a sistematização da Geografia enquanto ciência muito deve ao conjunto de pesquisas e relatórios de campo elaborados anteriormente por viajantes, naturalistas e outros, verdadeiro manancial de informações que foram essenciais para a construção das bases para o desenvolvimento da Geografia.

Os estudiosos evidenciam a importância do trabalho de campo para a Geografia, neste contexto consideramos importante uma abordagem específica destes, onde mencionamos passo a passo como fomos conhecendo o universo dos migrantes mirabelenses.

Nos sete primeiros trabalhos de campo caracterizamos as condições de infraestrutura do município de Mirabela, especialmente dos bairros São João e Bela Vista, onde concentra-se a maioria dos migrantes pesquisados; visitamos também

⁶ Para Silva (1999, p.107) “(...) o intermediário entre patrões e empregados, como elemento carregado de caracteres negativos e inescrupulosos”.

⁷ Autores do artigo: *Trabalho de Campo*: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? Publicado no Boletim Paulista de Geografia, nº 94 em 2006.

as Comunidades Riachão, Córrego de Areia, Riacho Danta, Taboquinha, Santa Cruz, Barra da Taboquinha, Retiro, Riacho das Pedras, Cabeceira, Laranjeiras, Areal, Barroca D'água, Carabinha, Degredo, Córrego de Chapéu, Curral Velho, Várzea de Baixo, Brejinho, Porções, Tabocas, Travessia, Passagem de Cima, Vertente, Rancho Alegre, Santo Hipólito, Ana Gonçalves, Vereda e Mata Barroca, o povoado de São Bento e o distrito de Muquém, áreas que abrigam muitos migrantes.

No oitavo estudo, analisamos documentos na Câmara Municipal de Mirabela-MG, onde percebemos a desinformação generalizada dos funcionários que ali atuam e de alguns vereadores que por ventura tivemos a oportunidade de dialogar, desconhecem até mesmo a quantidade de bairros existentes na cidade, assim como a realidade das Comunidades.

No nono trabalho de campo, conversamos informalmente com alguns migrantes e com os “gatos” - homens que são responsáveis por “agenciar” trabalhadores que tenham interesse em trabalhar na colheita de café, corte de madeira e outras atividades transitórias. Nesse momento optamos por criar uma relação de confiança, para posteriormente gravarmos as histórias de vida dos migrantes. Marilda Aparecida de Menezes⁸ (2002) pontua a necessidade de se aproximar dos agentes pesquisados, penetrar no contexto deles, possibilitando fluidez no decorrer do estudo.

Mediante as reclamações dos migrantes, dos “gatos” e do levantamento sobre a precariedade de infra-estrutura no município de Mirabela, entrevistamos o Prefeito Municipal – configurando a décima vez que fomos a campo, nosso objetivo foi dialogar com o gestor público, saber dos entraves na implementação das políticas públicas que beneficiem os migrantes e demais habitantes, em seguida procuramos saber de alguns mirabelenses que não fazem parte do contexto das migrações, como veem a situação da população flutuante e da infra-estrutura do município.

Na décima primeira vez que saímos a campo dialogamos com o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mirabela-MG, uma vez que o Sindicato tem lutado pela melhoria da qualidade de vida dos migrantes – sendo responsável pela implantação de assentamentos no município.

Nos cinco estudos de campo posteriores, totalizando dezesseis, entrevistamos cinco “gatos” que atuam em Mirabela, assim como trabalhadores (as)

⁸ Desenvolveu no doutorado a pesquisa intitulada: *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes – um estudo de famílias de camponeses –migrantes*.

que migram anualmente para regiões de Minas Gerais e de outros estados, priorizando as histórias de vida, como sobrevivem em Mirabela e nos locais que trabalham, a relação de pertencimento com o espaço vivido, com os familiares e com companheiros (as) da mesma saga. A visita às escolas em que estudam filhos de migrantes trouxe à baila o reflexo das dificuldades enfrentadas pelos pais e como professores, setor pedagógico e direção vêm conduzindo as diversas situações surgidas no seio das famílias migrantes.

Na décima sétima visita à cidade de Mirabela, registramos a partida de cinquenta migrantes para Presidente Olegário-MG – que foram trabalhar na colheita de café. Durante todo o dia a organização das malas (ou melhor, dos sacos) para a viagem, os preparativos de mães que deixam os filhos com os avós maternos, a despedida dos enamorados, dos maridos que migram sem as esposas - foram horas que para eles passaram rapidamente, mas para quem acompanha “tem-se a sensação de semanas”. À noite, a demora do ônibus gera dois sentimentos distintos - a certeza de estar fazendo o necessário para realizar a melhoria da casa, a compra de mantimentos, roupas, calçados (...), e por outro lado a incerteza do retorno, de rever os entes queridos. Quando finalmente o ônibus estaciona, inicia-se a organização dos “sacos” no bagageiro, o abraço apertado de despedida de mães, esposas, esposos – o lugar fica triste – associado com a lamúria das crianças e das avós que terão a responsabilidade de cuidar dos netos; o ambiente é de dor, a chamada para entrar no ônibus significa hora exata da partida, assim vão limpando as lágrimas e deixando para trás o bem maior deste povo sofrido – a família.

No décimo oitavo trabalho de campo, priorizamos uma visita ao Assentamento Santo Hipólito – onde das vinte famílias de agricultores assentadas - 50% dos responsáveis pela unidade familiar eram migrantes temporários, que vêm desenvolvendo em suas terras um novo modo de sobrevivência. Aproveitamos o momento em que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mirabela promovia uma reunião na sede da Associação do Assentamento, sendo possível constatar o nível de envolvimento dos assentados com as questões em pauta, além de oportunizar um diálogo com aqueles que já foram migrantes e seus familiares.

Pela décima nona vez, fomos à Mirabela para entrevistar o Prefeito eleito - gestão 2009 / 2012 -, o objetivo foi averiguar o conhecimento do mesmo sobre a situação dos migrantes e da organização social e econômica do município de Mirabela, buscando saber as propostas do gestor. Conversar com o Prefeito eleito

teve um significado peculiar, pois o mesmo é adversário político do prefeito da gestão 2005 / 2008, representando para os migrantes e parte da população uma esperança de inovação.

No último trabalho de campo retornamos à casa de alguns migrantes que regressaram dos locais que estavam trabalhando, com a finalidade de verificar se aconteceu algo inovador na trajetória destes, como foram suas condições de trabalho na migração de 2008, os rendimentos e as perspectivas para 2009.

Consideramos que a pesquisa de campo possibilitou maior conhecimento sobre a espacialização das migrações temporárias mirabelenses, facilitando o diálogo do empírico com o teórico. Deste modo, estruturamos o estudo em três capítulos; inicialmente caracterizamos a categoria lugar – espaço de vivência relacionado com a migração temporária - des (re) territorialização. No segundo capítulo descrevemos o processo de formação do município de Mirabela - a infraestrutura (ou a falta), costumes, festejos - identidade⁹; analisamos o processo migratório mirabelense através dos depoimentos dos errantes, avaliamos o significado de lugar para os migrantes, com a noção de pertencimento (ou de exclusão), espacializamos os fluxos das migrações mirabelenses, além de relatar as propostas de trabalho do prefeito eleito em 2008 para o município e, principalmente, para os migrantes temporários.

No terceiro capítulo identificamos e descrevemos a formação de redes sociais entre os migrantes no local de trabalho e no espaço mirabelense, além das estabelecidas por seus familiares na ausência do pai e ou da mãe, pontuamos também o retorno dos migrantes de várias áreas no período natalino de 2008 – para os errantes o natal é o momento de (re) encontrar com as famílias.

Podemos afirmar mediante a pesquisa realizada que os mirabelenses migram para municípios de todas as regiões¹⁰ do Brasil, com exceção do Sul, executam atividades como colheita de café, corte de madeira, cana-de-açúcar e carvoejamento. Dentro do estado de Minas Gerais migram para os municípios de Bocaiúva, João Pinheiro, Três Marias, Presidente Olegário, Alfenas, Campestre e Patos de Minas; nos estados do Centro-oeste os municípios de destino são Três Lagoas, Aquidauana, ambos no Mato Grosso do Sul, e Maurilândia, em Goiás; a

⁹ Segundo Luciano Ximens Aragão (2004, p. 28), na Ciência Geográfica “emerge o interesse pelas identidades regionais e/ ou territoriais”, uma vez que facilita compreender as relações entre os homens.

¹⁰ Consideramos a divisão regional oficial do Brasil elaborada pelo IBGE.

Bahia é o estado do Nordeste em que os mirabelenses executam trabalhos temporários nos municípios de Barreiras, Mucuri e São Desidério; no Norte o destino é Palmas, no estado de Tocantins. É válido salientar também o fluxo de mirabelenses para a cidade de Nova Serrana em Minas Gerais, onde trabalham nas fábricas de calçados.

No que se refere aos fatores responsáveis pelas migrações temporárias dos mirabelenses estão diretamente ligados à ineficácia do poder público municipal em atrair investimentos para a geração de empregos - principalmente por acreditar que basta criar uma área para indústrias, desconhecendo que a população migrante, em sua maioria, não possui a educação básica completa e as atividades de que têm conhecimento estão relacionadas à agropecuária, ou seja, a solução para o lugar não é indústria, caso não aconteça qualificação da mão-de-obra; à falta de políticas públicas para fixarem o homem no campo, mesmo que produza apenas para subsistência; ao descaso dos gestores estadual e federal com os municípios norte-mineiros, especificamente Mirabela; à impotência dos governantes em atender os interesses dos trabalhadores migrantes, uma vez que, por terem baixa qualificação profissional, são excluídos.

Diante desse panorama notamos que as consequências das migrações temporárias de várias gerações representam a estagnação econômica para as famílias migrantes - baixo poder aquisitivo; des (re) territorialização - perdas irreversíveis por não presenciarem o crescimento dos filhos e permanecerem afastados do espaço de vivência. Percebemos que os migrantes ficam uma média de três a seis meses do ano distante das “esposas viúvas¹¹” e dos filhos (existem casos de mulheres que vão com os maridos “abandonando” os filhos, em geral menores de idade, deixando-os sob a responsabilidade dos avós maternos, gerando sobrecarga para os idosos). Enfim, na realidade, os gestores legislativo e executivo não percebem que a incompetência em gerenciar os recursos públicos tem propiciado conflitos, famílias desestruturadas, uma sociedade local sofrida.

Contrapondo a esse quadro existe a formação de redes sociais com o intuito de reterritorializar, de fortalecer as relações com o lugar e de suportar as dificuldades encontradas, (re) construindo identidades. No Assentamento Santo Hipólito trabalhadores que abandonaram as migrações com auxílio do Sindicato dos

¹¹ Termo regional utilizado para denominar as esposas que vivem longe dos maridos que migram temporariamente.

Trabalhadores Rurais desenvolveram um novo modo de vida com mais tranquilidade e maior qualidade de vida, sobrevivendo da agropecuária de subsistência. Para os filhos e esposas a presença do homem durante todo o ano representa esperança de reestruturar os laços perdidos no período em que este esteve distante. Os responsáveis pela unidade familiar que sofreram migrando reencontram a alegria de estar entre os entes queridos e no local que abriga suas raízes, onde trabalham e buscam o direito de viver com dignidade.

CAPÍTULO I

1- LUGAR – ESPAÇO DE VIVÊNCIA E AS RELAÇÕES COM A MIGRAÇÃO TEMPORÁRIA

Neste capítulo caracterizaremos a categoria lugar – espaço de vivência relacionado com a migração temporária dos mirabelenses –, a desterritorialização é abordada na perspectiva do deslocamento e a reterritorialização como possibilidade de desenvolver um modo de vida abandonando as migrações, buscando a resignificação do espaço de identidade.

A Geografia é uma Ciência cujo processo de institucionalização permeou por vários fenômenos que acontecem sob a superfície da Terra, tornando-a ampla, dificultando, assim, a definição do objeto de estudo. O geógrafo Marcos Bernardino Carvalho¹² (2005, p.144) comenta a complexidade da Geografia e a "vocação de abraçar o mundo".

A condi o de saber complexo, indicada para a Geografia, invariavelmente nos remete para a história dessa disciplina, sobretudo a partir do seu reconhecimento acad mico-institucional. As características realçadas em favor dessa condi o também remontam às muitas exorta es conectivas, que ainda sob inspira o do chamado romantismo alemão levaram figuras com Ritter, Humboldt e posteriormente Ratzel a formular instrumentos cognitivos que posteriormente nos capacitariam a "abraçar o mundo com as próprias mãos".

Carvalho deixa evidente a audácia da Geografia, que tem abarcado várias discussões resultando em grandes produ es, através de diversos pensadores. Conforme o pesquisador Milton Santos (1999), compreender a complexidade da Ciência Geográfica implica analisar suas categorias, "extraídas" da no o de espaço. As categorias de análise de uma Ciência representam instrumentos considerados fundamentais   constru o do saber científico.

A Geografia trilhou um longo caminho para definir suas categorias de análise - lugar, espaço, paisagem, região e território – que transformam conforme o processo histórico das correntes Clássica e Moderna com suas escolas. Rui Moreira¹³ (2008a, p. 37) pontua sobre as escolas e as geografias setoriais.

¹² Geógrafo que discute a complexidade da Geografia no artigo: *Geografia: ciência da complexidade (ou da reconcilia o entre natureza e cultura)*

¹³ Geógrafo que na obra - *O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes originais* -, faz uma leitura dos principais geógrafos que influenciaram a Geografia brasileira, além de abordar a fragmenta o da Geografia com as escolas.

A Geografia tem a tradição da escola. Escola francesa, escola alemã escola norte – americana... Cada escola é um país, cada país é uma escola. (...) Ao lado da tradição das escolas vicejam o que podemos chamar de geografias setoriais. Por esse prisma, há o geógrafo urbano, o geógrafo agrário, o geomorfólogo... O defeito desse modelo é o abandono da prática de pensar o todo, que, mesmo que fosse um pedaço regional, fazia a fortuna da tradição das escolas. E o ilhamento do geógrafo nos seus compartimentos fechados.

Para Moreira (2008a), o uso do termo escola está associado ao discurso do Estado imperialista, produzindo um distanciamento entre os geógrafos.

O caráter extenso da Ciência, como aponta Carvalho (2005 p. 141) “Ciência do espaço, dos lugares, das relações homem-meio das territorialidades, das paisagens, dos estados, da guerra...”, propicia análises diversificadas, assim como várias acepções dos conceitos-chave contribuem com pesquisas que explicam e fundamentam as interações de poder homem/natureza e homem/homem.

Segundo Roberto Lobato Corrêa¹⁴ (2006), a Geografia Tradicional priorizou as categorias região e paisagem, enquanto o espaço não constituía um conceito-chave; no entanto, a matriz alemã, a partir dos princípios de Ratzel, inicia o debate sobre espaço e território com um forte vínculo com a natureza.

Ratzel desenvolve assim dois conceitos fundamentais em sua antropogeografia. Trata-se do conceito de território e de espaço vital, ambos com fortes raízes na ecologia. O primeiro vincula-se à apropriação de uma porção do espaço por um determinado grupo, enquanto o segundo expressa as necessidades territoriais de uma sociedade em função do seu desenvolvimento tecnológico, do total de população e dos recursos naturais. (CORRÊA, 2006, p.18).

No possibilismo francês as categorias paisagem e região vão ser amplamente difundidas. Antônio Carlos Robert de Moraes¹⁵ (2005, p.81) pontua que Vidal de La Blache, precursor da matriz francesa, “definiu o objeto da Geografia como a relação homem-natureza, na perspectiva da paisagem”. Do ponto de vista vidaliano, a ação do homem modifica a natureza e a paisagem é um produto dos variados elementos naturais de transformação através das técnicas humanas. A categoria região deixa de ser um mero instrumento de pesquisa passando à escala de análise, sendo função do geógrafo estudar suas características físicas e humanas.

No entender de Corrêa (2006, p. 31), a discussão de espaço vivido “está particularmente vinculada à geografia francesa e tem raízes, sobretudo na tradição vidaliana (...)”. Entendemos que para o geógrafo não deve existir pesquisa das

¹⁴ No artigo intitulado - *Espaço, um conceito-chave da Geografia* - aborda com clareza a categoria espaço conforme a evolução do pensamento geográfico.

¹⁵ Ver obra - *Geografia: pequena história crítica* -

características humanas sem a relação do espaço físico ao qual o indivíduo está inserido; dessa forma o estudo das categorias não permite reforçar a idéia dicotômica (Geografia física e Geografia humana), mas buscar a contextualização. Conforme Paul Claval (2007, p.149), “Para Vidal de La Blache, a geografia devia analisar e explicar as relações entre os grupos humanos e o meio ambiente onde moravam [...]”, assim surge à concepção de espaço vivido, das técnicas de produção, da cultura e organização social como fatores de apropriação e transformação da natureza.

A categoria geográfica “lugar” – construção do espaço de vivência - vem sendo examinada na Geografia Humanista, que utiliza a fenomenologia, o existencialismo e busca a essência e o significado dos fenômenos para os sujeitos. Corrêa (2006, p.30), assevera:

[...] a geografia humanista está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real.

A Geografia Humanista discute as questões humanas, os sentimentos com relação ao espaço e lugar. Segundo Milton Santos (1986, p.67), “O fundamento desta abordagem vem do fato de que cada indivíduo tem uma maneira específica de apreender o espaço, mas também de o avaliar. [...] Este espaço social seria definido pelos lugares que lhe são familiares [...]”. Assim cada indivíduo tem percepção, escala própria de análise do espaço - construindo relações que, conforme a aderência, geram menos conflitos.

Nessa perspectiva, Marc Augé¹⁶ (2003) afirma que o indivíduo desenvolve identidades partilhada, particular e singular, conforme a trajetória cultural. O lugar pode ser concebido em escalas diferentes, permeado por significações individuais, experiências coletivas e / ou mítico-conceitual, ou seja, além do empirismo, abstrato – imaginário. Conforme Yi Tuan (1983, p.83), “quando o espaço nos é familiar, torna-se lugar”; considerando esta abordagem inserimos a discussão das migrações temporárias de mirabelenses, uma vez que têm residência no município, porém trabalham em espaços distantes. A migração temporária para Martins (1988, p.50), representa “um modo de desatar os laços de família e, ao mesmo tempo, um modo de atar o desenvolvimento do capital à exploração mais extensiva da agricultura

¹⁶ Na obra *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade* o autor apresenta discussões sobre os espaços que vêm surgindo no que denomina de supermodernidade, opondo às características do lugar – espaço de afetividade.

familiar”. Ao confrontar as idéias de Martins (1988) sobre migrações e as de Tuan (1983) sobre lugar, percebemos que a migração pode gerar a desestruturação das famílias dentro de uma lógica de opressão, alterando os lugares.

O estudo teórico das migrações tem como ponto de partida um documento denominado “Leis da Migração”, apresentado à Sociedade Real Britânica, em 17 de março de 1885, pelo geógrafo Ravenstein.

Ravenstein (1980) classificou os migrantes em quatro grupos: migrante local (aquele que desloca de uma parte da mesma cidade de nascimento), migrante de curta distância (conforme a distância de seu deslocamento), migrante por etapas (migra até a permanência) e os migrantes temporários (representam o trabalho sazonal). O referido autor pontua que as causas em geral são aspectos econômicos. “Na maior parte dos casos, porém, a resposta estará associada à busca por trabalhos mais remunerados e atraentes do que os disponíveis nos locais de nascimento” (RAVENSTEIN, 1980, p.43).

O termo migração, como afirma Maximilien Sorre (1984, p.124), de modo geral “aplica-se somente a idéia de movimento, de mudança de lugar e de moradia”. No entanto, o mesmo autor salienta que para o geógrafo é a “expressão da mobilidade do ecúmeno” (SORRE, 1984 P.126), ou seja, remete ao conceito de espaço terrestre ocupado pelo homem com todo o dinamismo, cabendo aos geógrafos pesquisar a migração na sua essência, deixando de lado apenas a abordagem de deslocamento.

A geógrafa Olga Maria Schild Becker¹⁷ (2006) aponta que as migrações vêm sendo objeto de estudo no enfoque neoclássico, neomarxista e sem abandonar os clássicos - com a internacionalização do capital surge uma nova leitura, principalmente pelo acentuado crescimento da exclusão social. O Quadro I traz à baila as diferenças entre a abordagem neoclássica e neomarxista.

QUADRO I

PARALELO ENTRE OS ENFOQUES NEOCLÁSSICO E NEOMARXISTA EM MIGRAÇÃO

¹⁷ Pesquisadora da temática mobilidade espacial da população no Brasil.

ENFOQUE NEOCLÁSSICO	ENFOQUE NEOMARXISTA
<i>Decisão de migrar:</i> _ Ato de caráter individual, de livre escolha não determinado por fatores externos. _ Enfoque atomístico reduzido ao indivíduo; pretensamente neutro e apolítico.	<i>Decisão de migrar:</i> _ <i>Migração como mobilidade forçada pela necessidade de valorização do capital e não como ato soberano de vontade pessoal</i>
<i>Significado:</i> _ Elemento de equilíbrio em economias subdesenvolvidas, especialmente as mais pobres. _ Industrialização e modernização como força positiva propulsora da migração.	<i>Significado:</i> _ <i>Resultado de um processo global de mudanças.</i> _ <i>Expressão da crescente sujeição do trabalho ao capital.</i>
<i>Metodologia:</i> _ Análise descritiva, dualista e setorial do fenômeno. _ Enfoque causal, isolado e pontual das migrações. _ Considera as características individuais dos migrantes.	<i>Metodologia:</i> _ <i>Análise histórico-estrutural das migrações. Visão de processo.</i> _ <i>Enfoque dialético.</i> _ <i>Considera a trajetória dos grupos sociais.</i>
<i>Categoria de análise:</i> _ O indivíduo.	<i>Categoria de análise:</i> _ <i>Os grupos sociais.</i>
<i>Dimensão espaço-temporal:</i> _ <i>Deslocamento do indivíduo entre dois pontos no espaço (fluxos, linhas, pontos).</i> _ <i>Visão fixa de mercado de trabalho homogêneo e pontual.</i>	<i>Dimensão espaço-temporal:</i> _ <i>Movimento de um conjunto de indivíduos num certo período do tempo, sobre o espaço geográfico. A trajetória pode apresentar vários pontos e ser de longa duração, pois representa um processo e não apenas fluxos isolados.</i> _ <i>Mercado de trabalho multidimensional em transformação no tempo e no espaço.</i>

Fonte: BECKER, Olga Maria Schild, 2006 - p. 344.

O Quadro I traça, de forma clara, como os estudiosos neoclássicos e neomarxistas desenvolveram suas pesquisas sobre migração. É interessante analisar a abordagem da categoria de análise, pois para os neoclássicos apenas o indivíduo é representativo, enquanto os neomarxistas estudam os grupos sociais.

Outra diferenciação marcante feita por Becker (2006) no Quadro I é o que motiva as pessoas a migrar, enquanto os neoclássicos apontaram a ausência de fatores externos, os neomarxistas pontuam as causas econômicas, que estão interligadas a questões internas e externas. Dentro do neoclássico as migrações eram percebidas “como um mecanismo gerado de equilíbrio para economias em mudança, especialmente aquelas mais pobres” (BECKER, 2006, P. 331), ou seja, o fator responsável para um indivíduo migrar estava associado à questão pessoal.

Quanto à dimensão espaço-temporal, para os neomarxistas a conotação é mais complexa, uma vez que analisam os grupos, assim como a metodologia utilizada requer conhecer as características destes. Paul Singer (1980, p 237) aponta:

Se a unidade migratória deixa de ser o indivíduo para ser o grupo, também deixa de ter sentido investigar-se a migração como um movimento de indivíduos num dado período entre dois pontos, convencionalmente considerados como de origem e de destino.

Independente de ser indivíduo ou indivíduos, o fato é que pesquisar sobre as migrações pode ser uma alternativa de conhecer e compreender as transformações estruturais da população no espaço geográfico.

A busca humana em obter novas terras, riquezas, fugir de conflitos, entre outros fatores sempre impulsionou grande mobilidade, como expõe Milton Santos (1997, p. 39):

A evolução global da população mundial só pode ser completamente entendida se considerarmos ao menos três dados essenciais: primeiro, a distribuição da população entre as diversas áreas do Globo e dentro de cada país evolui de maneira desigual. Depois, como isso não é apenas o resultado do excesso de nascimentos sobre o de mortes, temos de levar em conta as migrações internas e internacionais, cada vez mais frequentes (...).

De forma sucinta, Santos analisa o significado das migrações na expansão mundial e a heterogeneidade na espacialidade geográfica.

No Brasil, pesquisas sobre migração perpassam por várias ciências, universidades que abrigam centros de estudos como o Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios do Rio de Janeiro - NIEM-RJ - da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; o Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas - CEDEPLAR - vinculado à Universidade Federal de Minas Gerais; há também instituição filantrópica, como o Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios - CSEM - que atua em parcerias com

universidades; o Serviço Pastoral dos Migrantes - SPM - do Setor Pastoral Social da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB -; órgãos governamentais como o IBGE, entre outros, sendo que o enfoque varia conforme os pesquisadores.

No caso específico do IBGE, em 1970 realizou um Censo demográfico que permitiu classificar os fluxos migratórios internos em: rurais-rurais, rural-urbanos, urbano-rurais e urbano-urbanos; o Censo confrontou a situação do domicílio no período da pesquisa e da residência anterior, percebendo que a migração era mais por Município, ou seja, os migrantes saem do campo, vivem temporariamente em cidades próximas e posteriormente vão em definitivo para uma cidade ou mesmo para uma área rural.

Em outra pesquisa do IBGE (1999) foi analisada a distribuição da população residente, segundo a naturalidade em relação ao Município - a região Nordeste apresentou o maior número de pessoas naturais (64,9%), devido ser a região brasileira que menos recebe migrantes (área de retração populacional). Tal fato concentra-se no sertão nordestino, uma vez que na Zona da Mata, Agreste e no Meio Norte os fluxos de saída da população são menores. A região Centro-Oeste abriga menor número de pessoas naturais (45,7%), em função dos efeitos da expansão agrícola e da construção da Capital nacional. As demais regiões: Sul (56,2%), Sudeste (59,2%) e Norte (59,4%) apontam resultados mais equilibrados.

Neste contexto podemos relacionar o estudo de Everett Lee (1980) que analisa o volume das migrações conforme seis pontos:

1º - A migração dentro de um determinado território varia com o grau de diversificação entre as áreas incluídas nesse território, ou seja, significa que o dinamismo econômico do território influencia o fluxo das migrações. No Brasil tal fenômeno ocorre em toda sua história, um exemplo mais recente é a descentralização industrial na região Sudeste, migração que pode ser considerada urbano-urbano, tanto dentro do Sudeste como desta região para outras.

2º - O volume da migração varia com a diversidade entre os povos, quanto maior for à diversidade de um povo (nos sentidos origem, renda, instrução, cultura...) maior será a migração. Fato perceptível nas migrações internas no Brasil onde a má distribuição de renda entre outros aspectos propicia o incremento; a saber, as migrações temporárias são características de indivíduos de baixo nível de instrução, sem qualificação, além de existir também o caso de profissionais que à medida que se qualificam buscam espaços que têm melhor remuneração.

3º - A migração relacionada com a dificuldade de superar os obstáculos intervenientes. Everett Lee (1980, p.106) salienta que “há, na história, muitos casos em que a eliminação dos obstáculos desencadeou grandes fluxos migratórios”, contudo devemos considerar também que a eliminação destes pode também reduzir as migrações. A violência urbana tem inibido migrantes a irem para áreas metropolitanas, empecilho que acaba produzindo uma contra corrente, pessoas que viveram muitos anos nas cidades grandes e estão em busca de tranquilidade no interior.

4º - As migrações variam com as flutuações da economia, assim podemos associar os ciclos comerciais que afetam tanto os espaços de origem como os de destino, funcionando conforme a expansão econômica das áreas de destino, intensificando contrastes entre os fatores positivos e negativos. No caso de alguns trabalhadores temporários que migram em épocas de colheita, caso ocorra uma praga na lavoura de café, cana-de-açúcar não haverá trabalho, comprometendo a circulação de capital nos locais de origem dos migrantes e nos de destino.

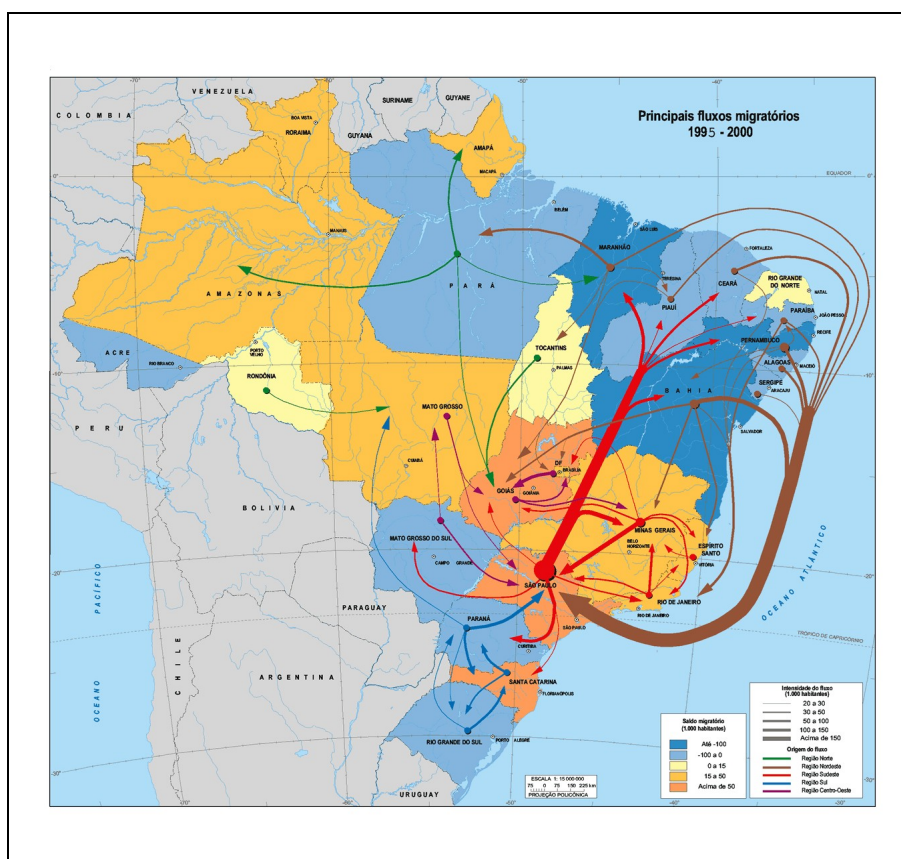
No Norte de Minas Gerais, na década de 1970, ocorreu uma intensificação do desmatamento do cerrado, transformado-o em carvão, com o intuito de atender as grandes siderúrgicas e gerando vários postos de trabalho; contudo, com o reflorestamento do eucalipto e o corte do mesmo por máquinas, ocorreu a redução significativa da mão-de-obra humana, além de comprometer a subsistência das famílias que viviam dos frutos do cerrado.

5º - A menos que freios severos sejam impostos, tanto o volume como a taxa da migração tenderão a crescer com o tempo. Percebemos a importância do controle dos migrantes em determinados espaços, as desigualdades evidenciadas entre áreas que propiciam o crescente volume das migrações. Especificamente no Brasil, é histórico o fluxo de migrantes das regiões mais pobres para as mais desenvolvidas economicamente, principalmente por não existirem, por parte dos governantes, políticas públicas efetivas para conter as migrações, acarretando problemas como o inchaço das áreas urbanas, marginalização, violência, enfim pessoas vivendo sempre a margem da sociedade. Quando analisamos a realidade dos migrantes temporários percebemos por parte do poder público uma manutenção destes indivíduos no ofício.

6º - O volume e a taxa de migração variam com o estágio de desenvolvimento de um país ou de uma área. As nações desenvolvidas tendem a receber maior

contingente migratório, assim como as correntes migratórias internas avançam para regiões mais estabilizadas economicamente. O Estado-Nação que implementa políticas com maior distribuição de renda gera novas oportunidades de trabalho, melhores condições de vida, ou seja, declínio nas migrações. Especificamente no Brasil vem ocorrendo redução das migrações internas, porém infelizmente ainda existe um volume de pessoas que migram em busca de sobrevivência, submetendo-se muitas vezes a trabalho escravo.

O Mapa 1 retrata os principais fluxos migratórios internos do Brasil, no período de 1995 a 2000.



Mapa 1: Brasil: fluxos migratórios internos 1995-2000
Fonte: IBGE, 2003.

O Mapa 1 evidencia que no referido período o estado de São Paulo configurou como o principal espaço receptor de migrantes, principalmente oriundos da região Nordeste, porém a contra-corrente também é observada, migrantes saem de São Paulo para os estados nordestinos, sulistas e do Centro-oeste. Também é perceptível, apesar de em menor volume, fluxos migratórios do Nordeste / Centro-oeste para o Norte; do Sul para o Centro-oeste e intra-regional.

O IBGE (2007), através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios apontou a região Centro-oeste como espaço de atração de migrantes, os nordestinos que tanto se deslocavam para São Paulo estão mudando de rota, buscando no Centro-oeste oportunidades de crescimento econômico, este fato implica redução dos fluxos para São Paulo, porém estes não cessaram. O estudo enfatiza que as migrações estão centradas no urbano-urbano e é cada vez maior o nível de escolaridade daqueles que migram, não há menção específica das migrações temporárias que representam um quadro diferente, pois o migrante temporário pode ser tanto do espaço rural ou de pequenos locais urbanos e quase sempre possuem pouca escolaridade.

O Mapa 1 retrata as migrações no período de 1995 a 200, desde então vem ocorrendo a descentralização dos eixos migratórios em função do crescimento econômico do país, gerando espaços de elevada produtividade, que exigem cada vez mais mão-de-obra qualificada, assim como aglomerados de exclusão e exploração do trabalhador de menor qualificação, mantida pelo próprio Estado que tem sido incapaz de “(...) solucionar o “problema migratório”, um fato tornou-se incontestável: a manutenção de um padrão de acelerados deslocamentos de população (...)”. (BECKER, 2006, P.346). Os gestores de forma geral pouco têm investido na redução das migrações internas no Brasil, o decréscimo nos últimos anos resulta de ações da própria sociedade.

Segundo Martins (1973 p. 190), a migração é mais do que uma simples mudança geográfica.

(...) a migração não é apenas a passagem de uma localidade geográfica a outra, mas consiste na transição do sujeito, sozinho ou em grupo, de uma sociedade a outra. Nesse plano, o sujeito não é apenas uma unidade física, um número ou um objeto, mas é alguém que se vincula, pelas suas relações com os outros, a uma sociedade determinada. Do mesmo modo, participa de uma cultura que fornece como referência normas de comportamento apoiadas num sistema de valores. As relações de que participa na sua sociedade original são estabelecidas com base nesses componentes culturais, em graus variáveis, interiorizados na sua personalidade.

As migrações resultam em transformações geográficas e culturais, ao migrar o sujeito pode melhorar ou não as relações na sociedade e para com a natureza; neste sentido, o ato de migrar pode ser concebido como ganho ou perda em todos os aspectos sociais, econômicos, políticos (...), até mesmo porque as migrações temporárias representam meio de sobrevivência. Complementando esta ideia, Rui

Moreira (2008b), em sua obra *Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica*, pontua: “Natureza-terra e homem-força-de-trabalho são, assim, em tudo equalizados e sempre seguindo destinos iguais e paralelos”. (MOREIRA, 2008b P.88). O referido geógrafo reafirma que existe uma evolução do homem na concepção da geografia à medida que este se adapta aos preceitos econômicos - homem-máquina; homem-força-de-trabalho; homem-fator-de-produção, homem-consumidor, homem-população, homem-estático. Deste modo, toda a carga cultural-político-econômica humana estrutura e reestrutura os espaços, sendo que o migrante temporário no ir e vir modifica os lugares e suas relações. Para Tuan (1983), a construção de lugares está intrinsecamente ligada à qualificação do espaço, constituindo termos familiares que indicam experiências comuns.

A nossa pesquisa aborda a migração temporária de mirabelenses para outras áreas e ao retornarem não encontram o que deixaram e não são os mesmos, perdem o elo familiar, valores do espaço de vivência. Nas palavras de Martins (1988, p. 45),

(...) migrante temporário é aquele que vai e volta e o processo social que ele vive é o sair e retornar. Porém, retornar para onde? Para quem? Sociologicamente falando, o migrante ao retornar, já não é o mesmo; e, por ter que sair, nas condições em que sai, modifica as relações sociais do seu grupo de origem, altera a organização da família, a divisão do trabalho familiar, o lugar de cada um. O que encontra, quando retorna, já não é aquilo que deixou. Ele nem mesmo se reencontra porque já é outro, procurando ser o mesmo.

O retorno dá ao migrante a sensação de ausente, desconhecedor dos fatos que o circunda, desprendido dos vínculos, indivíduo esfoliado pelo capital. Auge (2003, p.73) pontua: “(...) lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico”, para o migrante o regresso em geral não traz sentimento imediato de identidade. Para Gerard Duveen (1998, p. 98-99):

A identidade, então, não é uma coisa, como uma atitude ou crença determinada, mas a força ou poder que liga uma pessoa ou grupo a uma atitude ou crença; numa palavra, a uma representação. A identidade é uma luta pelo reconhecimento, e a alteridade é construída no decorrer dessa luta.

A luta pelo reconhecimento é constante para os migrantes temporários assim como a construção da alteridade. Martins (1988, p. 50) comenta que o migrante fica “(...) fora do seu lugar, fora de <<suas>> relações sociais, e que, no limite, não se

considera dentro mesmo quando está”. Em virtude de tais situações, o migrante sente a des(re)territorialização, buscando a reterritorialização com o lugar de sua residência e com os familiares.

O fato de ficar de três a seis meses distante do espaço de vivência, dos filhos, esposas, cultura, amigos, pode propiciar principalmente para as crianças e adolescentes uma desestruturação, pois biologicamente é um período em que estes podem apresentar um expressivo desenvolvimento físico ou intelectual, a ausência das mães e ou dos pais implica em mudanças nos aspectos educacionais, sociais, que conseqüentemente poderão desencadear diversos conflitos, inclusive o uso de drogas e a prostituição. Para Becker (2006. p 323), a mobilidade espacial da população “(...) reflete mudanças nas relações entre as pessoas (relações de produção) e entre essas e o seu ambiente físico”. Desta forma, devemos, enquanto pesquisadores, analisar as migrações temporárias no contexto das implicações que estas causam aos grupos sociais, à identidade do lugar, Luiz Felipe Ferreira¹⁸ (2000, p. 68) afirma:

A identidade de um lugar seria, deste modo, a expressão da adaptação, da assimilação, da acomodação e da socialização do conhecimento. O lugar seria um centro de significações insubstituível para a fundação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade, associando-se, desta forma, ao conceito de lar (*home place*).

O lugar, assim como a identidade, é passível de mudança, dependente dos seres humanos, contudo as migrações temporárias não apenas transformam, mas podem desagregar a construção.

Na sequência abordaremos a des (re) territorialização e a categoria lugar dentro do contexto da migração temporária.

1.1. Des (re) territorialização, lugar e migrações temporárias.

Nossa abordagem sobre a desterritorialização está relacionada ao processo de partida dos migrantes, uma vez que ficam longo período distante do lugar de origem e o retorno implica em novas (re) significações. Luciano Ximenes Aragão¹⁹ (2004, apud BONNEMAISON & CAMBRÉZY, 1996, p. 10) afirma: “o poder de laço

¹⁸ Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-doutorado júnior pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

¹⁹ Luciano Ximenes Aragão (2004) na dissertação intitulada “Des-re-territorialização dos migrantes nordestinos na Comunidade de Rio das Pedras”, trata com clareza da desterritorialização e da reterritorialização.

territorial revela que o espaço investe-se de valores não apenas materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos”, não meramente a questões territoriais, cada indivíduo ao regressar traz consigo valores que podem produzir resultados positivos e outros negativos na sociedade local.

Sabemos que a temática desterritorialização possui múltiplas faces, que vêm sendo discutidas por várias áreas científicas. O geógrafo Rogério Haesbaert (1994, 2004, 2005, 2006a, 2006b 2006 c) faz sua abordagem nas perspectivas políticas, econômicas e culturais; Milton Santos (1999) no sentido da desculturização, também o sociólogo Octávio Ianni (1992) aponta o desenraizamento e a globalização. Haesbaert (2006a, p. 173-174) enfatiza a desterritorialização no contexto econômico:

[...] a desterritorialização é vista praticamente como sinônimo de globalização econômica ou, pelo menos, como um de seus vetores ou características fundamentais, na medida em que ocorre a formação de um mercado mundial com fluxos comerciais, financeiros e de informações cada vez mais independentes de bases territoriais bem definidas, como as do Estado-nações.

[...] enfraquecimento das bases territoriais [...] em especial na lógica locacional das empresas [...] como sinônimo de “deslocalização”, enfatizando o caráter “multilocacional” das empresas, cada vez mais autônomas em relação às condições locais/territoriais de instalação.

[...] desterritorialização seria um processo [...] onde a tecnologia informacional tornaria mais evidente tanto a imaterialidade quanto a instantaneidade (e a superação do entrave distância) [...].

Percebemos que a perspectiva econômica abrange a (re) (des) organização territorial, a flexibilidade das empresas, capital, relações comerciais e essencialmente a redução do papel do Estado - Nação que tem deixado de atender os interesses básicos da população.

Quanto ao aspecto político, a desterritorialização está intrinsecamente ligada à concepção do território como criação e sustentação do Estado. Haesbaert (2006a) assim como Gilles Deleuze e Félix Guattari²⁰ avaliam o Estado como um agente desterritorializador, a partir do momento que estabelece a divisão da terra pela organização administrativa, fundiária e residencial. Conforme Haesbaert (2006a, p. 198),

o que podemos depreender destas reflexões sobre a ambigüidade de um papel reterritorializador ou desterritorializador do Estado é que, primeiro, o Estado é uma entidade muito genérica que deve ser historicamente situada, e, segundo, que ele carrega sempre, indissociavelmente, o papel destruidor de **territorialidades** (...). (grifo nosso)

²⁰ Filósofos franceses que, segundo Haesbaert (2006a), abordam a temática com grande propriedade.

Desta forma, o Estado pode ser considerado como um agente de des-re-territorialização, que pode destruir e / ou construir territorialidades. O sentido dado à territorialidade no nosso estudo é atribuído ao renomado Milton Santos e Maria Laura Silveira (2003, p.19):

(...) o sentido da palavra *territorialidade* como sinônimo de *pertencer àquilo que nos pertence...* esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana e prescinde a existência do Estado. Assim a idéia de territorialidade se estende aos próprios animais, como sinônimo de área de vivência e de reprodução. Mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre seres vivos, é privilégio do homem.

Nesta perspectiva, analisamos como a territorialidade mirabelense tem sido transformada pelos migrantes que adicionam outros valores ao espaço vivido, à estrutura familiar, a incerteza de um futuro com o básico para sobreviver. Haesbaert (2004, p. 3) assevera:

A territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também as relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como eles dão significado ao lugar”. (grifo do autor)

O significado de lugar, dado pelo migrante, pode variar muito, uma vez que vive em locais distintos de trabalho e moradia. Haesbaert (2005, p.37) afirma também: “Dependendo do grupo social, sabemos, a territorialidade é fundamental para a manutenção da coesão do grupo”. Para os migrantes temporários mirabelenses acreditamos que a territorialidade é essencial, uma vez que ao retornarem ao lugar de origem investem na melhoria da infra-estrutura das moradias - isso implica no interesse em permanecer no lugar, apesar de o mesmo não oferecer a eles condições de trabalho.

O migrante de Mirabela nem sempre vai para a mesma região ou exerce a mesma atividade – depende das floradas de café, da safra de cana-de-açúcar, da área a ser desmatada (...); ao regressarem, os errantes trazem costumes e valores característicos de outras regiões – ocorre a construção de nova(s) identidade(s), representações, conflitos, desequilíbrio; também são visíveis o consumo de bebidas alcoólicas, a “compra de sexo”, principalmente para os migrantes cujas companheiras não deslocam com eles, a impaciência com os filhos e a falta de capital, ou seja, ficam meses distantes e ao retornarem sentem-se impotentes.

Sobre as representações, Serge Moscovici (2003, 41) comenta:

As representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem.

O fato de surgir novas representações pode significar melhorias para o lugar ou, ao contrário criar situações que afetam os familiares dos migrantes e toda a territorialidade local.

Os errantes mirabelenses regressam motivados a migrarem novamente e desmotivados a permanecerem no município - em função da ausência de trabalho, atividades remuneradas -, sentem que o lugar não é mais porção do espaço onde manifesta a vida cotidiana, o exercício de cidadania, alguns perdem as relações identitárias, afetivas, de pertencimento; assim as vivências, lembranças, esperanças e significados passam a constituir fragmentos da vida.

O migrante torna-se um desterritorializado, ideia confirmada por Hasbaert (2005, p.37) "(...) na medida em que é destituído de seu lugar e de suas paisagens de origem, ele se vê destituído de valores, símbolos, que ajudavam na construção de sua identidade". A identidade do migrante favorece a criação e a transformação de espaços diversos, ou seja, em todas as dimensões ao mesmo tempo (físico-natural, econômica, política e cultural).

Haesbaert (2005, p.37) aponta também: "O migrante pode ser visto, então, como um desterritorializado, no sentido de perdas de uma "experiência total" ou integrada do espaço, fruto, sobretudo, dos processos de exclusão socioespacial que ele sofre", devemos considerar que pode ocorrer também o oposto, ou seja, o indivíduo absorver conhecimentos que permitam maior criticidade da sua própria situação social e dos gestores que atuam no espaço de residência, passando a mobilizar a comunidade para reivindicar seus direitos, estabelecer redes sociais, enfim, buscar do poder público ações efetivas que produzam melhoria no espaço vivido para reterritorializar.

Nas migrações temporárias o processo de desterritorialização e reterritorialização pode ser acentuado, uma vez que o errante vive em locais distintos, ou seja, num período vive no local que abriga sua residência, em outro no alojamento em municípios distantes. Haesbaert (2005, p.43) complementa: "Claro que todo migrante, como de alguma forma também todo indivíduo, carrega consigo

níveis ou características ligadas a processos de desterritorialização”. O que o autor ressalta é que o migrante leva sua bagagem cultural que pode ser completamente diferente do local de origem, e, ao retornar, a complexidade é maior, pois traz outros modos de vida, influenciando na territorialidade local, podendo ocorrer o hibridismo cultural (HOMI K BHABHA²¹, 1998).

No Brasil, o hibridismo cultural ocorre com maior facilidade em função dos choques culturais no processo de formação do Estado-Nação; na contemporaneidade (séculos XX e XXI), a humanidade tem passado por grandes transformações em todos os âmbitos, sendo assim, o simbólico-cultural recebe valores relativos aos interesses da sociedade dominante, cabendo aos indivíduos buscarem preservar sua cultura ou assimilar os costumes “impostos”. Para Haesbaert (2006c, p. 181) um processo de desterritorialização. “(...) pode ser tanto simbólico, com a destruição de símbolos, marcos históricos, identidades, quanto concreto, material – político e/ou econômico, pela destruição de antigos laços/fronteiras econômica-políticas de integração”. Valorizar a cultura local, os símbolos, a identidade do lugar não implica em isolar-se do global, apenas (re) pensar o que é de fato viável, é saber fazer a leitura do que vai gerar crescimento social para a comunidade.

Ao abordamos a identidade de um determinado espaço devemos ter em mente a heterogeneidade, as contradições, os conflitos existentes na relação das pessoas. Neste sentido, as migrações temporárias podem modificar o sujeito que adquire novos valores, costumes, podendo melhorar ou não suas relações em sociedade. Em geral, para o migrante temporário ocorrem danos principalmente nas questões familiares - educação dos filhos, destruição de matrimônios.

O migrante jovem vislumbra na migração a oportunidade de ter acesso a bens materiais duráveis e não duráveis, esquecendo-se da expropriação vivida em cada deslocamento. Com o passar dos anos, o jovem torna-se adulto - fonte de mão-de-obra barata -, posteriormente idoso, “descartado” pelas fazendas, doente, sem estudos (quase sempre com ensino fundamental incompleto), sem a seguridade da aposentadoria, pois esta não é extensiva a todos, uma vez que parte não é considerado trabalhador rural por possuir residência no espaço urbano e não terem possuído carteira assinada no decorrer da vida ativa, logo não contribuíram para o

²¹ Indo-britânico que na obra *O local da Cultura*, apresenta contribuições sobre estudos culturais, as relações humanas.

Instituto Nacional de Seguro Social -INSS-, desta forma ficam frustrados, esquecidos pelos cantos, tristes. Tudo isso ocorre em função do “encantamento” que a migração traz no primeiro momento, devido à falta de perspectivas de trabalho no lugar de origem.

O lugar, no entender de Lana Cavalcanti (1998, p.89), (...) é o espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço do vivido, do experienciado”. O migrante que fica distante por um longo período pode perder a capacidade de identificação ou simplesmente tornar-se destituído, como já mencionamos. Carlos (2007, p.17) relaciona o lugar com a construção da identidade.

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela *tríade habitante - identidade - lugar*. (...) As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. [...] É através de seu corpo de seus sentidos que ele constrói e se apropria do espaço e do mundo.

O lugar como característica da (re) produção dos valores, sejam eles religiosos, culturais, políticos, econômicos entre outros – o modo de vida.

Analisar o lugar mirabelense no contexto das migrações temporárias representa fazer um recorte local das implicações na territorialidade - desterritorialização – reterritorialização, pois migrar anualmente não significa escolha e sim um meio de subsistência.

Na ótica do capitalismo todos são livres - podendo usufruir as riquezas produzidas, contudo, a crescente exclusão sócio-espacial vem promovendo uma gama de pessoas distantes dos lucros econômicos. Nesse contexto inserimos os migrantes temporários mirabelenses, que na maior parte das vezes vivem sem opção de abandonar a saga das migrações, e caso o façam podem comprometer as condições de sobrevivência; assim são submetidos à expropriação de fazendeiros, usineiros, entre outros - toda essa dinâmica faz parte do processo de des-re-territorialização.

Dessa forma, o sistema – mundo por um lado, vai criando classes abastadas, com poder de compra, e, por um outro prisma, muitos trabalhadores e miseráveis que buscam a re (territorialização) ou se (re) territorializar.

Discussões sobre os lugares dão significância às relações da sociedade que vive um intenso processo de transformação. Para Carlos Eduardo Viana Hissa e Rosana Rios Corgosinho²² (2006, p.8):

Os debates sobre o conceito de lugar são sempre necessários por conta de processos que direta e intensamente, envolvem os próprios lugares, as relações de que são feitos, além das conexões que estabelecem com o seu mundo exterior – tão presente, cada vez mais, em diversas circunstâncias, na sua interioridade: o mundo está um pouco no interior de todos os lugares. Assim, se o mundo se transformou, os lugares também o fizeram [...]

O lugar normalmente é associado a uma materialidade definida por “relações simbólicas, míticas, identitárias e históricas do grupo social que ali reside”. (CIRO MARCONDES FILHO, 1996, p.146-147), ou seja, a construção ocorre ao longo de um período, sentimentos de afinidade, repúdio ou indiferença que desenvolvemos por um espaço são essenciais na formação dos lugares, das identidades dos indivíduos.

Na formação dos lugares-vividos podem ocorrer a desterritorialização, a reterritorialização e a multiterritorialização. A desterritorialização promove aglomerados de exclusão, Haesbaert (2006c, p. 193), aponta:

A desterritorialização arrasadora dos aglomerados excludentes produz assim o anonimato, a anulação de identidades e a ausência praticamente total de autonomia de seus habitantes. Por isso neles podem ser geradas, com relativa facilidade, **reterritorializações** de caráter reacionário, muito conservador, gerando mesmo o extremo oposto da desterritorialização dos aglomerados: os *territorialismos*, vulneráveis que são as mobilizações sociais extremamente reacionárias. (grifo nosso)

A desterritorialização e a reterritorialização para Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1997) são inseparáveis, correlativos, às vezes ocorre a (re) construção de identidades tradicionais outras vezes a exclusão sócio-econômica e cultural. “O mundo da supermodernidade não tem as dimensões exatas daquele no qual pensamos viver, pois vivemos num mundo que ainda não aprendemos a olhar [...]” (AUGE, 2005, P.37). A velocidade dos acontecimentos tem propiciado na sociedade dificuldades de assimilar tantas transformações.

A reterritorialização pode ocorrer simultaneamente no tempo / espaço ou e no ápice da desterritorialização, os indivíduos buscam reconstruir as identidades

²² Professores pesquisadores do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

perdidas dando novas resignificações; ou procuram outros espaços que tenham semelhanças com suas realidades.

No cotidiano das migrações temporárias temos os dois aspectos migrantes que buscam alternativas de sobrevivência no município de origem, ou quando as forças físicas já não são mais suficientes para o trabalho de migrante, estes tentam reintegrar-se aos costumes locais – são resistentes. Becker (2006, p.322) aponta o “(...) direito de “não migrar”, ou permanecer no espaço de origem; é a luta em defesa do “livre-arbítrio” quanto ao espaço a ocupar, a cultura a preservar. É o singular tentando manter seu lugar no espaço econômico global”. Apesar das dificuldades encontradas no local de origem existe por parte dos migrantes temporários interesse em continuar vivendo na terra natal, pelas relações de pertencimento.

Por outro lado, ao migrar todos os anos para trabalhar em um determinado espaço muitos errantes acabam se fixando definitivamente neste. Para Aragão (2004, p.34) “(...) no local de destino, suas manifestações culturais e as estratégias que os ligam ao local de origem por meio de redes de solidariedade, possibilitam a re-territorialização”. Imaginamos que existe dificuldade em criar uma identidade em um ambiente que não é familiar, uma vez que abandonam o espaço vivido, deslocam-se para outra região levando consigo as fotografias (quando têm), as lembranças, ou, poderíamos dizer, “imagens geográficas” (HALL, 2002). A dor da partida existe mesmo que retornem para visitar familiares, as “raízes”, os vínculos são dilacerados retardando a reterritorialização, a não ser quando a fixação é de um grupo oriundo do mesmo local de origem.

Independente de o migrante permanecer no lugar de origem, ou fixar-se em outra região, apresentam espírito de comunidade, formação de redes de solidariedade até mesmo pela humildade e pelas condições socioeconômicas a que são submetidos, promovendo interações que auxiliam na resistência, assim “[...] a identidade entre indivíduos, entre grupos, é também a identidade que eles estabelecem com os lugares”. (HISSA E CORGOSINHO, 2006, p.13). O migrante persiste em um movimento de (re) construção da cultura, as raízes que o tempo e a luta pela sobrevivência não apagaram.

Quando nos referimos à multiterritorialidade, reportamo-nos a Haesbaert (2006a, p. 354):

(...) um dos exemplos mais característicos de multiterritorialidade é aquele construído através das grandes diásporas de migrantes, com o papel cada vez mais relevante no mundo contemporâneo. Elas representam historicamente uma das formas pioneiras de multiterritorialidade na medida em que o deslocamento e a dispersão espacial de pessoas pertencentes a um grupo com forte identidade cultural através do mundo promovem múltiplos encontros entre “diferentes”, muito antes do advento dos meios de transporte rápidos e da comunicação instantânea.

A multiterritorialização representa a força da identidade cultural em disseminar seus valores, possibilitando manter as tradições. Os migrantes temporários, por serem de baixa escolaridade e de áreas normalmente carentes economicamente e socialmente, têm pouca resistência a outras culturas, inclusive o fato de permanecer longe dos filhos e / ou das esposas faz destes indivíduos seres fragilizados.

Encerramos este capítulo com a certeza da importância do lugar e das discussões de desterritorialização - reterritorialização em relação às pesquisas de migrações. Iniciamos o segundo capítulo retratando o município de Mirabela e as migrações temporárias, para tanto nos valem de entrevistas e relatos orais (individuais).

CAPÍTULO II

2 – RETRATO DE MIRABELA - MG

Procuramos neste capítulo, descrever o processo de formação do município de Mirabela/MG e sua infraestrutura (ou a falta de infraestrutura). Analisamos o processo migratório mirabelense através dos depoimentos dos migrantes, avaliando o significado de lugar para os migrantes com a noção de pertencimento (ou de exclusão), permeando a espacialização dos fluxos das migrações mirabelenses. A pretensão é mais do que retratar os problemas que percebemos na pesquisa, ou seja, apontamos alternativas que consideramos serem importantes para a melhoria da qualidade de vida dos mirabelenses.

A região hoje denominada norte²³ de Minas Gerais – local onde está inserido o município em que vivem os agentes do nosso estudo - foi palco das primeiras incursões ao interior do Brasil. A expansão dos currais de gado proporcionou o surgimento de grandes fazendas que, posteriormente, transformaram-se em arraiais, povoados, vilas e cidades. A pesquisadora da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES -, Anete Marília Pereira (2004, p.17), afirma:

O processo histórico de constituição do Norte de Minas inicia-se no século XVI a partir do movimento de expansão da pecuária, do Nordeste em direção ao sul, ao longo do eixo do Rio São Francisco. Também o movimento das bandeiras paulistas fundou várias fazendas de gado na região.

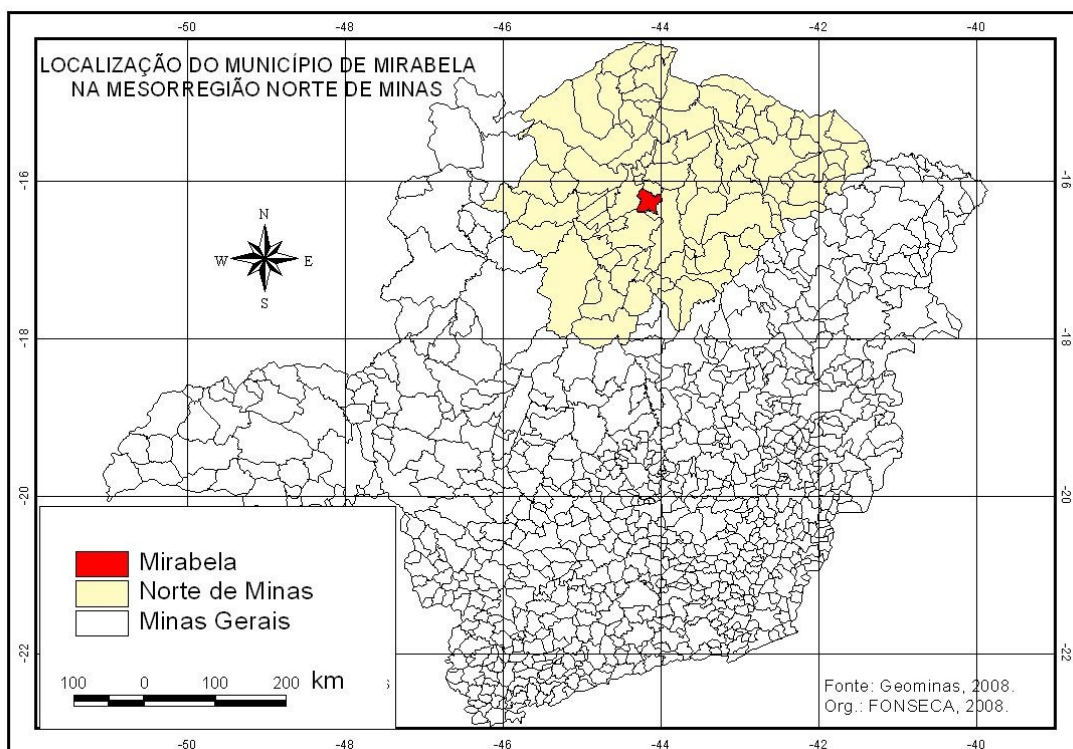
Dentro desse processo de “ocupação”, entradas e bandeiras vindas da Província de Porto Seguro e de São Paulo ocorreu a formação do município de Mirabela. André Carvalho, Carlos Olavo da Cunha Pereira e Pedro Paulo Taucce²⁴ (1998, p. 267) enfatizam:

A região onde se localiza o atual município de Mirabela foi desbravada por Antônio Gonçalves Figueira, expedicionário da bandeira de Matias Cardoso era adjunto do bandeirante Fernão Dias Pais Leme. Ele viera no rumo da famosa expedição Espinosa-Navarro, que partiu de Porto Seguro em 13 de julho de 1553, e que abriu caminho para a colonização de vastas regiões das terras mineiras, especialmente as do Norte da Província.

²³Existem vários critérios de regionalizar o norte de Minas Gerais, porém optamos pela Divisão Administrativa do Estado de Minas Gerais, onde a mesorregião do norte de Minas é composta por oitenta e nove municípios – área de 128.602 Km².

²⁴ Autores que abordam o processo de ocupação e formação dos 853 municípios de Minas Gerais na obra: *Minas: enciclopédia dos municípios mineiro*.

No Mapa 2 destacamos a mesorregião norte dentro do Estado de Minas Gerais e identificamos a área do atual município de Mirabela.



Mapa 2: Mirabela na mesorregião do norte de Minas Gerais.

O povoado de Mirabela teve início em 1882, com a denominação de Buriti, as primeiras casas foram edificadas em torno de uma capela construída por quatro ricos fazendeiros, devotos do Santo São Sebastião. Em 1899, os mesmos doaram parte de suas terras ao Santo São Sebastião, o documento de doação foi registrado no Cartório de Brasília de Minas-MG, Livro 03, Folha 38. O trecho final do Documento de registro de doação (1899, p.40) deixa claro o direito de posse da Igreja Católica.

Por assim terem concordado, transferem ao doado Marthir São Sebastião, todo direito, ação e posse do referido terreno, podendo torná-lo judicial e extrajudicial, e os doadores por suas pessoas e bens, obrigam-se a garantir a dádiva e defendê-la quando forem chamados à autoria.

Desta forma, os imóveis da área pertencente à Igreja Católica passaram a ser vendidos pelo “representante” do Santo São Sebastião, o arcebispo da Arquidiocese de Montes Claros. A comercialização é contestada pela população, uma vez que para obter a escritura de casas e lotes no perímetro pertencente ao Santo São

Sebastião o pagamento deve ser feito a Igreja Católica; tal fato faz com que grande parte dos moradores tenha apenas um “Contrato de gaveta²⁵”.

Do ponto de vista institucional, o Município é criado em 31 de dezembro de 1943, quando o Distrito de Bela Vista foi elevado à condição de Vila, conquistando sua emancipação político-administrativa e alterando o nome para Mirabela. A instalação efetiva ocorreu em 01 de março de 1963 (MIRABELA – CÂMARA MUNICIPAL DE MIRABELA - 1996).

Dentro do contexto de extensão territorial da mesorregião norte mineira, o município de Mirabela pode ser considerado pequeno, ocupando uma área de 723,3 Km², entre as coordenadas geográficas latitude (GMS) 16° 25' 12,00000"/ 16° 05' 23,99999" sul e longitude (GMS) 44° 18' 36,00000" / 43° 58' 47,99999ª oeste. Limita-se geograficamente ao sul com Coração de Jesus, a oeste com Brasília de Minas, a norte com Patis e a leste com Montes Claros. O acesso à cidade é pela BR 135, distanciando em linha reta 516 km da capital mineira Belo Horizonte, e 56 km de Montes Claros - cidade pólo do norte de Minas Gerais. O marco da sede apresenta as coordenadas geográficas 16° 15' 46" sul e 44° 09' 52" oeste.

Segundo o Censo do IBGE (2000), a população mirabelense é de 12.552 habitantes, sendo que 9.476 estão distribuídos nos sete Bairros: Bela Vista, Centro, Cristo Redentor, São Geraldo, São João, São José e São José II. O restante da população (3.076) está no Distrito de Muquém, povoado de São Bento, e em vinte e oito comunidades: Riachão, Córrego de Areia, Riacho Danta, Taboquinha, Santa Cruz, Barra da Taboquinha, Retiro, Riacho das Pedras, Cabeceira, Laranjeiras, Areal, Barroca D'água, Carabinha, Degredo, Córrego do Chapéu, Curral Velho, Várzea de Baixo, Brejinho, Porções, Tabocas, Travessia, Passagem de Cima, Vertente, Rancho Alegre, Santo Hipólito, Ana Gonçalves, Vereda e Mata Barroca. Os dados populacionais da contagem do IBGE (2007) basicamente não diferem do Censo 2000, o total de habitantes é de 12.769, aumento de apenas 217 habitantes em sete anos.

Descobrimos na análise de documentos da Câmara Municipal de Mirabela que apenas o bairro Bela Vista está regulamentado pela Lei 570/95. Conforme o Presidente da Câmara Municipal de Mirabela, o bairro Cristo Redentor é regulamentado por um decreto do prefeito, não disponibilizado para leitura. A falta

²⁵ Documento de compra e venda de imóveis registrado em cartório, porém não tem o valor da escritura.

de regulamentação dos bairros dificulta projetos das associações de bairros e consequentemente liberação de verbas para melhorias na infra-estrutura.

Dados do Atlas de Desenvolvimento Humano do IPEA (2000) apontam que em 1991 a taxa de urbanização de Mirabela era de 65,2%, passando para 75,49% em 2000 - isso implica um crescimento de 15,63%, ao considerarmos que o município de Mirabela representa 0,07% da população de Minas Gerais e 0,01% do Brasil – o acréscimo é expressivo no curto período, representando o abandono do campo, desprovido de condições como atendimento médico, escolas, manutenção das estradas, disponibilidade de água, energia elétrica e trabalho.

Durante nossa pesquisa percebemos que o município está carente em todos os setores de infraestrutura para atender as necessidades básicas dos mirabelenses, que em sua maioria vivem em condições difíceis econômica e socialmente.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDH-M - de Mirabela, no período de 1991 (0,595) a 2000 (0,658), apresentou um crescimento de 10,59%. O IPEA (2000) aponta os fatores de educação (64,2%), longevidade (25%) e renda (15,6%) como responsáveis pelo acréscimo; pela classificação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD – Mirabela fica entre os municípios de médio IDH (0,500 a 0,799). No entanto, o IPEA (2000) fez uma projeção de que Mirabela levará 21,1 anos e 28,8 anos, respectivamente, para alcançar Poços de Caldas (MG) que apresenta o melhor IDH-M de Minas Gerais (0,841), e São Caetano do Sul (SP) (0,919), o melhor IDH-M do Brasil. Diante da realidade do município na atualidade (2009), atrevemo-nos a afirmar que poderão ser bem mais anos, uma vez que as melhorias nos indicadores utilizados para calcular o IDH são quase insignificantes, pois existe o abandono da escola por jovens por terem que trabalhar, os idosos aposentados acabam dividindo o baixo salário com filhos e netos, comprometendo a expectativa de vida.

No período de 1991 para 2000 a desigualdade social cresceu de 0,56 para 0,59, informações do IPEA (2000) expressam um panorama bem claro dos indicadores de renda, pobreza e desigualdade de Mirabela. A renda per capita média de 1991 era de 90,3, passando em 2000 para 101,1 - um acréscimo de 11,95%, que contribuiu para a redução da proporção de pobres de 72,4% para 67,9% - apesar da queda, é bom ressaltar que a intensidade de pobreza em 2000

era de 52,37%, sendo maior do que sete municípios da microrregião²⁶ de Montes Claros, ou seja, ficam abaixo de Mirabela Glaucilândia (51,96), Coração de Jesus (51,94), Capitão Enéas (49,51), Francisco Sá (48,26), Juramento (47,90), Claro dos Poções (47,53) e Montes Claros (42,06).

Acreditamos que um agravante do elevado indicador de pobreza ocorre em função da carência de empregos fixos, uma vez que o IPEA mede a pobreza com base na proporção de pessoas com renda domiciliar per capita inferior à metade do salário mínimo vigente, em 2000 o equivalente a R\$ 75,50, em 2009 o valor é de R\$ 232,50. Sabemos que o valor é baixo para suprir as necessidades de uma família, contudo em Mirabela são poucos locais que ofertam trabalho pagando mais de um salário mínimo.

Procuramos nos primeiros trabalhos de campo conhecer a realidade nos aspectos de estrutura de serviços básicos de Mirabela - distribuição de água, energia elétrica, pavimentação, esgoto, assistência médica e educacional. No Centro encontramos melhor infraestrutura quanto à pavimentação, energia elétrica, água encanada, arborização, praças, comércio, residências, posto bancário do Banco do Brasil, Correio, Instituto Estadual de Florestas, farmácias, Prefeitura e Câmara Municipal, (...). As Figuras 1 e 2 representam respectivamente a Prefeitura Municipal de Mirabela e Câmara Municipal.



Figura 1: Prefeitura Municipal de Mirabela
Autora: Fonseca, G. S, 2008



Figura 2: Câmara Municipal de Mirabela
Autora: Fonseca, G. S, 2008.

²⁶ Na mesorregião do norte de Minas Gerais há sete microrregiões – Bocaiúva, Grão Mogol, Janaúba, Pirapora, Salinas e Montes Claros. O município de Mirabela pertence à microrregião de Montes Claros, como Brasília de Minas, Campo Azul, Capitão Enéas, Claro dos Poções, Coração de Jesus, Francisco Sá, Glaucilândia, Ibiracatu, Japonvar, Juramento, Lontra, Luislândia, Patis, Ponto Chique, São João da Lagoa, São João da Ponte, São João do Pacuí, Ubaí, Varzelândia e Verdelândia – são vinte e dois municípios que apresentam intensidade de pobreza de 42,06 (Montes Claros) a 68,75 (Ibiracatu).

A Figura 1 demonstra a Prefeitura Municipal de Mirabela, uma construção velha e pequena, sendo necessário o aluguel de casas para abrigar Secretarias como a de Educação e Saúde. Na Figura 2 temos a Câmara Municipal de Mirabela, prédio próprio desvinculado da Prefeitura.

No bairro São José grande parte das ruas são pavimentadas, assim como na área central, as residências contam com energia elétrica e água encanada. No bairro temos o Terminal Rodoviário, algumas mercearias, escola municipal, posto de saúde, Clube dos Pequizeiros (o local possui piscinas, área coberta para recepções, quadras de vôlei, futebol, futsal...) e um dos poços tubulares que abastecem a cidade. A Figura 3 demonstra a Avenida Waldemar Rabelo da Silva que dá acesso ao Terminal Rodoviário (Figura 4).



Figura 3: Acesso a Rodoviária
Autora: FONSECA, G. S, 2008.



Figura 4: Terminal Rodoviário
Autora: FONSECA, G. S, 2007.

A Figura 3 representa a Avenida de Mirabela que abriga açougues, comércios de autopeças, eletrodomésticos entre outros, o trecho da Figura apresenta o acesso à Rodoviária. Na Figura 4 temos o Terminal Rodoviário que é bem arborizado, pequeno, devido ao reduzido fluxo de transporte intermunicipal e interestadual; a estrutura também não é boa, pois são dois banheiros apenas com sanitários, poucos acentos para os passageiros aguardar a chegada dos ônibus e as lanchonetes disponibilizam reduzida quantidade e opção de lanches.

A Avenida Waldemar Rabelo da Silva transcorre a cidade dando acesso à Br 135, no sentido Montes Claros e a Januária, ou seja, é o cartão postal de Mirabela, contudo a Figura 5 evidência o descaso da população e dos gestores públicos com a mesma.



Figura 5: Vista da Avenida Waldemar Rabelo da Silva – Mirabela -MG
Autora: FONSECA, G.S, 2008.

Na Figura 5, percebemos a falta de cuidado do poder público e da população com a Avenida Waldemar Rabelo, presença de lixo e praticamente ausência de árvores.

Nos demais bairros a estrutura mencionada para o Centro e o bairro São José vai diminuindo, principalmente nos bairros São José II, São João, São Geraldo e Bela vista, pois há várias ruas sem pavimentação, casas sem água encanada e energia elétrica. A maioria dos moradores destes bairros é oriunda da área rural, ou seja, saíram do campo em busca de melhores condições e depararam com a falta de planejamento dos gestores públicos, que criam loteamentos sem rede de água, esgoto, energia (...).

O bairro Bela vista surgiu na gestão de 1991 a 1995, o poder público municipal distribuiu lotes de 200m² para pessoas que viviam na área rural e em outros municípios próximos. Segundo relatos de moradores o Prefeito e vereadores tinham dois objetivos: agradar a população que vivia no campo e pretendia morar na cidade e aumentar o número de eleitores de Mirabela, doando lotes para indivíduos de municípios vizinhos. Em geral a população que reside no bairro é de baixo poder aquisitivo, portanto construíram suas casas sem um prévio planejamento e a tão sonhada infraestrutura prometida pelos políticos não chegou até eles. A Figura 6 retrata área do bairro Bela Vista e a Figura 7 do bairro São João.



Figura 6: Casas no bairro Bela Vista.
Autora: FONSECA, G. S, 2008.



Figura 7: Moradia no bairro São João.
Autora: FONSECA, G. S, 2007.

A Figura 6 é do bairro Bela Vista, onde percebemos animais alimentando, carro de boi e o uso de lenha como fonte de energia, expressando o estilo da vida rural. As construções inacabadas refletem a falta de dinheiro, ou seja, aguarda-se a oportunidade de trabalho para finalizar a obra.

No bairro São João, Figura 7, a situação em termos de infraestrutura básica é pior, existem muitas casas em fase de construção, cercadas com arame, sem água encanada, energia elétrica e ruas tomadas pelo mato e areia. O Bairro São João surgiu através da construção de casas doadas pela administração pública, em 1999; a escolha dos moradores foi aleatória, o que pode ter propiciado a posterior comercialização das casas. A Figura 8 apresenta um dos imóveis doados.



Figura 8: Casa popular no bairro São João em Mirabela-MG.
Autora: FONSECA, G. S, 2008.

O imóvel da Figura 8 é composto por dois quartos, banheiro, sala e cozinha, totalizando uma área de 30m²; todavia o poder municipal esqueceu de proporcionar à população o básico para viver com dignidade, pois, segundo moradores, parte das casas doadas estavam em fase de construção, apenas algumas possuíam água encanada e energia elétrica.

Considerando os critérios utilizados pelo IBGE (2008), uma residência adequada deve apresentar instalação sanitária ligada à rede geral ou fossa séptica, abastecimento canalizado de água, coleta de lixo, ligação elétrica, construção do tipo durável (paredes de alvenaria ou madeira aparelhada) e quanto à densidade domiciliar, é padronizado um morador por cômodo, logo a construção do conjunto habitacional no bairro São João não atende aos critérios do IBGE.

Passaram-se oito anos e nenhuma rua foi pavimentada, a melhoria existente nos bairros é resultado de investimento apenas de moradores que construíram pequenos comércios e outras residências. É perceptível a omissão dos gestores públicos. Conversamos com uma moradora²⁷ que recebeu uma das casas populares, porém a vendeu. Questionamos como ela foi escolhida para receber a casa e por que a havia vendido?

Na época o prefeito perguntou se eu queria uma casinha lá no bairro novo perto da BR, respondi que sim porque não queria continuar morando na roça. Recebi a casa mais lá é ruim, o bairro não tem rua calçada é poeira ou lama na época da chuva, os meninos adoece demais. (sic).

O relato da moradora demonstra a dificuldade em se adaptar no bairro sem infraestrutura, além da transferência de pessoas do campo para a área urbana, menosprezando o modo de vida que desenvolvem na área rural.

No que se refere ao setor de atendimento médico, a sede do município possui um Hospital Municipal (FIGURA 9), localizado no bairro São Geraldo, e uma unidade de Saúde Central - Secretaria Estadual de Saúde de Minas Gerais. O atendimento é direcionado a consultas, partos e cirurgias simples, pois casos que requerem tratamento mais específico são encaminhados para Montes Claros. O município tem três ambulâncias, duas ficam à disposição do Hospital, a outra no Distrito de Muquém e na Comunidade Riacho das Pedras existe um veículo que fica à disposição da população em caso de emergência. A Figura 10 retrata o abandono do único cemitério de Mirabela no bairro Bela Vista, próximo do Hospital.

²⁷ A moradora não permitiu sua identificação.



Figura 9: Hospital de Mirabela.
Autora: FONSECA, G. S, 2008



Figura 10: Cemitério de Mirabela – sem muro.
Autora: FONSECA, G. S, 2008.

A Figura 9 mostra a entrada do Hospital de Mirabela que atende a população local graças aos recursos do Sistema Único de Saúde - SUS -. Na Figura 10 temos o cemitério sem muro, fugindo das normas de saúde. É lamentável que o entendimento de saúde continue sendo a medicina curativa, com construção de postos, hospitais e clínicas.

A cidade ainda conta com uma unidade da Fundação Nacional de Saúde -FUNASA - que concentra ações de controle, prevenção e combate a doenças comuns na região (chagas, esquistossomose, dengue...). Há também clínica dentária em dois postos de saúde; um laboratório privado de Análises Clínicas, que presta serviço à Prefeitura, e três consultórios dentários. No Distrito de Muquém, Comunidade Riacho das Pedras e no Povoado de São Bento existem Postos de Saúde que funcionam com precariedade.

No que diz respeito à água consumida no perímetro urbano, a Companhia de Saneamento do Estado de Minas Gerais – COPASA - é responsável pelos serviços de captação em três poços tubulares, tratamento e distribuição da água, atendendo a 99,09% dos domicílios. Apesar de pertencer à Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco – sub bacia do Rio Verde Grande, não há rios com grande volume de água próximo da sede, fato que propicia a abertura de poços tubulares pela Copasa e por alguns comerciantes – inclusive há uma empresa que atua no setor no município e região. A cidade não conta com rede de esgoto, que é todo lançado em fossa séptica e a Prefeitura dispõe de uma bomba de sucção para esvaziamento. A Figura 11 representa uma rua da cidade com esgoto exposto.

Quanto à limpeza urbana, está é realizada pela Prefeitura Municipal de forma precária, não existem horários ou dias determinados para a coleta do lixo e quando

coletado (séptico e residencial) é lançado em uma área a 4 km do perímetro urbano, contribuindo para a proliferação de doenças.



Figura 11: Esgoto em uma rua de Mirabela
Autora: FONSECA, G. S, 2008



Figura 12: Contêineres abandonados
Autora: FONSECA, G. S, 2008.

As Figuras 10 e 11 demonstram a ineficiência dos gestores públicos em aplicar verbas no setor de saúde, pois a rede de esgoto poderia reduzir os gastos com medicamentos, dando à população melhor qualidade de vida. É visível também a sujeira na cidade, uma vez que os contêineres da Prefeitura Municipal de Mirabela, que poderiam receptor o lixo, estão abandonados, enferrujando.

As condições sanitárias da área rural são mais agravantes do que as do meio urbano, pois as formas de captação de água são as mais variadas: rios, córregos, poços artesianos e tubulares. A água não recebe qualquer tratamento e as famílias, em sua maioria, utilizam apenas o filtro de barro como forma de purificar a água, é rara a casa que possui instalação sanitária, por isso dejetos são depositados *in natura*, o que favorece a proliferação de doenças e a contaminação de fontes de água.

O fornecimento de energia elétrica no município é feito pela Companhia Energética de Minas Gerais - CEMIG -, o total de ligações na cidade é de 3.050, o que corresponde a 77,41% do atendimento; no espaço rural pouco mais de 50% das propriedades são abastecidas com eletricidade. O fornecimento de energia elétrica vem sendo ampliado nos últimos anos, em função das parcerias dos governos estadual e federal que têm implantado ações efetivas, como o Programa Luz para Todos.

No setor educacional, conforme dados coletados na Secretaria de Educação (2008), há duas escolas municipais na sede, que atendem o ensino fundamental, educação de jovens e adultos e um Centro de educação infantil; na área rural há

escolas do ensino fundamental em Riacho das pedras, Riachão, Ana Gonçalves, São Bento, Caraibinhas, Barra da Taboquinha, Córrego do Chápeu e Degredo, existe o transporte gratuito para os estudantes do campo cursarem o ensino médio na escola estadual da sede, porém é bastante precário.

Na cidade de Mirabela existem duas escolas estaduais que atendem aos estudantes do ensino fundamental e médio, apenas uma escola da rede privada do ensino infantil e no Distrito de Muquém há um educandário da rede estadual. Apesar da proximidade da cidade de Mirabela com Montes Claros (56 km – em linha reta) não existe nenhum convênio da Prefeitura com as Universidades e Faculdades para ministrar cursos técnicos ou superiores, inclusive no recente processo de seleção para a Universidade Aberta do Brasil não houve encaminhamento de demanda para a UNIMONTES, nem para as instituições de ensino superior que atuam na modalidade de educação à distância. É válido, lembrar que o município não possui biblioteca pública, as existentes são pertencentes às escolas, e normalmente são utilizadas apenas pelos estudantes; ainda assim são precárias, além de não desenvolverem projetos de estímulo a leitura.

Dados do IPEA (2000) revelam que a taxa de analfabetismo da população mirabelense de 25 anos ou mais alcança 31,9%, mais que o dobro da taxa estadual, que chega a 14,8%. Ao analisarmos a média de anos de estudo da população da mesma faixa etária (3,7), percebemos que fica abaixo da média estadual (5,6). O percentual de habitantes com menos de quatro anos de estudo é expressivo, 55,8%, e ainda mais elevado (82,5%) o percentual da população que não completou oito anos de escolaridade. O que percebemos em Mirabela é similar a outros municípios do norte mineiro, a educação não é prioridade do poder público, e alguns jovens em função da necessidade de trabalhar para sobreviver, abandonam os estudos, uma vez que conciliar os dois requer maior esforço.

Quanto ao setor de segurança pública, Mirabela apresenta, segundo relatórios da Polícia Militar e Civil (2008), baixo índice de criminalidade, as ocorrências são geralmente de furtos de aparelhos eletrônicos, brigas envolvendo pessoas embriagadas (o consumo de bebidas alcoólicas também é responsável por agressões a crianças e mulheres). O município conta com um delegado, um escrivão, dois detetives da Polícia Civil, cinco policiais da Polícia Militar, uma viatura e uma moto para patrulhamento.

No que se refere às atividades econômicas do município, essas não suprem a demanda de emprego, agravando a situação econômica e social. No campo a agricultura é basicamente de subsistência, cultivo de milho, mandioca, feijão, cana-de-açúcar, hortaliças, coleta de frutos do cerrado, alguns postos de trabalho temporário gerados pela transnacional Nestlé, que possui uma área de plantação de eucalipto e a extração de areia por empresas com sede em Montes Claros, que geralmente trazem os próprios funcionários.

A pecuária apresenta destaque, existe a Cooperativa Agropecuária Regional em Mirabela, responsável pela pasteurização de leite; e a expressiva criação de bovinos para corte, a cidade conta com aproximadamente trinta açougues - a maioria pertence ao mesmo comerciante - a carne de “sol” é conhecida como uma das mais saborosas da região norte mineira, entretanto é perceptível o descuido da vigilância sanitária em determinar normas de higiene, pois as carnes são expostas de forma inadequada, conforme a Figura 13. A Figura 14 retrata um fato comum em frente aos açougues: água com odor escorrendo.



Figura 13: A carne exposta em madeira.
Autora: FONSECA G. S, 2008,



Figura 14: Água suja em frente um açougue
Autora: FONSECA G. S, 2008,

As imagens expressam visivelmente a falta de higiene, observe a altura em que são colocadas as linguças, a coloração da água que escorre. O açougue apresentado na Figura 13 fica localizado na Avenida Waldemar Rabelo da Silva, onde há um volume maior de circulação de veículos - é válido salientar que não há abatedouro no município - fugindo às normas de higienização.

Conversamos com moradores sobre a situação e basicamente todos ponderaram que a comercialização de carne poderia ser uma alternativa de geração de emprego - caso fosse agregado valor ao produto - construindo churrascarias ou

até mesmo restaurantes que comercializassem a carne, principalmente pela localização da cidade às margens da BR 135.

Dentro desse contexto analisamos os setores que geram postos de trabalho na sede do município. O comércio absorve parte dos trabalhadores locais, assim como o setor industrial, que conta com duas empresas de produtos cosméticos, gerando mais empregos indiretos do que diretos. Outra fonte de trabalho é a Prefeitura, principalmente nos setores de educação e saúde, contudo alguns cargos que requerem nível superior e / ou técnico (mão-de-obra qualificada) são ocupados por profissionais que não são mirabelenses, como é o caso de trabalhadores montesclarenses nas instituições como Banco do Brasil e Delegacia; além de assumirem cargos como médicos, enfermeiros, dentistas, psicólogo e professores da rede estadual. Para estes Mirabela é apenas o local de trabalho – migração pendular.

A sobrevivência da população mirabelense que não tem uma fonte de renda fixa e baixa escolaridade é agravada cada ano em função do longo período de estiagem na região, com exceção do verão que é chuvoso, o restante das estações apresentam seca. Dessa forma muitas pessoas que vivem no campo e algumas que moram na cidade migram temporariamente para outras regiões em busca de trabalho. Everett Lee (1980, p. 99) define migração como “uma mudança permanente ou semipermanente de residência”, nesta ótica podemos incluir algumas mobilidades de mirabelenses.

O fenômeno das migrações temporárias é característico da população de menor poder aquisitivo de alguns dos oitocentos e cinquenta e três municípios de Minas Gerais, principalmente das regiões Norte e Vale do Jequitinhonha²⁸. Silva (1999), na obra *Errantes do fim do século*, faz uma abordagem dos migrantes do Vale do Jequitinhonha que cortam cana-de-açúcar em Ribeirão Preto – SP. Andréa Maria Narciso Rocha de Paula e Carlos Rodrigues Brandão²⁹ (2006, p. 107) endossam “(...) são muitos e muitas os trabalhadores e as trabalhadoras que continuam seguindo novas e velhas rotas migratórias para outras regiões em busca da sobrevivência e da esperança de retornar (...)”, real situação de muitos mirabelenses.

²⁸ Região composta por 74 municípios, situada no Nordeste do estado de Minas Gerais, marcada pelo período de seca (março a novembro) e enchentes do rio Jequitinhonha (dezembro a fevereiro).

²⁹ Pesquisadores que abordam as migrações dentro dos estudos da cultura popular.

Diante deste cenário surgiu a necessidade de saber da Administração Municipal: Quais são as maiores dificuldades e as prováveis soluções em administrar o município de Mirabela? O que o poder público tem feito para auxiliar na melhora de vida dos trabalhadores que migram todos os anos?

As indagações foram feitas ao então Prefeito Carlúcio Mendes Leite, que nos concedeu uma entrevista em maio de 2008. Conforme o Prefeito, que está no terceiro mandato, a principal dificuldade em administrar o município de Mirabela:

É a baixa arrecadação, o recurso que o município tem gira em torno das despesas, folha de pagamento do pessoal que trabalha e aposentados, luz, água, telefone, despesas para o básico que não pode faltar, a quitação da dívida com o INSS (algo em torno de cento e trinta mil por mês), a arrecadação é pouca e a falta de recurso impede de fazer o que a população precisa. (sic)

O Prefeito associa os gastos elevados com manutenção de serviços básicos e, principalmente, a folha de pagamento dos servidores ativos e inativos; ele alega que os recursos são insuficientes para um município norte mineiro. Um fato interessante é que o poder público aponta a baixa arrecadação, contudo não cobra dos moradores o Imposto Predial e Territorial Urbano - IPTU - que poderia servir para financiar pequenas obras. O pagamento do IPTU é efetuado quando a população tem interesse, não há qualquer cobrança.

Segundo o Prefeito, mais de 50% da arrecadação (aproximadamente 600 mil reais - arrecadação do município) é utilizada para pagamento dos servidores ativos e inativos. Questionamos sobre as possíveis soluções para os problemas do município e Carlúcio pontuou:

Solução não é fácil, uma solução é a redução da folha de pagamento dos funcionários, os servidores oneram o município, tem muito servidor inativo, doentes, para você ter uma ideia no mês de março a Prefeitura teve quinhentos e setenta três funcionários, apesar de que os que estão atuando não suprem as necessidades, falta gente nos setores de educação, saúde (sic).

O Prefeito apontou a redução dos funcionários como alternativa, porém o mesmo disse que falta servidor no setor de saúde e educação. Consideramos que a alternativa não é a demissão de servidores, mas talvez promover concursos públicos para suprir a necessidade, não permitindo a contratação de pessoas pelo “apadrinhamento” – nepotismo, que geralmente recebem sem trabalhar.

Para Carlúcio Mendes Leite tudo que o poder municipal pode fazer para gerar postos de trabalho tem sido feito, inclusive a criação de uma área industrial com

isenção de impostos - ferindo a Lei de Responsabilidade Fiscal. Entramos na velha concepção de alguns políticos que defendem a indústria como alternativa na geração de emprego, entretanto a instalação de pólos industriais deve ser repensada diante da modernização e automação que tem substituído o homem por máquinas, aumentando a produção e reduzindo custos. Mirabela não possui mão-de-obra qualificada para indústrias, sendo assim, a vinda destas para o município não seria a melhor solução para gerar emprego e renda.

O Prefeito alega que a proximidade do município de Mirabela com Montes Claros afugenta empresas que preferem se instalar em Montes Claros, por ser cidade pólo do norte mineiro, ter mais vias de escoamento, aeroporto, universidades (...), enfim percebemos a impotência e o pessimismo em atender as necessidades da população, alegando sempre a baixa arrecadação e o elevado déficit público - realidade de grande parte dos municípios brasileiros. No norte de Minas Gerais não poderia ser diferente.

É fato que grande parte dos pequenos municípios do Brasil vive apenas do Fundo de Participação dos Municípios - FPM -, e que o déficit público existe - Mirabela não foge dessa realidade. Porém, é necessário que os municípios com baixa arrecadação pesquisem o seu potencial econômico e promova alternativas coerentes com sua realidade – podendo direcionar atividades ligadas ao comércio, turismo ecológico, fortalecimento da agropecuária, instalação de pequenas fábricas, incentivo à comercialização do artesanato, gerando trabalho, melhorando as condições de vida da população.

Indagamos ao Prefeito se o poder público tem um levantamento sobre a quantidade de pessoas que migram anualmente? Para onde vão? Que atividades exercem? Como o poder público avalia a situação dos migrantes temporários? Ao retornarem para o município, em quê os migrantes investem o dinheiro que ganham trabalhando em outras regiões? De acordo com o Prefeito não há estudos, dados da quantidade de migrantes, quem são, para onde vão e o que fazem; nem mesmo a Câmara Municipal tem levantamento sobre a população flutuante, contudo comenta:

Todos os municípios do norte de Minas Gerais possui trabalhador que saem por causa da seca, já pensei muito sobre a migração, o que fazer? Só que os empregos daqui não suportam a demanda e o pouco recurso dificulta muito nosso trabalho. (sic)

É sabido que muitos migrantes, ao retornarem, movimentam o comércio local, principalmente na compra de material de construção e alimentos, porém o Prefeito enfatiza que existem também vários problemas com determinados grupos de migrantes:

Neste ano de 2008, uma turma foi para Goiás e por estar passando fome lá, nós tivemos que mandar buscar é sempre assim, toda vez, a Prefeitura tem de providenciar o retorno das pessoas, onerando os cofres públicos, achar uma solução para eles não sair eu não sei, pode ser que com a construção da rede de esgoto que encontra em licitação ocorra uma amenização, não solução. (sic)

O fato relatado pelo Prefeito diz respeito ao deslocamento de trabalhadores para o Estado de Goiás, levados para colher algodão por um “agenciador” de Brasília de Minas. Quando chegaram ao local, viveram em regime de trabalho escravo; diante disso, a Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Recurso Social enviou dinheiro para aquisição de passagens e o retorno dos trabalhadores, uma vez que em função do ano letivo escolar não poderia enviar os ônibus para buscá-los. Apesar de reconhecer as dificuldades dos migrantes mirabelenses, assegura que não há recursos suficientes para atender as necessidades destes trabalhadores.

Mencionamos os quatro assentamentos existentes no município – três do Programa do Crédito Fundiário e um do Banco da Terra. Questionamos se estes podem ser uma provável alternativa para a sobrevivência destes trabalhadores - o Prefeito disse que a Prefeitura tem acompanhado e apoiado o trabalho do pequeno produtor rural, mas o dinamismo dos assentados depende de verbas do governo estadual e federal. Ao visitarmos um assentamento e conversando com o representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mirabela, notamos que o apoio dado pela Prefeitura restringe-se à manutenção das estradas de acesso à cidade. Perguntamos ao prefeito se existe alguma possibilidade de geração de postos de trabalho imediato ou em médio prazo, ele disse:

Não, se criar muita coisa, acaba nada dando certo nada. Acredito que com a indústria de Biodiesel em Montes Claros, Mirabela pode ser beneficiada, estamos lutando para ter uma esmagadora na cidade.(sic).

Uma esmagadora em Mirabela não vai gerar postos de trabalho para a população migrante. O que poderia ser desenvolvido seria a capacitação dos migrantes para plantação de oleaginosas para a fábrica de Biodiesel Darcy Ribeiro,

uma vez que estão acostumados a trabalhar em atividades agrícolas. A fábrica de Biodiesel desde a inauguração funciona com oleaginosa proveniente de Goiás.

A opinião de alguns moradores que nasceram e vivem em Mirabela, sobre a mobilidade temporária difere da do Prefeito. Um servidor público estadual aposentado (que não autorizou sua identificação) aponta:

O problema é a falta de conhecimento dos administradores públicos que desconhecem os meios de aumentar a arrecadação do município, gerando trabalho para o pessoal que saem todo ano. Nós não temos a violência dos grandes e médios centros, agora minha tristeza é que os jovens saem e poucos retornam. (sic)

Moradores que fazem parte da população ativa alegam que os problemas do município não diferem dos demais municípios da região norte mineira, ou seja, “a inexpressiva posição política junto aos governos estadual e federal, além da “indústria da seca”, que dificulta viver em Mirabela.”.

Um jovem de dezenove anos reforça:

Mirabela é ótima pela tranquilidade, só que falta espaço de lazer e oportunidade de trabalho, às vezes vamos para Montes Claros estudar e ao terminar um curso, seja ele técnico ou superior, o município não absorve a mão-de-obra, a não ser que seja aprovado em concurso. Conheço muita gente que vai trabalhar no café por não ter serviço aqui. (sic)

Neste contexto, podemos afirmar que embora os mirabelenses enfrentem grandes problemas, existe uma forte relação de identidade com o município. O sentimento de identificação e integração é denominado de topofilia “[...] o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico [...]”. (TUAN 1980, p.106). A pessoa constitui vínculo de afetividade com o lugar de vivência, propiciando as mais variadas relações amistosas, adquirindo razão de ser. Um mirabelense de trinta e nove anos que conhece a realidade de Mirabela afirma:

O que seria de Mirabela se não fosse os aposentados e os servidores públicos, o dinheiro que circula sempre é deles, é assim vamos vivendo, sem esperar dos governos, fazendo nossa parte, melhorando o lugar que moramos. O pessoal que vão trabalhar fora movimenta o comércio, quando chega, pena que o dinheiro é pouco (sic)

Percebemos que o mirabelense acredita na força da população para melhorar a dinâmica econômica e social do município.

Mirabela, apesar dos problemas mencionados, é um lugar tranquilo, próprio para os amantes da vida pacata, sem engarrafamento no trânsito, noites com temperaturas amenas em função da altitude da cidade, 800 m - calmaria permanente, tamanho é o sossego que é comum ver crianças brincando nas ruas,

indo para a escola sem a presença dos pais. Os pesquisadores Andréia Narciso Rocha de Paula, Maria das Graças Campolina Cunha Gama e Carlos Rodrigues Brandão ³⁰ (2007, p.16) complementam:

A ocupação de um espaço por um grupo de pessoas envolve a construção e transformação deste espaço para prover as necessidades de sustento, de moradia, de manifestações diversas de fé, crenças e partilhas, da sociabilidade e das culturas que estas pessoas carregam de seus lugares. [...] Este espaço construído e habitado se transforma em lugar, a partir das relações que vão se estabelecendo entre as gentes, na construção de suas histórias.

O povo mirabelense construiu sua história de forma simples, hospitaleira e, por tradição, com grande amor a terra, aqueles que mudam para outras cidades normalmente retornam nos festejos religiosos, entre outros, tal fenômeno é explicado uma vez que as identidades são elaboradas pelas pessoas, que absorvem valores do espaço do lugar ao qual pertencem. A cultura mirabelense é repleta de crenças, costumes - como as folias de reis, cavalhadas, lendas, pastorinhas, festa do Divino, cantigas e danças. As lendas folclóricas Romãozinho, Lobisomem, Mãe d'água, Mula sem cabeça, o gritador, superstições como a Benzedura - pelas senhoras mais velhas, são representações mantidas ao longo das gerações.

No município de Mirabela a maioria dos festejos está ligada à Igreja Católica, apesar de existirem outros sincretismos religiosos, contudo o predomina-se o catolicismo, que exerce forte influência tanto na área urbana como na rural. A Igreja Católica desenvolve, através da Pastoral da Criança, um trabalho louvável em relação à desnutrição infantil - merecedora de prêmio nacional no combate à queda na taxa de moralidade infantil.

A festa tradicional de Mirabela, que foge aos preceitos do catolicismo, é realizada no último final de semana do mês de agosto, conhecida como “Festa de Agosto” – algumas ruas são fechadas para montagem de praça de alimentação e um palco para shows regionais e de trios elétricos baianos. Na madrugada do domingo grande parte da população (principalmente a mais jovem) acompanha o trio elétrico por várias ruas, a cidade não dorme – é a chamada alvorada.

Pela vocação agropecuária ocorrem também vaquejadas, rodeios na sede, no Distrito de Muquém e no Riacho das Pedras, em todos esses locais existem os parques próprios para o evento.

³⁰ Pesquisadores que discutem as construções e transformações dos lugares.

As demais festas estão ligadas à religiosidade católica e movimentam a população direta ou indiretamente. Na Festa do Divino são realizadas novenas, leilões, barraquinhas e quermesses; todas as “atrações” ficam a cargo dos responsáveis pela organização da festa, nomeados no ano anterior (“noiteiros”). No decorrer da festa ocorrem apresentações da cavalhada³¹ em torno da Igreja. No conagraçamento acontece uma procissão, com a presença de crianças vestidas de príncipes, princesas, família real, a banda de música local, os marujos, a cavalhada e os fiéis cortejando o Divino Espírito Santo – em seguida é rezada a missa e distribuído um lanche coletivo.

A festa de Corpus Christi é, sem dúvida, a mais bela da cidade, pois todo o trajeto por onde passa a procissão é ornamentada com serragem, formando lindos desenhos bíblicos. A população envolve-se na decoração feita na madrugada – período em que os moradores das ruas enfeitadas fornecem café, chá, biscoitos para as pessoas que desenharam, colorem, colocam e retocam a serragem sobre os desenhos no calçamento. A procissão é acompanhada pela banda de música e pelos fiéis que levam o Santíssimo, entoando hinos de louvores.

Características da área rural, as Folias de Reis e as Pastorinhas permanecem vivas, assim como o dia três de maio - sagrado, quando o povo se reúne para a Reza da Santa Cruz, a tradição consiste em rezar ajoelhado em um espaço grande, conhecido popularmente como os “terreiros da casa” – muitos fiéis ficam com os joelhos ensanguentados, tudo em prol da fé.

Em todo o sertão mineiro é comum a Reza pela chuva, Mirabela não poderia fugir da regra. Aproximando-se os meses de junho a agosto várias pessoas se reúnem nas Igrejas, residências ou debaixo de árvores para efetuar a novena, no nono dia todos levam ramos e flores que são depositados em uma Igreja, um cruzeiro ou cemitério; através do ritual, aguardam esperançosos pela chuva.

As festas juninas representam outra riqueza da cultura de Mirabela, tanto na cidade como no campo, o mês de junho é repleto de comemorações, nos dias de São João, São Pedro, São Paulo e Santo Antônio. Além dessas festas temos em dezembro as comemorações natalinas – regadas de presépios, apresentações das crianças; em janeiro há a festa do Padroeiro da cidade, São Sebastião (lembrando que é ele o proprietário de parte da cidade).

³¹ A cavalhada é comum no norte de Minas Gerais – o sentido é demonstrar a luta do cristianismo em combater o paganismo.

Não podemos deixar de abordar a importância dos seresteiros que integram a cultura mirabelense, o saudoso Zé Coco do Riachão – conhecido internacionalmente pela confecção de rabeca – participou várias vezes do programa de Rolandro Boldrin, na TV Globo – exibido nas manhãs de domingo, fez turnês pela Europa, México e Argentina. Os seresteiros são pessoas que alegram e encantam as pessoas ao sair pela noite cantando modinhas apaixonadas. No que se refere às belezas naturais, Mirabela conta com grutas, córrego da Água Limpa, cachoeira do Riachão e a encantadora flora do cerrado.

Finalizamos esta seção pontuando que mesmo como as dificuldades em termos de infraestrutura em que vive a população mirabelense, existe uma identidade presente nos valores simbólicos, festejos (...). Claval (2001, p 66), afirma: “A construção das identidades está intimamente ligada à organização territorial e a maneira como é percebida por quem é responsável por essa organização ou a experimenta”, ou seja, as representações da identidade mirabelense estão susceptíveis a diversas experiências e dinâmicas. Neste sentido o processo de constituição da identidade dos migrantes temporários mirabelenses passa por des-territorialização, pois saem para trabalhar unicamente pela necessidade, o desejo maior é permanecer no lugar - Mirabela.

2.1 O trabalho e o processo migratório

A mobilidade temporária dos mirabelenses não é recente, ou seja, é um processo que vem passando por várias gerações, avós, pais que criam (ram) os filhos com o dinheiro que ganham (ram) na colheita de café, no corte de cana-de-açúcar, entre outras atividades. O relato do Sr. João Soares Fonseca, de 73 anos evidencia tal fato.

Quando eu tinha oito anos trabalhei na colheita de algodão – perto de Bocaiúva - foi quando comprei lá o meu primeiro sapato. Em 1953, com dezesseis anos fui para o corte de rami em Uraí - norte do Paraná, as coisas por aqui estava muito difíceis. Não era como hoje que tem estudo, ajuda do governo, naquela época a gente ia de caminhão pau-de-arara para Montes Claros, de lá ia de trem até Belo Horizonte para tomar um outro trem para o Paraná. Um lugar frio de doer. Trabalhei cinco meses, sem vir aqui. Quando voltava a gente não sabia se ria ou chorava, por que tinha a certeza da necessidade de ir novamente, eu fui cinco vezes. (sic)

Everett Lee (1980, p. 103) afirma que “(...) a decisão de migrar nunca é completamente racional, sendo que para algumas pessoas a fundamentação

racional é bem inferior à irracional”. A decisão de migrar é individual ou em familiar pode ser motivada por um conjunto de fatores, no caso específico do Sr. João Soares o que predominou foi o econômico, migrou aos oito anos e posteriormente aos dezesseis; afastar dos pais, do lar representa uma ruptura dos vínculos familiares, da escola, dos amigos, ou seja, do cotidiano do lugar.

A história de vida do Sr. João Soares Fonseca é similar a de muitos norte mineiros. Filho de pais analfabetos - dono de uma pequena propriedade de terra entre os municípios de Mirabela e Brasília de Minas, começou a trabalhar aos cinco anos ajudando seus pais no plantio de feijão, milho, cana-de-açúcar (reservada a moagem para produzir rapadura), mandioca (destinada à produção de farinha – artesanal), enfim, produtos de subsistência.

Conforme o relato do Sr. João Soares, aos oito anos foi com o irmão (12 anos) para a colheita de algodão, ao retornarem continuavam auxiliando nas atividades agrícolas e no manejo do gado (criado apenas para o leite da família). Ao completar quinze anos, a única irmã de seis anos morreu de sarampo – causa do suicídio do pai (alcoólatra). Com a morte do pai, as dificuldades aumentaram e o Sr. João passou a migrar cinco anos consecutivos para o corte de rami no norte do Paraná. Durante esse período ficou noivo, no entanto a noiva devido à demora e a falta de notícias não aguardou seu retorno e casou-se com outro.



Figura 15: O Sr João, irmão e respectivas esposas no sítio.
Autora: FONSECA, G. S. 2007

Na Figura 15 temos, da direita para a esquerda, o Sr. João e sua esposa, dona Adelaide, a dona Joana e o Sr. Deraldino, irmão do Sr. João, que também já foi migrante.

O Sr. João afirma que até mesmo enviar uma carta no período que migrava era quase impossível, deixando os familiares com o receio de que tinha morrido.

Quando a gente chegava era aquela festa, pois tinha muitos pais que deixava os filhos no colo, ao voltar já tava andando. Tinha caso de homem chegar e a mulher já ter amigado com outro. Comigo aconteceu que fiquei noivo, pedi um “amigo” para ficar de olho, quando voltei ele tinha casado - e a “minha noiva” – grávida (risos - sic).

Os sentimentos expressos pelo migrante significam viver o cotidiano do trabalho e sonhar com o distante.

O casamento para o Sr. João foi o fator determinante para abandonar a migração, pois havia vivenciado o deslocamento de pais com os filhos e temia ver seus filhos futuramente migrando. O Sr. João inclusive presenciou a morte de um jovem que não aguentou o serviço, momento de muita tristeza para os que faziam parte do grupo, além de terem de contribuir para o enterro do rapaz no Paraná, pois o traslado ficava caro demais. A mãe e demais familiares foram avisados através de carta, o que significa que a notícia chegou quando o rapaz já havia sido enterrado.

Compreendemos o receio do Sr. João, uma vez que é comum o filho seguir a saga dos pais.

Como já falei fui cinco vezes, parei quando casei - sempre tive medo de meus filhos seguir o mesmo caminho, é dureza demais, um pai não deseja jamais isso para seu filho. Quando meu primeiro filho nasceu fiz de tudo para que ele estudasse e nunca fosse trabalhar fora. (sic)

Criei meus oito filhos com muita dificuldade, até fome passamos, mais todos estudaram e hoje sinto aliviado de não ter deixado eles nesta vida, aqui tem muita gente que continua indo pro café, cana, carvoeira, netos de meus comrades que foram na mesma época que fui. (sic)

Notamos que o Sr. João Soares, apesar das dificuldades e o fato de ser praticamente analfabeto³², conseguiu visualizar na educação a solução para que seus filhos não tivessem que migrar. Atualmente (2009) o Sr. João é doente renal crônico, vive em Montes Claros de segunda a sexta (devido às seções de hemodiálise), no sábado e domingo fica no pequeno sítio – localizado na divisa dos municípios de Mirabela e Brasília de Minas.

É importante mencionar o papel de dona Adelaide, esposa do Sr. João, na vida dos migrantes temporários da área rural da Comunidade Riacho das Pedras. Por possuir telefone no sítio em que vive, dona Adelaide atende várias ligações

³² Consideramos o Sr. João praticamente analfabeto, porque tem domínio de cálculos matemáticos, assina seu nome, porém não consegue ler um pequeno texto.

daqueles que estão longe dos familiares. O domingo é o dia mais movimentado do sítio, pois as esposas e filhos dos migrantes vão esperar as ligações - presenciamos vários desses momentos. Dona Adelaide faz um controle das ligações solicitando ao migrante que ligue em determinado horário, para que não haja coincidência nos horários e dificulte a comunicação.

Conversamos com Lenita Souza, esposa de um migrante, que contou sobre as dificuldades que a ausência do marido causa. Mãe de dois filhos (cinco e sete anos) e grávida de oito meses, relatou que quando a filha nascer o marido estará longe, assim como aconteceu com os demais filhos. Solicitamos que falasse como é a vida distante do esposo.

Aqui as pessoas falam que nós que vive sem os maridos somos viúvas de maridos vivos, já acostumei o pior é que quando fico grávida, muita gente questiona como pode? O marido vive fora trabalhando igual um cavalo. Esquecem que ele vem ficar um tempo com nós. Agora que a criança vai nascer não tenho trabalhado, mais antes lidava na roça com minha mãe e as irmãs, a gente tem uma horta até boa. Recebo o dinheiro da bolsa família – meu marido fez uma feira boa – antes de ir – ele também manda um dinheirinho – a gente vai levando – agora vou receber o auxílio maternidade deve ser uns mil e pouco, vou aproveitar e aumentar o puxado da casa. (sic)

Apesar das dificuldades, a esposa do migrante demonstra otimista com a possibilidade de aumentar o tamanho da casa.

Perguntamos o que a deixou tão emocionada ao conversar com o esposo.

Muita saudade, hoje ele falou que sente falta demais dos meninos, ficou alegre com a notícia que vou ter uma menina – assim vai ajudar na lida da casa. Eu acho que chorei muito por causa da gravidez, afinal cresci vendo meu pai e irmãos indo trabalhar sabe Deus onde – agora é meu marido, depois pode ser o futuro dos meninos, vou acabar só com minha filha – até ela casa.r (sic)

A jovem de 22 anos, embora na terceira gravidez sem a presença do marido, apesar da saudade e das dificuldades é sorridente, espontânea e conformada, visualiza os filhos migrando e para a filha que ainda vai nascer um casamento, acreditando ser o melhor. O que ocorreu com a família do Sr. João é raridade no contexto regional, onde normalmente os filhos de migrantes são ou serão migrantes temporários.

As migrações internas temporárias, conforme Sorre (1984, p. 130), “implicam sempre a volta ao habitat inicial, sejam ou não periódicas”, os errantes não

abandonam o lugar de residência; ao retornarem podem sentir mais afetividade pelo espaço de vivência ou simplesmente topofobia³³, sem saber a qual local pertencem.

O processo migratório temporário dos mirabelenses funciona conforme a oferta de trabalho e as safras, para facilitar o contato com as fazendas os chamados “gatos” - “formadores de turma” – “turmeiros” – “agenciadores” – arregimentadores³⁴ - ficam responsáveis por “contratar” os trabalhadores. A geógrafa Amélia Damiani (2008, p. 45) pontua:

Migram temporariamente para outras zonas rurais, aproveitando o período de entressafra de suas próprias lavouras; “trabalhadores assalariados” (os chamados “bóias-frias”) que se afastam de seus lugares de residência por vários dias ou semanas, levados pelo “gato” para trabalhos “temporários” (...).

Os “gatos” são os mediadores nas migrações temporárias, normalmente já trabalharam como migrantes, mas perceberam a possibilidade de ganhar mais “organizando turmas”, passando a ocupar o ofício.

Em Mirabela há cinco pessoas na função de “gato”, no entanto, outros, de municípios próximos como Brasília de Minas e Varzelândia atuam no município. Devido às dificuldades de dialogar com os “gatos” de outros municípios, optamos por desenvolver nossa pesquisa apenas com os da cidade de Mirabela e com os trabalhadores que migram com eles.

Em um primeiro momento conversamos com todos juntos, posteriormente ouvimos relatos individuais do Sr. João Batista Vieira, Sr. José dos Reis Cardoso dos Santos (conhecido como Zé de Baio), Sr. Odílio Pereira da Silva, do jovem Fabrício Dias dos Santos e do Sr. Carlos Rodrigues de Oliveira, que esteve quase todo o ano de 2008 a trabalho em Barreiras-BA, vindo à Mirabela somente para buscar os trabalhadores.

A Tabela 1 retrata as migrações temporárias mais comuns dos trabalhadores de Mirabela-MG, conforme informações dos “turmeiros”.

³³ Conforme Tuan (1980), significa aversão a um determinado espaço.

³⁴ Menezes (2002, p.154) aponta: “(...) arregimentador, que, sendo da mesma região de origem dos migrantes, oscila entre a aproximação dos trabalhadores e dos gerentes da usina.

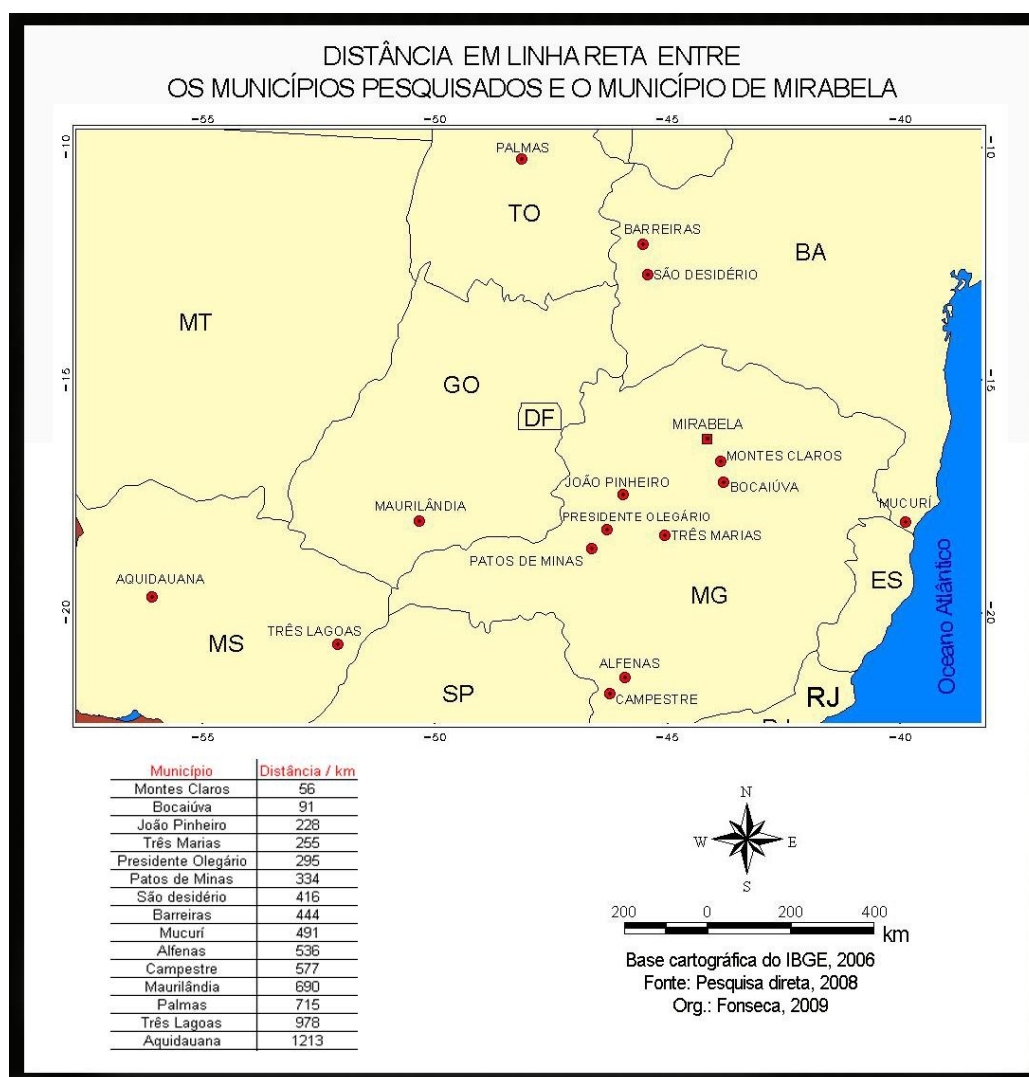
TABELA 1
MIGRAÇÕES TEMPORÁRIAS DE TRABALHADORES DE MIRABELA - MG

Organizadores das turmas	Atividades desenvolvidas	Destino	Período de permanência	Média de trabalhadores / sexo
Sr. João Batista Vieira	Colheita de café	Alfenas	Maio / Setembro	75 a 100 Masculino
Sr. José dos Reis Cardoso dos Santos	Colheita de café	Presidente Olegário – MG	Junho / Setembro	50 a 100 Masculino – Feminino
Sr. Odílio Pereira da Silva	Colheita de café	Patos de Minas-MG	Junho / Setembro	50 a 100 Masculino
	Carvoejamento	Municípios do norte de MG	Média de três meses - não há meses fixos	
	Corte de cana-de-açúcar	Bocaiúva-MG	Média de três meses – não há meses fixos	
Sr. Carlos Rodrigues Oliveira	Corte de madeira Carvoejamento Corte de cana-de-açúcar Colheita de algodão	Barreiras-BA São Desidério-BA Mucuri-BA Maurilândia-GO Palmas-TO Três Marias-MG João Pinheiro-MG Três Lagoas-MS Aquidauana-MS	Média de seis meses – não há meses fixos	45 a 100 Masculino
Fabício Dias dos Santos	Colheita de café	Campestre-MG	Maio / Agosto	50 a 100 Masculino

Fonte: Pesquisa direta, 2008 – Org: FONSECA, G. S. 2008.

Observamos na Tabela 1 que a maioria dos trabalhadores desenvolve atividade ligada à colheita de café. O deslocamento concentra-se nas áreas do Estado de Minas Gerais; quanto à quantidade de trabalhadores que migram esta depende da solicitação das fazendas; a permanência máxima é de seis meses, período longo, uma vez que parte dessas pessoas é casada e têm filhos. Quanto ao rendimento, segundo informações dos “gatos”, os trabalhadores ganham por produção.

O Mapa 3 evidencia as distâncias entre Mirabela e as principais áreas da mobilidade dos mirabelenses pesquisados. Novamente reafirmamos que ocorrem outras migrações, contudo priorizamos as apontadas pelos “gatos” de Mirabela.



Mapa 3: Distâncias entre Mirabela em relação às áreas de migrações e Montes Claros.

Consideramos as distâncias em linha reta para efeito cartográfico na elaboração do Mapa. Optamos em colocar Montes Claros também no Mapa 3 – por ser local de residência dos trabalhadores que ocupam os melhores postos de trabalho na cidade de Mirabela – a proximidade é um fator determinante.

Ao analisarmos a localização dos municípios percebemos que, com exceção de Bocaiúva, que também faz parte da mesorregião do norte, os demais municípios de Minas Gerais estão inseridos em outras regiões: Presidente Olegário e Patos de Minas – Triângulo Mineiro; os municípios de Campestre e Alfenas – Sul / Sudoeste de Minas Gerais; Três Marias, que faz parte da região Central e João Pinheiro, que fica no Noroeste mineiro.

Do município de Palmas – localizado na mesorregião oriental do Tocantins – é válido ponderar que a capital serve de ponto de apoio para o deslocamento entre

as fazendas que os trabalhadores vão exercer as atividades. Os municípios de Aquidauana e Três Lagoas – inseridas no Pantanal sul e leste do Mato Grosso do Sul, respectivamente são áreas em que os mirabelenses trabalham no corte de madeira, assim como Mucuri – no Sul da Bahia, Barreiras e São Desidério, no extremo oeste baiano.

Os municípios de Barreiras e São Desidério são complexos agroindustriais de soja, ocupados por migrantes sulistas ou “Gaúchos”³⁵. O oeste baiano requisita mão-de-obra barata para fazer o desflorestamento da área e recolher a madeira derrubada - apesar da distância entre estes municípios, em Mirabela vem sendo comum o fornecimento de trabalhadores para exercer tais atividades. Em geral, as condições de trabalho são piores do que na colheita de café, pois os alojamentos estão em pleno cerrado – arbóreo – característico da região, e o trabalho é mais árduo – implicando diretamente na produção.

A formação do “Novo Nordeste” tem gerado a des-(re)-territorialização, no entender de Haesbaert (2008, p. 381) “(...) processo de (des) (re) territorialização em curso nos cerrados baianos estende-se praticamente por todos os cerrados da região Nordeste (...)”.

A conotação da des-(re)-territorialização dada por Haesbaert (2008) é no sentido de que aqueles que ali nasceram e cresceram em geral desconhecem as imposições que os capitalistas têm implantado na área; conforme o referido autor, muitos dos moradores da região acreditavam que o Rio Grande do Sul ficava próximo do Golfo Pérsico, dessa forma, tornaram-se indivíduos sem condições de resistir à cultura dos “Gaúchos”. Para os migrantes donos do capital ocorre uma reterritorialização, produzindo espaços próximos dos seus costumes, crenças, re (construindo) a identidade. Àqueles que representam apenas a força do trabalho barato – mirabelenses entre outros – resta a saudade da terra de origem, cumprindo seu papel na expropriação do capital – migrante que luta pela sua sobrevivência e dos seus familiares.

Haesbaert (2008, p. 410) após entrevistar moradores da periferia de Barreiras aponta sobre a identidade:

Uma identidade são-franciscana (ou do oeste baiano) a ser “resgatada” parece assim totalmente deslocada da realidade quando se percebe que a

³⁵ No artigo de Haesbaert (2008) intitulado - “*Gaúchos e Baianos no “Novo” Nordeste: entre a globalização econômica e a reinvenção das identidades territoriais*” - os migrantes sulistas são denominados de Gaúchos.

região tem hoje a grande maioria de sua população constituída por migrantes, totalmente alheios a essas “raízes”, sem falar nos sulistas, defensores de suas próprias tradições.

A identidade dos lugares, da população local, assim como dos mirabelenses – migrantes temporários – deve ser vista na perspectiva de estar em constante metamorfose, em busca de novas significações, afinal faz parte das relações humanas tal fato, porém há de se temer um processo de aculturação. “Assim pensar o lugar a partir das identidades é também, necessariamente, refletir sobre a alteridade nos lugares”. (HISSA & CORGOSINHO, 2006 P.16). Deste modo podemos afirmar: é preciso fortalecer os laços da identidade dos lugares.

Quanto às migrantes citadas na Tabela 1, que se deslocam para Presidente Olegário - são casadas e viajam com os maridos, deixando os filhos menores aos cuidados dos avós; é válido salientar que há também casos de filhos (crianças) que migram com os pais – permanecendo em creches, enquanto os acima de quinze anos vão para a lavoura. Apesar de os “turmeiros” informarem que não levam menores, existem relatos de jovens que dizem ter migrado com quinze, dezesseis anos, alguns com os pais e outros sem eles.

Acreditamos ser de suma importância descrever quem são os homens conhecidos como “gatos”, uma vez que atuam como os principais agentes no processo de migração de Mirabela, por isso priorizamos suas histórias de vida.

Sr. João Batista Vieira – 62 anos (2008), é natural de São Paulo, casou-se com uma mirabelense e há onze anos mora em Mirabela. Desde 1999 migra para trabalhar na colheita de café, apenas uma vez foi para o corte de cana-de-açúcar; é pai de dois filhos (um com 20 anos e outro com 22 anos – (2008)) que também são migrantes nas colheitas de café.

Segundo o Sr. João, ele trabalhou pela primeira vez como migrante na colheita de café em Carmo do Paranaíba - Alto Paranaíba / MG, o “turmeiro” era o Sr. Odílio Pereira da Silva. Quanto às condições de trabalho, eram ruins, pois havia apenas um banheiro para mais de quarenta homens, o alojamento e a comida eram de péssima qualidade. Em 2000, foi colher café em Patrocínio – Alto Paranaíba / MG, o local de dormir era desumano, sendo necessário chamar a polícia que encontrou vários morcegos no alojamento, verdadeiros “barracos”.

Conforme o Sr. João, os melhores lugares para trabalhar são os municípios de Formiga – Centro-oeste de Minas Gerais e Alfenas – Sul de Minas Gerais, sendo

o último o local para onde leva trabalhadores para colher café, inclusive seus filhos tiveram a oportunidade de trabalhar com ele. Para o Sr. João, em Alfenas existe mais valorização da mão-de-obra, carteira assinada; iniciam o trabalho às sete horas, antes recebem café e dois pães com margarina. O almoço é servido no local de trabalho, bem reforçado (carne, verduras, feijão, arroz e macarrão), às dezesseis horas as atividades são encerradas, deslocam-se para o alojamento onde recebem o jantar – mesmo cardápio do almoço, todos recebem as três refeições diariamente – independe da produção. Questionamos sobre a qualidade da comida e o Sr. João foi categórico em afirmar:

Comida feita para muita gente, nunca tem o sabor da comidinha da nossa casa. Na casa da gente pode ser arroz, feijão e um ovinho e é gostosa, lá a comida não tem o mesmo sabor, mas é forte e deixa a turma pronta para aguentar o serviço. Tem gente que reclama que quando o marmitex chega a comida tá fria, outros que prefere macarrão no lugar de verdura, e assim vai, se for dar ouvir todas as reclamações, fico doido. (sic)

No que tange ao pagamento, recebem quinzenalmente; sobre o trabalho com carteira assinada e o valor da remuneração o Sr. João relatou.

Quem trabalha com carteira assinada tem segurança até para viajar, não precisa fugir da polícia, tem gente que vai até para dentro do mato pra fugir da BR. Se a medida de café custa cinco reais, é claro que muita gente não sabe disso - mais eu sou estudado, esclarecido -, eles paga três reais e cinquenta centavos, quatro reais, sempre falo que nada é de graça, eles tira o custo de transporte, comida. Olha eles paga dois mil reais um ônibus pra vir buscar a gente que vem vazio, é caro, de onde eles tiram esses dinheiro, do preço do café, do trabalhador (sic).

O Sr. João é um trabalhador consciente da lógica do capital, tem conhecimento do quanto são explorados.

*Geralmente os trabalhadores ao chegarem aqui (**Mirabela**), fazem uma feira grande pra manter até ir trabalhar de novo. O dinheiro que ganha é para comer, por que aqui é difícil, não tem serviço. (sic - grifo nosso)*

Nas palavras do pesquisador Heintz Dieter Heidemann³⁶ (2004, p. 28).

Cerca de 10% da população mundial, enfim, migra atualmente para se salvar dos pavores econômicos e de suas consequências. Desemprego em massa e pauperização tornam-se condição estrutural do mundo contemporâneo. “Os migrantes não constituem mais um “exército industrial de reserva”, mas, sim, integram um ‘lixo de difícil reciclagem humanística.”

Consideramos que Heidemann expressa a realidade dos trabalhadores mirabelenses e de vários outros migrantes do Brasil e demais países, podemos até

³⁶ Pesquisador da temática Migração. Colaborador do Serviço Pastoral dos Migrantes - SPM - que, em janeiro de 2003, organizou o III Fórum Social Mundial tendo como temática o Seminário “Novas formas de discriminação e alternativas de resistência dos migrantes”.

mesmo afirmar que a classe vive à mercê de políticas públicas - poucos são os interessados em propor alternativas, caminhos que amenizem o processo de desarraigamento sofrido pelos migrantes, o que se percebe é um interesse em manter a mão-de-obra barata, sempre disponível.

Os migrantes são tratados com desprezo por aqueles que os contratam – usineiros, fazendeiros entre outros, em geral desconsideram os direitos desses cidadãos, apesar de que, no entender de Heidermann (2004), não se trata apenas de assegurar direitos, mas estratégias de emancipação, é fato que com a ausência destes trabalhadores, há uma redução de lucros para aqueles que os exploram. Martins (1988, p. 54) aponta: “(...) para o migrante, o salário apenas *complementa* a sua reprodução e a de sua família como força de trabalho”. (grifo do autor). O capital não paga e nunca vai recompensar o trabalho do migrante temporário, que é produto da péssima distribuição de renda do Brasil.

Quanto às condições do alojamento de Alfenas há beliches e um banheiro para cada quatro homens, as roupas de cama, assim como os colchões, são dos trabalhadores - os migrantes deslocam de Mirabela para a área de trabalho levando roupas, alguns mantimentos e colchões. A Figura 16 mostra o alojamento que o Sr. João afirma ser o melhor dos que já conheceu.

Não tivemos a oportunidade de conhecer os alojamentos onde ficam os agentes do nosso estudo como Menezes (2002), que descreve minuciosamente os detalhes dos alojamentos da área pesquisada, com desenhos do interior dos dormitórios; porém, ousamos afirmar que os alojamentos deveriam ser arejados, limpos, com o mínimo de conforto para os trabalhadores descansarem, o que é perceptível na Figura 16 é que os alojamentos são inadequados.



Figura 16: Alojamento dos migrantes temporários - Alfenas-MG.
Autor: VIEIRA, T. Q, 2006.

A Figura 16 deixa evidente a falta de espaço, sendo necessário o uso de camas beliches – totalmente desconfortável para o migrante considerando o árduo serviço no decorrer do dia, sobre as intempéries do tempo. Sobre a estrutura dos alojamentos Menezes (2002, p 157) afirma:

As condições dos alojamentos são deploráveis. Entretanto, nesse ambiente degradado, os trabalhadores migrantes tentam criar um espaço social, em que a vida cotidiana assume significados e sentidos para além das condições espoliativas de trabalho e moradia.

A Figura 17 demonstra momentos de descontração, o espaço social abordado por Menezes (2002).



Figura 17: Trabalhadores de Mirabela-MG em Alfenas-MG.
Autor: VIEIRA, T. Q, 2006

A Figura 17 retrata a interação de alguns trabalhadores que foram com o Sr. João trabalhar em Alfenas em 2006, inclusive seu filho mais jovem.

As Figuras 16 e 17 foram fornecidas por Thiago Queiroz Vieira - filho do Sr. João. Thiago é um jovem de 20 anos (2008), com ensino fundamental incompleto (abandonou os estudos antes de completar a 9ª série), migrou duas vezes para a colheita de café, uma vez para Presidente Olegário (2005), com o “turmeiro” Zé de Baio, e em 2006 para Alfenas, com o pai. Sobre a migração de geração a geração Silva (1999, p. 63) aborda.

Desde a idade bem terna, os meninos, sobretudo, ao verem seus pais migrar, aspiram realizar o mesmo, assim “que tiverem idade”. Nestes casos, trata-se de um processo de introjeção de valores, de socialização para a migração. Esta socialização diz respeito à família e aos grupos de vizinhança.

O jovem Thiago disse que não pretende ir mais trabalhar na colheita de café - ganhou uma média de quinhentos reais por mês, valor considerável para realidade de Mirabela, porém sentia muito a falta da mãe (que veio a falecer na ausência dos filhos e marido), o fato retrata as perdas irre recuperáveis já mencionadas.

As perspectivas de Thiago e de seu irmão Rodney (22 anos / 2008), que também já migrou quatro vezes para Alfenas, é cuidar da terra que receberam no Assentamento Água Limpa, não pretendem mais voltar a colher café – reterritorialização, a permanência no espaço de vivência. Nesta decisão consideraram também o desejo da mãe, que não gostava que os filhos e o marido migrassem.

Sr. Odílio Pereira da Silva - 64 anos (2008), é natural de Brasília de Minas-MG, vive em Mirabela desde os quatorze anos. Em Engenheiro Dolabela – povoado do município de Bocaiúva – norte de Minas Gerais - trabalhou como fiscal no corte de cana por quatro anos; em Lagoa dos Patos - norte de MG, desenvolveu a atividade por oito anos em carvoeiras e por seis anos morou e trabalhou em uma fazenda em Carmo do Paranaíba - Alto do Paranaíba – MG. Para o Sr. Odílio: *“pior que trabalhar no corte de cana é o serviço de carvoeira, no meio do mato, morar em rancho de palha”*.

No município de Patos de Minas–MG – além de ter trabalhado na colheita de café, atuou e atua como “turmeiro”, o Sr. Odílio aponta as dificuldades de continuar como “gato”.

Hoje é muito difícil formar turma grande, muitos vão pra trabalhar e outros para bagunçar, dar despesas, muita dificuldade, tenho agora uma turma de apenas seis trabalhadores na região de Lapa do Espírito Santo – na beira do São Francisco no corte de madeira (sic).

Os filhos do Sr. Odílio, assim como os do Sr. João, também foram e continuam indo colher café, inclusive um foi trabalhar em Carmo do Paranaíba – MG e se fixou no município – buscou a reterritorialização em outro espaço, distante de Mirabela.

Dora Martins e Sônia Vanalli³⁷ (2004, p 75) apontam a região norte de Minas Gerais como “forte área de repulsão de população”. É notório que as características naturais semelhantes ao sertão nordestino contribuem para tal fato, porém a gravidade é maior ao analisarmos a manutenção do ciclo migratório por muitos líderes políticos da região, uma vez que no período eleitoral municipal há, mesmo que clandestinamente, transporte de eleitores de municípios mineiros e até de outros Estados para simplesmente participarem do processo “democrático”, que é a eleição no Brasil, o migrante passa a ter valor somente na eleição.

As Figuras 18 e 19 retratam os turmeiros Sr. Odílio Pereira e Sr. João Batista.



Figura 18: Sr. Odílio Pereira
Autora: FONSECA, G. S, 2008

Figura 19: Sr. João Batista
Autora: FONSECA, G. S, 2008.

³⁷ Na coleção Repensando a Geografia - *Migrantes* – as migrações internas são abordadas de forma clara e objetiva.

As imagens do Sr. Odílio e do Sr. João deixam claro que são homens humildes, trabalhadores transitórios que lutam pela sobrevivência enfrentando todas as dificuldades da migração temporária.

Sr. José dos Reis Cardoso dos Santos - “formador de turma”, conhecido como Zé de Baio, é natural de Mirabela, tem 46 anos (2008), apresenta um perfil diferenciado dos demais, pois, além de homens, também requisita mulheres casadas para a colheita de café, inclusive sua esposa foi migrante por seis anos consecutivos.

Há quatorze anos Zé de Baio trabalha como “gato” e colhedor de café em Santiago – povoado de Presidente Olegário-MG; pai de duas filhas adolescentes que não seguiram os passos dos pais – apenas estudam (ensino médio e curso técnico em enfermagem), além de ajudarem a mãe nos afazeres domésticos.

Ao ouvir os relatos de Zé de Baio, percebemos outra peculiaridade no grupo formado por ele, no que se refere às condições de trabalho.

O alojamento, o patrão paga o aluguel, água e luz, é fichado, tem transporte do povoado até o local de trabalho (dois km), trabalha cinco dias por semana, sábado e domingo é folga. Ficam duas famílias em cada casa - o que é família –marido e esposa, na casa dos solteiros fica dois em cada quarto, quando tem quatro quartos ficam oito homens. Lá tem cantina que fornece refeições, mais em geral o pessoal compra os alimentos e fazem suas comidas. De manhã recebe na plantação café com pão, as 11 horas almoçam, param o serviço às 16 horas. (sic)

Podemos denominar os trabalhadores que se deslocam para Presidente Olegário-MG de “bóias-frias”, uma vez que a refeição é feita à noite, jantar e almoço do dia seguinte, guardado em marmitas.

Conforme Zé de Baio a faixa etária dos migrantes que vão para Presidente Olegário é de 18 a 50 anos; homens e mulheres ganham por produção, uma média de trinta reais por dia. Para Zé de Baio, Mirabela é um lugar que “expulsa” a população e alega haver cinquenta trabalhadores que foram com ele para Presidente Olegário e não retornaram, alguns casaram e outros levaram suas famílias – novamente percebemos a reterritorialização em outro local.

Zé de Baio relatou um caso de desestruturação familiar, no ano de 2008, onde um migrante de Mirabela, que havia se fixado com a família em Presidente Olegário desde 2000, assassinou a esposa – agora está preso e os filhos estão morando com os avós maternos na cidade de Mirabela. A história deste migrante é conhecida por grande parte da população de Mirabela e por todos os migrantes

mirabelenses. Os pais da jovem assassinada apontam o consumo de bebida alcoólica como o responsável pela morte da filha.

No entender de Zé de Baio, os migrantes trabalham e ao retornarem investem todo o dinheiro no município, no entanto, os governantes municipais nada fazem em benefício dos trabalhadores.

*O dinheiro é gasto aqui, em média duzentos mil reais por ano – os que vão comigo - o pessoal manda dinheiro, investe em construção, compra de motos, eletrodomésticos, nos supermercados. O município não retribui em nada, nada, olha o tanto de casa aqui (**Bairro São João**), olha a rua como tá, só algumas casas têm água encanada, luz, a gente paga esgoto a gente paga e não tem. Eu mesmo já pensei em ir embora daqui, aqui em Mirabela é covardia para quem trabalha não tem nada. (sic - grifo nosso).*

Notamos na fala de Zé de Baio um sentimento de topofobia - aversão - não identificação com o lugar em que vive, ao contrário dos demais “gatos”. Quanto às reclamações do trabalhador são compreensíveis, expressam a indignação com tantos obstáculos encontrados em estabelecer uma vida harmoniosa.

As palavras de Maximilien Sorre (1984, p. 130) são precisas com as ideias de Zé de Baio.

Quando um grupo está perfeitamente arraigado ao solo, quando não apenas os recursos do meio estão em equilíbrio atual com suas necessidades, mas seus recursos potenciais equiparam-se ao crescimento demográfico, se nenhum evento exterior intervém, não há razão alguma para que seus membros abandonem o convívio grupal. A mobilidade desse grupo parece, em princípio, reduzida ao mínimo; tende a zero.

Com exceção das migrações forçadas, sejam elas por causas naturais ou por guerras, as demais poderiam ser evitadas, desde que a população encontre as condições de sobreviver com dignidade.

Ao retornar, Zé de Baio exerce a profissão de pedreiro, além de ser comerciante no ramo de Bares. Segundo ele, os demais migrantes em geral fazem “bicos”, aguardam a próxima safra, alguns vivem do seguro desemprego e das políticas assistencialistas dos governantes, como Bolsa Família e Fome Zero.

Questionamos sobre as atividades exercidas pelos mirabelenses que se fixaram em Presidente Olegário e Zé de Baio respondeu.

*Eles trabalham com lavoura, lá tem muita fazenda. A fazenda que nós trabalha lá tem serviço o ano todo, passou a safra eles dão baixa na carteira, aqui um dia de serviço é quinze reais, lá é vinte cinco, trinta reais, não falta serviço igual aqui. Eu já pensei em ir embora daqui, morar num lugar deste é covardia, o que tem de melhorar aqui é o povo que faz, sai para trabalhar volta e movimenta o comércio, aqui no meu bairro (**São João**) tem um funcionário que trabalha trinta anos na Prefeitura e não tem luz na casa, imagina nós que nem trabalha lá. (sic – grifo nosso).*

O desemprego é realidade no Brasil, porém o problema se agrava em determinadas regiões, como o norte mineiro. O fato de os migrantes saírem de Mirabela e permanecerem exercendo atividades na área rural reforça a importância de os municípios conhecerem o perfil da população para programar ações que criem trabalho para os moradores do lugar, buscando sempre o aperfeiçoamento para promover a reterritorialização, preservando valores, cultura.

Fabrizio Dias dos Santos – solteiro natural de Mirabela, há doze anos ocupa o ofício de “turmeiro” – sendo o mais jovem no município – trinta anos (2008). Migrou dois anos consecutivos para Presidente Olegário com a turma de Zé de Baio – a primeira vez com apenas dezesseis anos de idade.

São várias as particularidades da migração para Campestre/MG, a começar pela função de Fabrício na fazenda, que tem o papel de fiscalizar a turma - recebe diariamente setenta reais – nos sete dias da semana, exceção apenas para quando está chovendo, pois nesse caso não há colheita de café. Ao contrário de Presidente Olegário, em Campestre os trabalhadores trabalham no sábado até as onze horas e ficam em alojamento – modelo galpões, com três banheiros para trinta homens e uma cozinha. As camas beliches têm colchões, lençóis e travesseiros, ou seja, os migrantes não necessitam levar de suas casas.

Segundo Fabrício, os donos da Fazenda em Campestre são da Igreja Cristã do Brasil e proíbem consumo de bebidas alcoólicas, portanto, não há problemas com brigas, discussões no grupo. No sábado e domingo normalmente alguns vão à cidade de Campestre (6 km – tem transporte), contudo existe por parte dele o controle do consumo de bebidas, evitando o excesso, caso ocorra o contrário são dispensados de suas atividades e retornam para Mirabela e nunca mais farão parte do grupo.

O fazendeiro fornece os alimentos para os migrantes, que levam um casal para preparar a alimentação e fazer a higienização da área – cada migrante no ano de 2008 pagou o equivalente a cento e oitenta reais (R\$ 180,00), ou seja, em três meses o casal recebeu cinco mil e quatrocentos reais (R\$ 5,400), valor considerado elevado para os padrões de Mirabela. Quanto à alimentação são três refeições por dia, sendo que duas são servidas no alojamento, o café da manhã (café, leite, bolo, torta salgada, pão) e o jantar (arroz, feijão, verduras e um tipo de carne); o almoço é levado em marmitas até os cafezais.

No que se refere aos rendimentos, questionamos a Fabrício a média que os trabalhadores recebem ou receberam em 2008.

Ganham por produção em média oitenta reais até cento e quarenta reais por dia, pode receber quinzenalmente ou quando voltar. Depende da medida por litro, a medida é de setenta litros, a cada sessenta e oito litros eles pagam mais, depende também da quadra de café (a dificuldade de colheita) e a cotação do dólar. Em 2008 o pessoal ganhou assim, varia os mais fracos R\$3,500, os médios R\$4,500 e a turma melhor R\$ 6,500. (sic)

O valor para a maioria da população de Mirabela é elevado, porém temos que considerar as condições de trabalho, a distância dos familiares. O grupo que migrou em 2008 enquadra-se na faixa etária de 18 a 40 anos; dos trinta, apenas três são casados e têm filhos. Perguntamos por que houve redução na quantidade de migrantes para Campestre em 2008, uma vez que o próprio “gato” informou que já deslocaram com ele até cem trabalhadores. Conforme Fabrício, “*depende da florada do café, também tem a questão que o fazendeiro prefere menos gente, desde que sejam bons de serviço*”. O que notamos nessa ação é a redução de custos em relação ao transporte e alimentação. Sobre a relação que há para com o município de Mirabela é enfático,

amo Mirabela posso estar fora, em festa, mais não é a mesma coisa, pois aqui tenho minha família, meus amigos. Amo demais aqui, olha na festa de Mirabela, nós alugamos um carro para ficar aqui no sábado e domingo, nós viemos quatorze – tudo solteiro. Eu já trabalhei aqui em madeireira, mais o dinheiro parece que não rende lá a gente pega o dinheiro junto. Quero criar meus filhos aqui e espero que gostem daqui também (sic).

As palavras de Carlos (2002, p 303) reforçam a fala de Fabrício, “cada sujeito se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, posto que o lugar tenha usos e sentidos em si. Tem a dimensão da vida”. Mirabela, apesar de ser um município que não oferece aos migrantes condições de trabalho, representa para a maioria uma relação de pertencimento, pois “os lugares são a vida dos homens no mundo, por mais subjetividade que a imagem possa evocar (...)” (HISSA & CORGOSINHO, 2006, P. 11).

É interessante analisar a vinda dos migrantes de Campestre/MG para a Festa tradicional de agosto – podemos, nesta ação, perceber a forte relação como o local de origem – cultura. Para Claval (2001, p.72):

A cultura dos grupos sociais é incrivelmente variada, a bagagem que as pessoas recebem no início da vida, da família e da vizinhança é constantemente transformada e atualizada em função da diversidade das situações com as quais elas são confrontadas e dos contatos que estabelecem. De uma região a outra, o conteúdo das culturas difere mais ainda. Há, no entanto, uma capacidade muito utilizada: a de se comunicar.

O “turmeiro”, embora possua poucos anos de estudo (ensino fundamental incompleto - 6ª série) sabe expressar o sentimento que o lugar (Mirabela) emerge para ele. Fabrício é noivo com uma montesclarenses, pretende ter filhos e espera que eles não tenham a mesma história de vida dele – migrante – não pelas condições de trabalho, mas pelo fato de ter que deixar Mirabela, a família, os amigos, as relações sociais que passam por uma ruptura; quanto à migração após o casamento, afirma que levará a esposa.

*Minha mulher vai comigo, só não quero ela no serviço do café, olha tudo que tem aqui (**mostra a casa e objetos**), comprei com o dinheiro do café, além de moto, ajudar minha mãe na casa dela, enquanto aguentar eu vou, não tem nada difícil quando a gente quer e gosta de trabalhar, tenho orgulho do que faço, é meu meio de comprar minhas coisas. (sic – grifo nosso).*

O ser humano, mais especificamente o povo do sertão mineiro tem a capacidade de vencer os obstáculos migrando, trabalhando e ao retornarem investem no lugar “posto que é aí que dá a unidade da vida social” (CARLOS, 2002, p.303).

As Figuras 20 e 21 representam Zé de Baio e Fabrício, os “gatos” mais jovens que atuam na organização das migrações temporárias mirabelenses.



Figura 20: Zé de Baio
Autora: FONSECA, G. S, 2008



Figura 21: Fabrício Dias dos Santos
Autora: FONSECA, G. S, 2008.

Ao observarmos as Figuras 20 e 21 percebemos no olhar dos migrantes o jeito do sertão mineiro – sofrido, mais feliz por resistir a tantas dificuldades.

Sr. Carlos Rodrigues Oliveira – natural de São João da Ponte (município do norte de Minas Gerais), tem cinquenta e seis anos e cursou apenas o terceiro ano do ensino fundamental. O Sr. Carlos é casado, pai de cinco filhos, trabalha como migrante e “formador de turma” há quarenta anos, normalmente trabalha no corte de madeira e carvoejamento, apesar de ter exercido outras atividades como corte-de-cana e colheita de algodão, plantio e colheita de mamona e moagem de cana para fabricação de rapadura e cachaça. Os seus três filhos do sexo masculino (32, 30 e 28 anos de idade em 2009), concluíram o ensino médio, inclusive um é formado em técnico agrícola e todos trabalham em Mirabela; as duas filhas menores de idade cursam o ensino fundamental e médio. Desde 1982 o Sr. Carlos mora em Mirabela com a família, no entanto passa a maior parte do ano trabalhando em outros municípios.

A história de vida do Sr. Carlos Rodrigues não difere muito dos demais “gatos” que atuam em Mirabela. É um homem simples que nasceu no espaço rural, desde os dez anos de idade aprendeu os afazeres agrícolas (moagem de cana e plantio de produtos agrícolas para a subsistência), fato que facilitou a adaptação à vida de migrantes.

O Sr. Carlos sempre procurou manter a família longe do trabalho de migrante, a esposa e quatro dos seus filhos nunca exerceram atividade como trabalhadores temporários. O filho mais velho, de trinta e dois anos (2009), trabalhou como migrante na colheita de café em Alfenas-MG (tendo como turmeiro o Sr. João), e em Campestre-MG (o Fabrício foi o organizador da turma), com o pai migrou uma vez para Maurilândia-GO, para o corte de cana. Segundo o Sr. Carlos, algumas vezes quando os filhos eram menores deslocavam com a sua esposa para onde ele estivesse trabalhando, no período das férias escolares.

A primeira vez que o Sr. Carlos trabalhou como migrante foi aos dezesseis anos no município de Jaíba – inserido no norte de Minas, não deslocou com trabalhadores, na realidade ele teria ido para executar serviço braçal na lavoura de algodão e mamona, porém, devido seu ótimo desempenho, passou a exercer o ofício de encarregado. Desde então sempre exerce a função de organizar turmas de migrantes para trabalho transitório.

Conforme o Sr. Carlos, ficou treze anos consecutivos migrando com trabalhadores mirabelenses para Três Marias – município da mesorregião central de Minas Gerais, onde atuaram no corte de eucalipto. Deslocou quatro anos para João

Pinheiro – noroeste de Minas Gerais, Três Lagoas e Aquidauna, leste e sul Mato Grosso do Sul respectivamente, exercendo a função de encarregado, os trabalhadores executavam corte de madeira e carvoejamento. No corte de cana-de-açúcar atuou no sul da Bahia, no município de Mucuri e em Maurilândia - inserido na mesorregião do sul de Goiás, além do corte de cana, também atuou na colheita de algodão.

Nos últimos oito anos o Sr. Carlos tem se deslocado para Barreiras e São Desidério – ambos no extremo oeste baiano, levando de vinte a quarenta e cinco homens para trabalhar no carvoejamento; o serviço consiste em desmatar, colocar a lenha nos veículos, encher os fornos (cento e vinte fornos para a queima) e ensacar o carvão. É válido salientar que o Sr. Carlos, apesar de estar atuando mais no oeste baiano, não deixa de organizar turmas e enviar para outras localidades, o que assegura mais os seus rendimentos.

O perfil dos trabalhadores que deslocam com o Sr. Carlos difere um pouco daqueles que vão colher café, são homens na faixa etária de dezoito a cinquenta anos, predominância de casados (90%). Indagamos por que a preferência em “selecionar” somente homens e a maior parte casados, o Sr. Carlos justifica que os locais em que trabalha só aceitam pessoas do sexo masculino, devido ao tipo de serviço. Quanto à prioridade por casados se deve ao fato de haver maior resistência diante das dificuldades encontradas, uma vez que antes de irem é feito um empréstimo a ser cobrado no primeiro mês de trabalho. O mesmo relata que o dinheiro é entregue às esposas dos migrantes, assegurando alimentação por um determinado período. No decorrer dos meses os trabalhadores casados enviam dinheiro para as esposas através da conta bancária do filho do Sr. Carlos. O Sr. Carlos relata com simplicidade a transação que funciona como um favor por parte do seu filho, isso acontece devido os familiares dos trabalhadores em geral não terem conta bancária.

Solicitamos ao Sr. Carlos que descrevesse as condições de trabalho – deslocamento – alojamento e alimentação nos locais que já trabalhou.

As condições de trabalho de primeiro era ruim, a gente ia sem saber nem ao menos para onde estava indo, ficava em lugares sem ventilação, a comida nem sempre era reforçada, a Senhora sabe o serviço que nós faz precisa comer bem para suportar. Ganhava por empreitada, a gente veio trabalhar registrado de 1977 prá cá, as coisas começou a mudar, hoje melhorou o pessoal recebe até dinheiro antes de ir. (sic)

O adiantamento de capital significa para os migrantes um alívio para pagar contas e / ou comprar mantimentos para as famílias, porém os fazendeiros e empresários utilizam-se da pobreza dos trabalhadores para que estes fiquem vinculados ao serviço, independente das condições de trabalho. Vejamos como o Sr. Carlos relata a situação dos errantes que em função do adiantamento contraem dívidas.

É comum lá em São Desidério a firma liberar o trabalhador para visitar a família até doze dias, se ele não voltar na data prevista e eu tiver aqui vou atrás dele, se eu não tiver meu filho faz o serviço pra mim, pois se não eu pago a dívida dele, a responsabilidade da turma é minha.

O fato de ter um encarregado para controlar os trabalhadores, elimina o risco de o patrão ter prejuízos. Solicitamos ao Sr. Carlos que relatasse sobre o trabalho em São Desidério, local onde permaneceu praticamente oito meses no ano de 2008.

*Em São Desidério, a firma que atua lá é de **Sete Lagoas**³⁸- empresa grande reflorestadora, paga todo o deslocamento da gente, da hora que nós saímos daqui até o café que tomar no caminho é por conta da empresa. Quando o trabalhador chega lá faz os exames de fezes, pressão, assim como quando vem embora faz exame de novo pra não dá problema. Depois do exame existe o dia do descanso afinal a viagem é longa, no dia seguinte começa o serviço, que não é fácil, cortar árvore, carregar caminhão, encher, esvaziar os cento e vinte fornos e depois ensacar o carvão é serviço demais.(sic - grifo nosso)*

Segundo o Sr. Carlos a área desmatada é de cerrado, que vem sendo substituída por pasto, atendendo aos interesses da pecuária, parte é reflorestada por eucalipto e o restante recebe o plantio de soja, o escritório regional da empresa fica em Barreiras-BA, inclusive o pagamento dos migrantes é feito por um funcionário de Barreiras, juntamente com o Sr. Carlos, que faz o controle de quanto cada trabalhador terá que receber.

No que se refere ao local que ficam em São Desidério, o Sr. Carlos afirma ser bom, principalmente para ele, pois fica na casa da fazenda, onde fica a cozinha com o refeitório, um quarto exclusivo com televisão e um escritório, a limpeza diária é atribuição da cozinheira. Sobre o dormitório dos trabalhadores o Sr. Carlos pontua:

O alojamento é galpão, cada um abriga trinta e seis pessoas com cama beliche, colchão, o pessoal leva só as roupas de cama, para cada galpão tem dois banheiros com chuveiro frio, lá faz muito calor não precisa de água quente. O patrão também fornece o material de limpeza sabonete, papel higiênico, pasta de dente e desinfetante (sic).

A limpeza do alojamento é de responsabilidade dos trabalhadores, que conforme o próprio Sr. Carlos, não é ideal - consideramos que por serem

³⁸ Sete Lagoas é um município localizado na região metropolitana de Belo Horizonte-MG.

trabalhadores braçais dificilmente terão os cuidados necessários para deixar o ambiente bem higienizado. Menezes (2002, p.149) pondera: “o espaço do alojamento não se resume a um conjunto de prédios e instalações, mas contém a ideologia do controle e disciplinamento da força de trabalho”. O trabalhador fica submetido há um controle social.

Ouvimos alguns trabalhadores que viajaram com o Sr. Carlos, que relataram ser impossível lavar os banheiros todos os dias devido o cansaço, o mais comum é a limpeza no domingo assim como a troca da roupa de cama e a lavagem das mesmas, porém com o passar dos dias acostuma e nem sentem-se incomodados com a sujeira. Percebemos neste simples caso as condições desumanas a que são impostos aos trabalhadores, o fato de suportarem esta dificuldade assim como outras se deve a várias causas, mas sem dúvida a principal é a pouca ausência de oferta de trabalho em Mirabela.

Notamos que ao contrário dos migrantes que trabalham no café, que foram abertos ao diálogo, deixando claro quanto ganham o que é ruim ou bom no trabalho, os trabalhadores que atuam com o Sr. Carlos ficaram amedrontados, deixando transparecer medo em perder a oportunidade de trabalho nos próximos anos. Ao considerar que são pessoas em sua maioria casadas, responsáveis pelo sustento da família, compreendemos o receio.

Neste contexto indagamos ao Sr. Carlos como é a relação dele com os migrantes, se algum migrante já provocou alguma confusão nos espaços de trabalho.

É muito bom, tem muita gente que já foi trabalhar comigo que fez casa grande e boa. Tem uns que é cachaceiro, então eu seleciono os melhores pra trabalhar, não mandou ou levo gente ruim, quem causa qualquer problema, é dispensado. (sic)

Sobre os vencimentos do Sr. Carlos e dos trabalhadores existem muitas contradições e exploração, pois o Sr. Carlos tem a carteira assinada com um salário e meio, porém diz que ganha oitocentos e setenta reais por mês. Os trabalhadores ganham por produção (controlada pelo Sr. Carlos), cada operador de motosserra ganha um real por metro de lenha (cortam de trinta a cinquenta metros por dia); os demais trabalhadores ganham também um real por metro, ou seja, para aquele que coloca a madeira no caminhão é feito o cálculo de quantos caminhões carregam por dia; para os que encham os fornos é a quantidade de lenha cada forno absorve e

assim sucessivamente com as demais funções. O Sr. Carlos afirmou: “*os migrantes que ganham mais são aqueles que trabalham no corte, serviço mais pesado*” (sic).

Sobre este trabalhador Martins (1988, p.60) comenta:

Os chamados peões-do-trecho, migrantes temporários que, das regiões camponesas pobres, são levados para as frentes pioneiras pelos empreiteiros para derrubar a mata e abrir as novas fazendas, não raro caem numa teia de relações escravistas, a chamada peonagem, a escravidão por dívida, que os deixa completamente sem condições até mesmo de retornar para casa (...).

Como já mencionamos o dinheiro dos migrantes é basicamente enviado para as famílias, são explorados, não temos dúvida, contudo recebem mensalmente, não configurando assim trabalho escravo. Quanto à alimentação, o Sr. Carlos e os trabalhadores afirmaram ser reforçada, porém sem muito sabor, acreditam ser pela quantidade cozida. Em função do trabalho exercido todos têm quatro refeições por dia independente da produção, como descreve o Sr. Carlos.

A alimentação lá é um café reforçado com cuscuz, carne e ovos, por causa do costume da Bahia. No almoço tem arroz, feijão, macarrão, carne de boi e tem dia que tem abóbora, quiabo, tomate, batatinha, na janta é servida sempre o mesmo do almoço. A comida é boa, feita lá mesmo na cantina, é servida quente, lá tem umas mesas grandes e cada um coloca sua comida, a quantidade que quiser. Três horas da tarde tem café com leite e pão, existe uns que reclama da comida, por não variar muito (sic).

Observamos na nossa pesquisa que a alimentação oferecida aos migrantes é apenas para sobreviver, nada além do café, almoço e jantar, não existe o consumo de frutas, sucos, sobremesas. Verduras e hortaliças fazem parte esporadicamente, o que implica apenas alimentação básica para suportar as longas horas de trabalho.

A Figura 22 retrata o Sr. Carlos em sua casa, na cidade de Mirabela. Percebemos pela imagem que é um homem com a aparência cansada, de quem já enfrentou muitas horas de serviço, sem ser de fato valorizado, apesar de exercer a função de arregimentador.



Figura 22: Sr. Carlos Rodrigues Oliveira
Autora: FONSECA, G.S, 2009

Ao comparar o semblante do Sr. Carlos na Figura 22 com o relato sobre a sua aposentadoria, compreendemos suas angústias.

Eu fui ver pra aposentar e só tenho dezesseis anos de contribuição, não posso aposentar como trabalhador rural, não aguento trabalhar muito tempo, tem dia que quando vou ver o serviço de moto sinto dor nas pernas, tenho problema de colesterol alto. Eu tô velho, trabalhei demais sem contribuição, agora espero que meus filhos não passem o que já passei trabalhar é bom e preciso só que a gente precisa ser visto pelos governos, a senhora não acha? (sic)

Dialogar com o Sr. Carlos possibilitou a confirmação do quanto os líderes políticos do Brasil necessitam ter um olhar diferenciado para os migrantes temporários, pessoas que têm contribuído para o enriquecimento econômico do país, porém não usufruem os benefícios.

Sobre o que sente falta quando desloca para trabalhar o Sr. Carlos, assim como os demais migrantes, enfatizam a família e o lugar mirabelense.

Sinto falta da família e daqui, vivo assim porque aqui não tem serviço, quanto tô aqui não faço nada, que se for pra ganhar doze contos por dia não dá, nós morre de fome. Aqui é bom o problema é só a falta do serviço, eu mesmo nem vi meus filhos crescer direito, a sorte é que nenhum virou malandro. (sic)

Percebemos no relato o quanto é sofrido para este homem estar distante do convívio familiar e do espaço de vivência, as perdas em não acompanhar o crescimento dos filhos.

Indagamos aos “gatos”: O que acreditam que deve ser feito para solucionar a situação de desemprego dos migrantes mirabelenses:

Zé de Baio: *Mexer com gente não é fácil, eu acho que primeiramente tem que dá educação pro povo, depois dar melhores condições de estrutura para a gente ter vontade de continuar aqui, emprego não cria nem vontade do poder público e tem pessoas boas mais tem muitas pessoas que tudo que fizer para eles tão ruim. (sic)*

Sr. João Batista: *Eu acho que a solução é assentar o povo em terras, dando condições de trabalhar, aqui no distrito de Muquém tem um assentamento que a maioria dos assentados ia pro café, eu mesmo mais meus dois filhos recebemos quatro alqueire de terra, o governo vai liberar dezessete mil e quinhentos reais para cada assentado em agosto, nós vamos trabalhar na terra. Tem gente vindo de Belo Horizonte que ta vindo embora, por que o pai recebeu essas terras. Aqui em Mirabela tem agora três assentamentos, falta sair a licença para gente começar trabalhar, o chefe do projeto falou gente pelo amor de Deus tem que saber usar o dinheiro é quase trezentos mil reais. (sic)*

Odílio Pereira: *O problema é que o povo fica seis meses parados, a solução é os que têm dinheiro gerar trabalho pra gente sem explorar. Enquanto continuar uns gatos pingados com o dinheiro e o povo sem nada não tem jeito. (sic).*

Fabrcio Dias: *Aqui é difícil por que qualquer emprego para nós que não tem estudo vai ganhar menos que no café. O bom seria dá curso pros mais novo, né. (sic).*

Carlos Rodrigues: *Eu acho que aqui precisa de pequena indústria para os jovens formados não precisar ir trabalhar fora, mas nós mais velho uma terrinha com incentivo para plantar. Aqui não tem jeito não, os políticos não sabe nem o que município precisa, quem sabe o prefeito agora resolve, pois a coisa aqui ta feia (sic).*

Os “gatos” conhecem a gravidade da situação e apontam medidas que requerem um conjunto de ações do poder público associado à participação da população, no entanto, os demais mirabelenses pouco sabem ou preferem esquecer aqueles que já foram esquecidos pelo poder público, reconhecemos as dificuldades em termos de recursos financeiros dos pequenos municípios, no entanto existe uma “habilidade” dos dirigentes locais em manter os migrantes na imutável situação.

Descobrimos nas pesquisas de campo que alguns trabalhadores que migram assinam os contratos e fazem um exame médico básico (aferimento da pressão arterial e glicemia de jejum) no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mirabela, um dia anterior às viagens. Diante disso, resolvemos entrevistar o Sr. Euclides Rodrigues Fiúza - 61 anos – fundador e diretor do Sindicato há 15 anos. O relato do Sr. Euclides acusou irregularidades das migrações.

Sempre vi o pessoal saindo para trabalhar fora, em 1985 fui até com a polícia atrás de caminhão irregular, não é justo o trabalhador sair daqui trabalhar fora no corte de cana, sem nem mesmo deixar endereço pra família. (sic)

O Sindicato tá pra defender o trabalhador, o direito dele, tem muita gente que tem ido sem passar no Sindicato. O Sindicato sabe da necessidade deles trabalhar, por que aqui não tem emprego, serviço, mais a gente quer que vai com segurança, ver o contrato, se vai ganhar por produção, por safra, aqui a gente tem um controle de quem vai e para onde vai, eles levam o número do telefone do Sindicato, se tiver problema, eles ligam. (sic)

Percebemos que o interesse do Sindicato é assegurar os direitos dos trabalhadores e as condições mínimas de segurança. A disponibilidade do telefone do Sindicato significa uma seguridade para o migrante que infelizmente não tem como comunicar com a família, avisar quando vai enviar dinheiro, sobre o estado de saúde, enfim, notícias para a família, o Sr. Euclides complementa.

Existe trabalhador que vai sem comunicar o Sindicato, eu não sei explicar se existe algum interesse, alguma caixinha – não posso afirmar. Sei que existe até caso de morte nas migrações, mais nunca chegou até nós para registrar. (sic)

Aqui o negócio é assim o povo recebe muita promessa, vantagens, às vezes eles recebem dinheiro antes de ir para deixar com a família, quando chega lá o serviço e as condições são outras, mais são obrigados a trabalhar já foi devendo, tem vez que eles não sabe nem onde estão não deixou nem endereço (sic).

Segundo o Sr. Euclides, o Sindicato tem lutado para que os trabalhadores não tenham que sair do município, porém, diante das dificuldades econômicas muitos migram.

Entendo que o poder público é omissivo, poderia trabalhar junto com o Sindicato, buscando soluções para o município - o pessoal mais jovem mesmo não precisa ir ganhar dinheiro fora se tivesse mais ações para defender o trabalho local. A causa da saída do pessoal é puramente o baixo poder aquisitivo, a falta de oportunidade de serviço. (sic)

Tenho orgulho de falar que nós aqui no Sindicato conseguimos três assentamentos - são cinquenta e cinco famílias assentadas. Aqui no norte de Minas Gerais nosso Sindicato foi o que mais conseguiu mais recursos do Crédito Fundiário (sic)

O Sr. Euclides é uma pessoa muito humilde, sem um elevado grau de escolaridade, porém tem clareza da causa das migrações e, ao contrário do representante do executivo, vislumbra possíveis alternativas para a melhoria da qualidade de vida dos migrantes, talvez por estar diretamente ligado aos trabalhadores, por ter maior conhecimento de como funciona o dinamismo daqueles

que abandonam as migrações. Para o Sr. Euclides, fixar os migrantes temporários mirabelenses no campo pode ser a opção mais viável, pois a maioria tem vocação para atividades agrícolas.

Você tem que pensar assim quem tem seu pedacinho de chão para plantar - melhorou a vida - por que eles eram acostumados a plantar na meia - quando planta a roça - como não tinha sustento para as famílias migrava, hoje na própria terrinha trabalhar no que é deles com a família, todo dia está na casa com os filhos, esposa. Ninguém sai para trabalhar fora porque gosta. (sic).

Morador da área rural, próximo ao Distrito de Muquém, o Sr. Euclides é muito bem articulado com os trabalhadores e envolve com as questões relacionadas a esses. Ele relatou um fato que ocorreu em 1994, com um grupo de mirabelenses que foram para Santa Helena – Goiás. Trabalhadores que se deslocaram sem comunicar ao Sindicato, após alguns dias ligaram solicitando ajuda, pois estavam vivendo em regime de escravidão. O Sr. Euclides, por estar na direção do Sindicato, ligou para a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura - CONTAG - em Brasília Distrito Federal, que providenciou o retorno dos trabalhadores.

Durante o período em que realizamos os trabalhos de campo, percebemos uma excelente articulação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mirabela com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais – EMATER - e com a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais - FETAEMG - na assistência aos pequenos agricultores. No entanto, notamos um distanciamento com o poder executivo e legislativo local - não entraremos no mérito de avaliar se tal fato se deve a questões políticas, apenas é válido registrar que há um enfraquecimento das atividades desenvolvidas por trabalhadores rurais.

Atentamos que o Mercado Municipal (FIGURA 23) está em péssimas condições de estrutura para comercialização dos produtos, levando muitos agricultores a venderem seus produtos na parte externa, onde montam pequenas barraquinhas, ou colocam hortaliças, grãos, frutas em bacias plásticas, baios (...), nem mesmo banheiro existe no local.



Figura 23: Mercado Municipal de Mirabela
Autora: FONSECA, G. S, 2008



Figura 24: Posto Bancário
Autora: FONSECA, G. S, 2008.

Podemos observar o contraste nas Figuras 23 e 24. Na Figura 23 a parte interna do Mercado Municipal que deveria atender aos pequenos agricultores, e a Figura 24 o posto bancário do Banco do Brasil – com constante manutenção. Acreditamos que a reforma do Mercado Municipal resultaria em melhoria no cotidiano dos agricultores e dos consumidores de seus produtos.

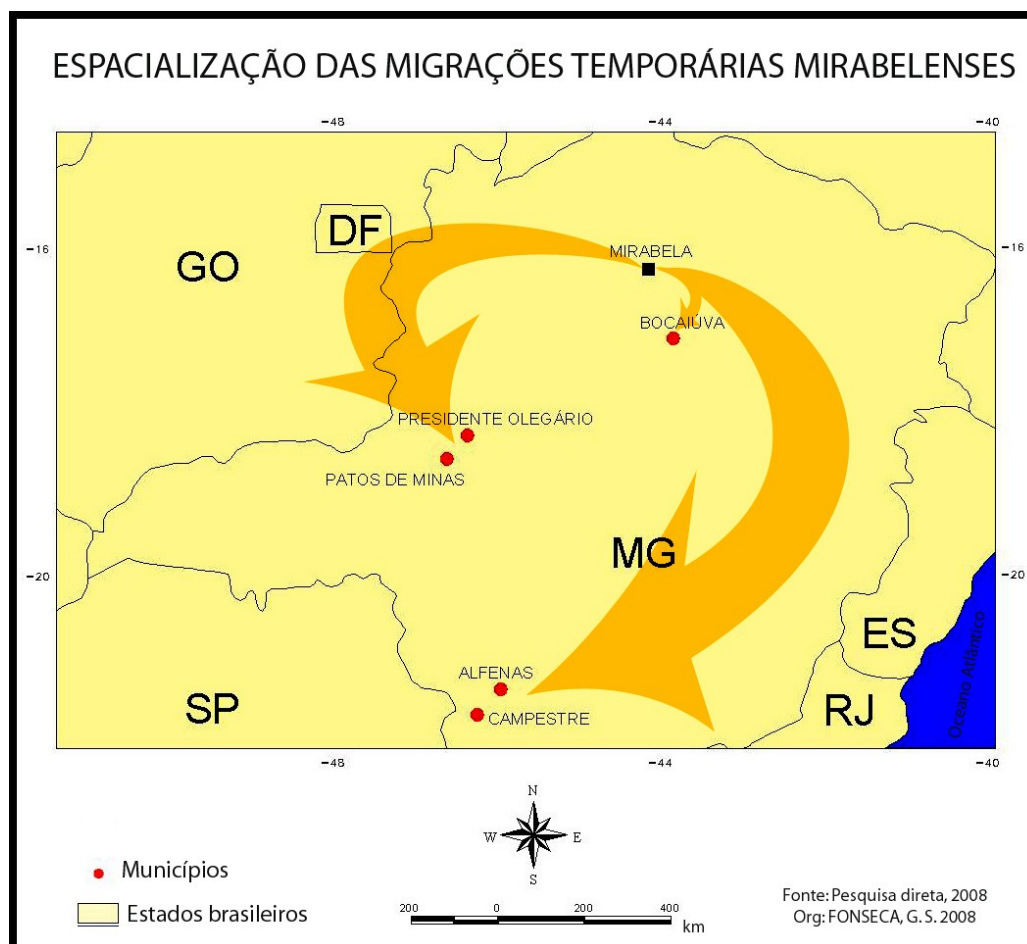
A partir do momento que entrevistamos os “formadores de turmas” e o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, procuramos migrantes que quisessem relatar como vivem nos locais que migram, as condições de trabalho, quanto ganham, o que de fato impulsionam a migração, e do quê sentem falta quando estão longe de Mirabela. Tivemos a oportunidade de conversar com homens e mulheres de idades diferentes, porém com realidades similares - abordagem do próximo tópico.

2.2 Espacialização e geograficidade das migrações temporárias mirabelenses.

Neste item espacializamos as migrações registradas da Tabela 1 e discorremos sobre os relatos dos errantes mirabelenses - histórias de vida, alegria, dificuldades, medos, enfim, como vivem em Mirabela e nos espaços que migram.

A espacialidade das migrações a qual nos referimos trata do contexto das relações sociais geografizadas. Yves Lagoste (2001) pontua que a geograficidade é próprio da Ciência Geográfica em todas as percepções, avaliando o geográfico em essência, o epistemológico.

O Mapa 4 demonstra as rotas dos migrantes mirabelenses organizados pelos “gatos” Sr. João, Sr. Odílio, Zé de Baio e Fabrício.

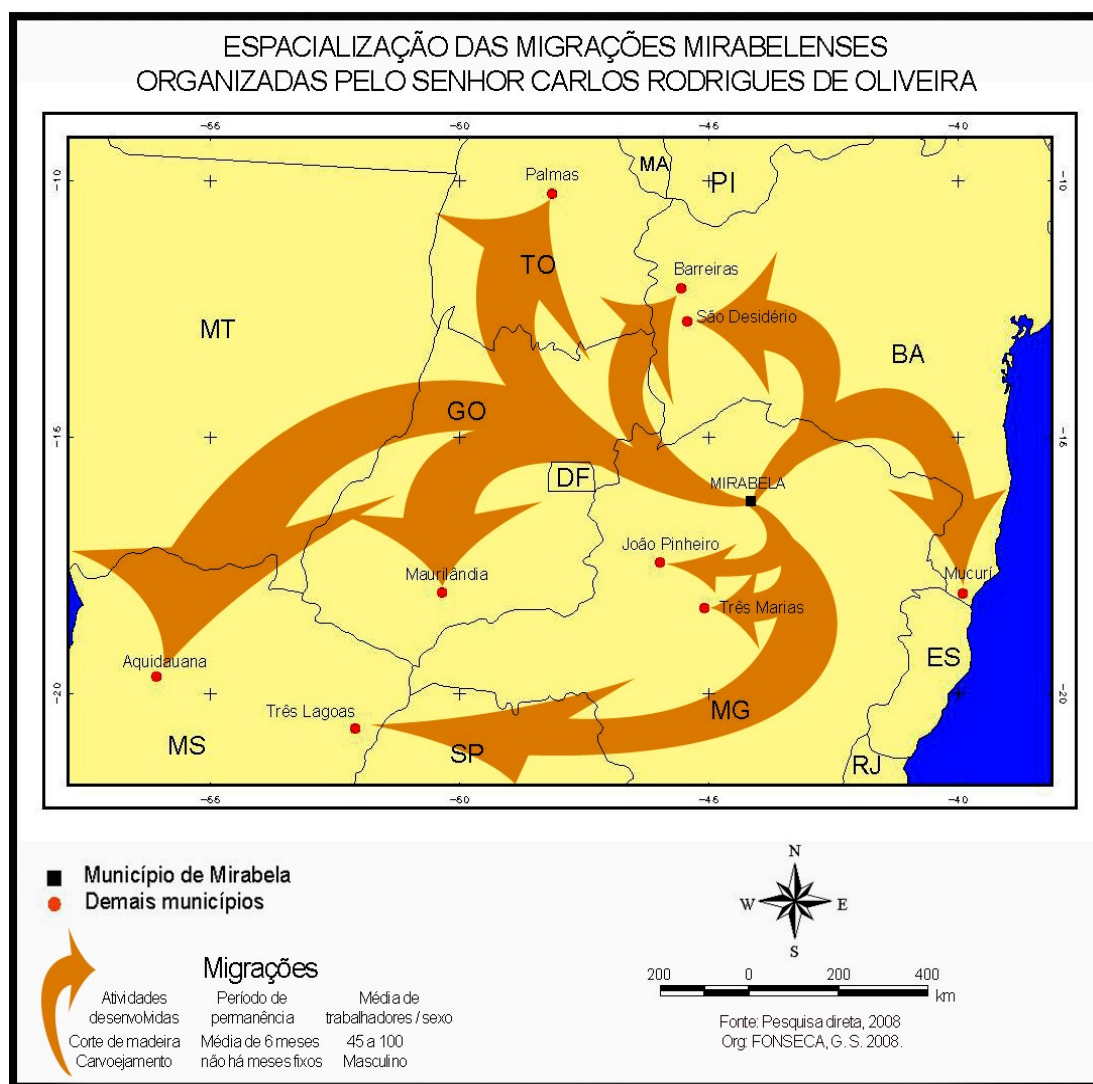


Mapa 4: Rota das mobilidades dos mirabelenses organizadas por Sr. João, Sr. Odílio e Zé de Baio.

Ao analisarmos o Mapa 4 temos a certeza do quando é difícil para os trabalhadores saírem de suas casas – mesmo sem muitos recursos – irem para local “frio – impessoal” – sem a certeza do retorno, das condições de trabalho e o pior, deixando a família - para Menezes (2002, p. 87) “a migração traz a desintegração à família”.

Ao partir os migrantes já sabem que serão descriminados, como aborda Silva (1999, p.19) “(...) recai sobre eles o peso de serem de “fora”, de “minerada”, “de baianada”, enfim de serem negados. Aqueles que vivenciam a exclusão são considerados marginais, mendigos ou pingaiadas”. Essas considerações nos levam a imaginar o emaranhado processo de desigualdade que tem sido construído ao longo da história sertaneja.

Optamos por elaborar um Mapa específico dos fluxos migratórios organizados pelo o Sr. Carlos (MAPA 5), tendo em vista que desloca para um número maior de municípios e estes integram estados da Bahia, Minas Gerais, Tocantins, Goiás e Mato Grosso do Sul.



MAPA 5: Fluxos migratórios organizados pelo Sr. Carlos.

O Mapa 5, espacializa fluxos migratórios em Minas Gerais e os que transcendem os limites do estado mineiro. É necessário refletirmos como tem se configurado a expropriação destes trabalhadores, dos muitos que já passaram por essa trajetória e daqueles que passarão. Os Mapas 4 e 5 não são meramente imagens, a ideia é que ao olharmos, possamos perceber as relações sociais – a dor da partida – o retorno - a história de vida de mães, pais e filhos - as dificuldades dos

gestores que deveriam solucionar ou pelo menos buscar aliviar as tristezas de tantas pessoas envolvidas na espacialização retratada.

No que se refere aos relatos, iniciamos com trabalhadores que se deslocaram no final de maio de 2008 para a colheita de café em Campestre-MG - um grupo de dez trabalhadores do sexo masculino; o “turmeiro” responsável foi Fabrício Dias dos Santos, que quinze dias depois retornou à Mirabela para buscar mais vinte migrantes, o grupo regressou em setembro. O deslocamento ocorreu em ônibus de linha, ou seja, a fazenda “custeou” as passagens (ida e volta).

Tivemos a oportunidade de conversar com alguns dos trabalhadores, entre eles o irmão de Fabrício – Ricardo Gonçalves, um jovem de 18 anos - que completa a terceira vez no trabalho da colheita de café, comprovando que nas fazendas se admitem menores.

Eu já fui três vezes, a primeira vez era menor de idade - fui para Patos de Minas, depois fui para Campestre e hoje estou indo de novo para Campestre. (sic)

Sobre o alojamento pontua:

No alojamento ficam seis homens por quarto, tem banheiro, o banho é quente, muito bom, o alojamento fica perto do plantio, mais tem um ônibus para levar a gente, é servido três refeições o café e o jantar são servidos no alojamento, o almoço no serviço – a comida vem no marmiteix. (sic)

Os alojamentos servem para controlar as ações do migrante, no entender de Menezes (2002, p. 183), são “(...) espaço de controle da força de trabalho, mas também de criação de práticas microbianas, fragmentadas e difusas de resistência”. O trabalhador acostuma-se com a rotina e não percebe o espaço do alojamento como a pesquisadora analisa. Quanto às condições de trabalho e o dinheiro recebido pelo trabalho Ricardo expõe:

Já acostumei com serviço e com a distância de casa, pois tiro em média dois mil reais em três meses, mais se tivesse um serviço aqui eu não ia pro café, pois tenho vontade de voltar a estudar, eu parei no primeiro ano, nós sai daqui de Mirabela por falta de serviço. Olha lá a gente ganha por produção, pode ganhar cinquenta reais – trinta por dia é medido por litro de café – se o dólar tiver em alta o preço do café é maior (sic).

Quando achar um serviço aqui em Mirabela trabalhava de dia e estudava a noite. Eu fico lá três meses, é um contrato, aí quando volto recebe proporcional o Fundo de Garantia. Todo o dinheiro que ganho eu compro roupas, ajudo nas despesas e tirei uma carteira de habilitação, coisa que fica caro e aqui eu não tinha como ganhar o dinheiro. Meu irmão já fez uma casa vai casar, comprou moto. (sic)

É notável o interesse do jovem em permanecer na cidade de Mirabela para concluir, pelo menos, o ensino médio – a busca pela reterritorialização. Notamos que o fator motivador da migração de Ricardo é ganhar dinheiro para a subsistência e enviar dinheiro para a mãe no período em que está longe.

Quanto aos bens adquiridos com o capital recebido no período das migrações Silva (1999, p. 63) discorre: “muitos jovens, ao regressarem aos locais de origem, trazem consigo as mercadorias compradas (...)”. Em Mirabela, com base nos relatos podemos afirmar que existe de fato um encantamento para ganhar dinheiro objetivando a compra de moto, roupas, celulares (...), porém ao contrário do que a autora pontua as compras são feitas normalmente no município.



Figura 25: Jovem Ricardo Gonçalves
Autora: FONSECA, G.S, 2008



Figura 26: Migrante da turma de Zé de Baio
Autora: FONSECA, G.S, 2008.

A presença de indivíduos jovens (FIGURAS 25 e 26) nas migrações significa para os “gatos” e fazendeiros mão-de-obra resistente às condições adversas do trabalho, alta produtividade, principalmente pelo interesse de retornarem para aquisição de bens materiais.

No dia 30 de junho de 2008, às 22 horas, Zé de Baio e mais quarenta e nove migrantes partiram para a colheita de café em Presidente Olegário, a faixa etária dos trabalhadores variava de 17 a 54 anos. Destes cinquenta trabalhadores oito eram mulheres e sete delas deixaram filhos de quatro a doze anos com os avós maternos.

Segundo Zé de Baio, a turma deveria ter viajado no início do mês, porém a florada do café atrasou em função das variações de pluviosidade em Presidente

Olegário. Aproveitamos a oportunidade para conversarmos com algumas migrantes - mulheres que enfrentam a dupla jornada de trabalho, pois durante o dia colhem café, à noite preparam o jantar / almoço do dia seguinte e fazem a limpeza da casa.

Procuramos caracterizar brevemente as migrantes, que assim se tornaram em função de acompanhar os maridos. A relação de casais de migrantes é discutida por Menezes³⁹ (2002, p. 88): “Apesar da preferência pelo casamento com mulheres do espaço de origem, há diferentes combinações de união conjugal, tais como abandono da família e criação de novos relacionamentos com mulheres (...)”. As migrantes mirabelenses estão acostumadas a acompanhar seus esposos quando migram, evitando maiores problemas no matrimônio, como a separação.

Na sequência da breve caracterização das migrantes, priorizamos os relatos das mesmas, tivemos a oportunidade de dialogar com todas, porém somente quatro disponibilizaram a divulgação de suas histórias de vida.

Migrante 1: Lucimar Silva Pereira – 21 anos, moradora da sede do município de Mirabela, desloca pela terceira vez para a colheita de café - tem um filho de seis anos que fica com a avó materna todas as vezes que migra. Lucimar, assim como as demais migrantes do grupo, não concluiu o ensino fundamental e ao retornar trabalha em serviços domésticos.

Eu sinto falta demais do meu filho e da minha mãe, ligo quase toda semana para saber notícias. Sempre fui com meu marido, meus pais também já foram. O serviço pior é banar o café (peneirar), o resto é fácil, acordar cedo, fazer o serviço da casa, colher o café. Quando a gente volta fica tranqüila de dinheiro um bom tempo, depois é preciso ir de novo. (sic)

Quando Lucimar fala que é filha de migrante, esposa de migrante e também uma migrante temporária, reforça a análise da introspecção da cultura de seguir a saga dos pais.

Migrante 2: Ivanete – 24 anos, moradora do bairro São João – Mirabela, migrante pela quarta vez, mãe de uma criança de quatro anos.

A primeira vez que deixei meu filho para ir trabalhar no café ele tinha um ano e meio, ele não chora, já acostumou. Eu é que choro de saudade, quando estou aqui sou manicura, ganho pouco, por isso vou trabalhar tão longe. Aqui em Mirabela emprego é muito difícil, o povo não valoriza o serviço de manicura. (sic)

³⁹A autora dedica uma discussão especialmente às “Mulheres, relações conjugais e redes familiares” no livro *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes – um estudo de famílias de camponeses – migrantes*.

Achei pior no café foi a rapelação (derrubar o café do pé, pegar o rastelo e junta o café), mas foi só a primeira vez, agora eu não acho nada difícil, só a saudade do meu filho. Eu sempre ganhei uma média mil reais, apliquei tudo em minha casa, meu marido também só gasta o necessário pra gente viver. Lá toda noite faço o almoço do dia seguinte, a gente acostuma e nem vê dificuldade. (sic)

As migrantes são jovens e visualizam a experiência de trabalhar no café com muita naturalidade, infelizmente não percebem o quanto são exploradas e as implicações em deixar seus filhos pequenos; sofrem com a distância, porém o fato de estarem junto aos maridos, trabalhando, as enche de esperança, segurança e alegria.

Migrante 3: Dona Maria Elenice Alves Pereira - 47 anos, moradora na área rural do município de Mirabela, migra com o marido para Presidente Olegário pela sexta vez. Deixa seis filhos (27, 25, 23, 20, 16 e 13 anos), com exceção dos dois filhos mais jovens, os demais, em outros anos, também foram para a colheita de café. O grau de escolaridade de Dona Maria Elenice é ensino fundamental incompleto, assim como os quatro filhos mais velhos, os outros dois cursam 2ª série do ensino médio e 7ª série do ensino fundamental.

O mais difícil desse serviço é pegando café na escada, a gente cansa demais e não rende, quando é para colher café sem escada é melhor. Lá é assim eu faço a comida a noite para jantar, o que sobra guardo, no outro dia cedo esquento e coloco na marmitta – é o almoço, levo a comida e o café. (sic)

Eu só sinto falta dos filhos fico com muita saudade, mais só o rendimento da terrinha nossa não dá pro sustento, é só um hectare. Quando nós volta compra roupas, calçados, material de escola pros meninos, tudo que nós precisa e o dinheiro dá (sic).

A Figura 27 mostra a Dona Maria Elenice e o marido no dia da viagem. Mulher guerreira como outras do “sertão” norte mineiro - aos 47 anos continua trabalhando com o marido na colheita de café e ao retornar ajuda no sítio, onde cultivam produtos apenas para subsistência.



Figura 27: Dona Maria Elenice e seu esposo
Autora: FONSECA, G. S, 2008

A Figura 27 retrata o momento que o casal relata as histórias vividas nas migrações.

A conversa com a quarta migrante Isabel Cristine ocorreu em sua residência no bairro São João, um dia anterior à viagem. A família de Isabel foi uma das beneficiadas com uma casa popular da gestão de 1999, que mencionamos anteriormente. Durante o tempo em que ficamos na residência da migrante e no dia da partida notamos a tristeza de Isabel em organizar as roupas de cama, colchões, entre outras coisas para a viagem, além dos objetos dos filhos que ficam com a avó materna enquanto os pais trabalham na colheita de café. Para as crianças resta apenas a certeza de que logo os pais viajarão e o consolo vai ser o colo da avó.

Migrante 4: Isabel Cristine – 29 anos – quatro filhos, três meninas (dez, oito e seis anos) e um menino (doze anos), migra o sexto ano para Presidente Olegário. O grau de escolaridade é apenas a quarta série completa; assim como outras migrantes, vive receosa que seus filhos tenham o mesmo destino dos pais.

O patrão assegura a casa, o transporte de ida e de volta, paga por quinzena. O serviço lá não é difícil, o pior é a saudade dos filhos, eu mesma já ganhei uns três mil por vez, a gente que trabalha mais devagar ganha menos, quem é bom ganha mais. (sic)

Mais é bom por que lá na casa tem fogão a gás, de lenha, geladeira, cama, a gente compra os mantimentos e faz a comida. Levanto seis horas, preparo o café, pego no serviço, sai umas 4 - 5 horas da tarde, a gente só descansa na hora do almoço. O almoço eu faço a noite, lá na lavoura tem um fogão a gás para esquentar a comida. Parte do dinheiro que ganho mando pra minha mãe, o outro a gente traz para as despesas. (sic)

Apesar de não ser ruim o serviço eu falo com meus filhos para estudar né, pra não precisar ir trabalhar nesse serviço, quanto volto para Mirabela só arrango trabalho para ganhar cinquenta a oitenta reais para fazer serviços domésticos, é pouco demais. Se tivesse oportunidade de sair pro lugar que tem serviço fixo sempre a gente ia. (sic)

A Figura 28 representa a família de Isabel, exceto uma das filhas, que estava com a avó. No horário do embarque Isabel e os filhos choraram muito, principalmente a menina de seis anos. Segundo a avó materna as crianças choram nos primeiros dias, depois passam a aceitar que os pais saem para conseguir mantê-los.



Figura 28: A migrante Isabel, marido e filhos.
Autora: FONSECA, G. S, 2008

Na Figura 28 percebemos nos semblantes o olhar entristecido de toda a família. Conversamos com a professora Cleuza das Graças Mendes Pereira, que atua há vinte nove anos nas séries iniciais da rede estadual, sobre o comportamento das crianças filhas de migrantes no período que os pais estão para a lavoura. Conforme seu relato, todas as crianças vivem ansiosas com o regresso dos pais, algumas não gostam de falar que seus pais ou pai foram trabalhar em outro lugar, sentem vergonha. Das informações obtidas com a professora o que mais nos

chamou atenção foi a história de uma menina de dez anos, que ficou com a avó para os pais trabalharem na colheita de café em Presidente Olegário em 2007. Desde a partida dos pais a criança passou a andar triste, suja, precisando até mesmo da interferência da direção – que por sinal não solucionou o problema. Um dia a menina chegou linda, limpa, cabelo cheiroso e sorridente, quando a professora perguntou o que havia acontecido, a criança respondeu que os pais chegariam naquele dia, portanto, ia comer sanduíche, a mãe tinha prometido.

A presença dos pais é fundamental na educação dos filhos, a sobrecarga dos idosos (avós) chega a ser desumana, principalmente para o aposentado que deixa de cuidar de seu bem estar por causa dos netos.

Ao ouvirmos os relatos das mulheres e ao compararmos com os dos maridos percebemos que para os homens é mais cômodo e confortável levarem suas esposas, por várias razões, desde a questão sexual, ao controle (a certeza que a estão levando o que consideram ser deles), a submissão e a qualidade da alimentação, uma vez que as esposas preparam as refeições, cuidam de suas roupas, além da remuneração que chega a ser igual ou até maior que a deles.

Para as mulheres, o processo é mais doloroso em função dos filhos e o “abandono temporário” das casas. Todas afirmaram que vão pela necessidade financeira e pela vontade dos maridos de estarem com elas, além do receio de “perderem” os maridos para outras mulheres.

O marido de Isabel tem 33 anos – ensino fundamental incompleto (5ª série), há dois meses não trabalha - a família tem vivido de auxílios governamentais. Para o migrante, a oportunidade de colher o café pela sexta vez em Presidente Olegário-MG veio no momento oportuno. O migrante desabafa acerca do processo de migração.

*Eu vou trabalhar no café por falta de opção, por que aqui eu trabalho em serviço braçal, serviço nas roças, trator (**não tem habilitação**), o serviço lá na colheita é leve, já sou acostumando com serviço rural. (sic – grifo nosso)*

É difícil sair da terra natal da gente pra ir pra fora, é ruim demais, e tem os filhos que sentem falta da gente. Também sinto falta daqui, por que eu gosto demais de Mirabela, dos meus pais. (sic)

*Ganho em média três mil e quinhentos reais a quatro mil reais, às vezes a gente eu e minha esposa trabalhamos juntos para aumentar o rendimento. O dinheiro que ganhamos lá é sagrado, olha a nossa casa tudo que tem aqui foi dinheiro de lá, recebemos a casa em fase de construção (**casa popular do bairro São João**), não pagamos nada na casa, agora é melhorar ela. (sic – grifo nosso)*

Eu parei de estudar para trabalhar mais não quero isso pro meus filhos, falo sempre com eles pra estudar, ter um grau melhor, dependendo da dificuldade da época deles, pode ser que tenha que ir pra longe igual a nós. (sic)

Eu vivo satisfeito de ter pelo menos este serviço, agora mesmo tem dois meses sem trabalhar, quando voltar vou ter que pagar as contas, comprar mantimentos, fazer uma melhora na casa. (sic)

Sabe o que falta aqui em Mirabela? É consciência dos políticos, eles não têm conhecimento da realidade nossa. Só lembra do povo na época de eleição. (sic)

Percebemos que o migrante gosta de Mirabela, assim como outros migrantes, mas devido às condições econômicas são forçados a migrar.

Ficamos mais de três horas na casa do migrante, tempo suficiente para perceber o quanto são receptivos, ao contrário do que a pesquisadora Menezes (2002) relata, uma vez que teve dificuldades em interagir com alguns agentes de sua pesquisa, visto que muitos sentiam-se envergonhados. O fato de ser filha de migrante e ter vivido a adolescência na cidade de Mirabela, permitiu uma proximidade.

Conversamos também com Leonardo Freitas – 18 anos (2008) – migra pela terceira vez, com o irmão, para Presidente Olegário - configurando trabalho de menores de idade - apesar de Zé de Baio afirmar que não existem menores entre os trabalhadores. Leonardo cursa a terceira série do ensino médio, procura associar os estudos ao trabalho – segundo ele os professores aplicam várias atividades extraclasse. Para o jovem, o que mais sente falta quando migra é da mãe e da escola – a convivência com colegas e professores. No alojamento ele é responsável pela preparação do almoço / jantar do grupo – Leonardo, ao contrário de outros jovens, não gosta do serviço e migra apenas pela necessidade financeira.

Aqui não tem trabalho por isso preciso ir para o café – o dinheiro que ganho algo em torno de dois mil reais mando para minha mãe – ela tem 56 anos e não aguenta trabalhar muito. Na verdade eu só tiro o dinheiro de comprar os alimentos para comer – tudo na cantina é caro, se for comer lá fica sem um centavo - o restante do dinheiro estou investindo na melhoria da nossa casa. Eu não quero continuar nesta vida por muito tempo, pretendo conseguir um trabalho por aqui mesmo, vou fazer um curso de informática e outros mais. (sic)

O jovem demonstra sentimento pelo lugar e percebe que na qualificação está o caminho para deixar de ser um migrante temporário.

Encontramos no grupo que deslocou no dia 30 de junho de 2008 para Presidente Olegário, um jovem de 17 anos. O rapaz é da Comunidade Riacho das

Pedras (por ser menor de idade, não vamos mencionar nome nem imagem), migra pela primeira vez, cheio de expectativas em ganhar dinheiro suficiente para comprar uma moto; pretende trabalhar uns cinco anos consecutivos, igual alguns dos irmãos – notamos a influência dos irmãos na escolha do jovem. Quando questionamos o grau de escolaridade, obtivemos resposta igual à da maioria - ensino fundamental incompleto (4ª série).

Em Minas Gerais existem políticas educacionais voltadas para jovens, no entanto percebemos que os migrantes desconhecem ou estão desestimulados, vislumbram no trabalho temporário a oportunidade de adquirir bens materiais imediatos - a educação básica não tem muita ou nenhuma importância.

Neste contexto procuramos migrantes jovens que concluíram o ensino médio, para saber as contribuições da conclusão da educação básica. Pesquisamos trinta jovens de faixa etária de 19 a 20 anos que permanecem migrando, a diferença é que percebem que existe exploração, contudo a falta de oportunidade de trabalho no município e região impede o abandono da migração.

Os jovens do município de Mirabela-MG, ao migrarem para áreas mais ricas economicamente, voltam deslumbrados e indignados. Descobrem espaços onde as características físicas, recursos hídricos e qualidade do solo propiciam melhores condições de vida e ficam tristes ao perceberem que representam somente uma mão-de-obra barata, além da certeza de não encontrarem no município de origem condições sociais e econômicas para sobreviverem, ou seja, terão de migrar novamente.

Indagamos sobre qual seria o local melhor para viver - o município de Mirabela-MG ou as áreas para onde normalmente migram. Vinte e nove responderam Mirabela-MG, as razões são basicamente as mesmas, família, dificuldades encontradas no trabalho.

Migrante 1 - *Aqui é melhor, estou perto da minha família, mas viver sem dinheiro não dá. (sic)*

Migrante 2 - *Acho melhor aqui por causa da comida de minha mãe. Sofri demais por causa do frio, da comida horrível e da discriminação, somos a minerada pobre. (sic)*

Migrante 3 - *O melhor lugar é onde a gente mora, por que no plantio sinto sozinho, não tenho confiança nas pessoas. (sic)*

Migrante 4 - *Aqui é melhor porque tenho minha mãe, avó e meus irmãos, mas não dá pra viver do dinheirinho da aposentadoria delas. (sic)*

Podemos notar como as relações familiares são marcantes na vida dos migrantes. Para a maioria deles, o melhor lugar para viver é em Mirabela, no entanto, não havendo serviço, preferem migrar a ficar vivendo da aposentadoria dos pais e avós. Um dos jovens respondeu que lugar bom para viver é onde há trabalho, recursos financeiros para sobreviver.

Pra viver eu considero bom onde tem serviço, posso ganhar dinheiro, sofro de todo jeito, aqui não tem serviço pra nós, então não posso comprar nem comida direito, tem que esperar mãe receber a aposentadoria e me dar uns trocados. No canavial não passo fome, apenas frio, si não tomar cuidado volto sem dinheiro e com doença. (sic)

O jovem está desencantado com o lugar em função da falta de trabalho⁴⁰ no município – reage como um indivíduo desraigado. Alguns migrantes mencionaram como percebem a situação deles no contexto nacional – estadual e local, ou seja, os aspectos que os incomodam.

Migrante 1: *Vivemos em um país de corruptos, políticos que prometem mudanças, mas não faz nada, principalmente o presidente. Sabemos que nosso país é violento, uma sujeira por todo lado, mas tem gente que acredita no futuro melhor, digno, onde as pessoas respeitam as outras, sem preconceito, futuro melhor. (sic)*

Migrante 2: *Nós não temos valor no Brasil, eu penso que o país poderia ser melhor, com mais escolaridade, sem violência, salário, bom, principalmente sem preconceito. (sic)*

Migrante 3: *Aqui nós somos lembrados só na eleição de prefeito, deputado, governador ou de presidente, passou a eleição, somos apenas números, um bando de pobre sem valor. (sic)*

Migrante 4: *Penso que gente igual a nós vive trabalhando e não tem nada, enquanto os políticos vivem roubando, é muita desigualdade, por isso que tem pessoas que preferem ser bandido. (sic)*

Migrante 5: *Eu fico olhando, o governo manda um dinheiro pro pobres e pensa que tá bom, aprendi com meu pai que foi trabalhar no café até que morreu, não adianta o dinheirinho tem que ter é trabalho pra gente viver com dignidade. (sic)*

É notável a indignação dos jovens, porém não é possível afirmarmos se é devido à experiência de vida - sofrimento - ou por conhecimentos adquiridos na educação básica. Os jovens migrantes concluíram o ensino médio, mas a qualidade de vida em nada foi alterada, continuam migrando temporariamente em busca de trabalho. O lugar - espaço de vivência - apesar das adversidades econômicas tem

⁴⁰ Anete Marília Pereira (2007) na tese intitulada - *Cidade média e região: o significado de Montes Claros no norte de Minas Gerais* - aborda que a agropecuária é a atividade econômica predominante no município de Mirabela, sendo que no espaço urbano a principal fonte de emprego é a Prefeitura Municipal.

um significado de pertencimento, viver em família faz os jovens mais felizes do que viver em um espaço rico, mas solitário, que representa mão-de-obra barata, “minerada pobre”.

A sequência de imagens demonstra o dia da partida dos migrantes para Presidente Olegário-MG. Os migrantes reuniram-se em frente à casa da mãe do Zé de Baio, na Avenida Valdemar Rabelo da Silva - única avenida da cidade de Mirabela.



Figura 29: Casal de migrantes
Autora: FONSECA, G. S, 2008



Figura 30: Ivanete e o marido
Autora: FONSECA, G. S, 2008.



Figura 31: Lucimar e o marido no dia da viagem.
Autora: FONSECA, G. S, 2008

As Figuras 29, 30 e 31 demonstram os jovens casais migrantes, que buscam a migração como alternativa de construção de um futuro melhor para os filhos.

Os casais de migrantes ficam apreensivos com a partida, permanecem juntos, em geral não levam os filhos até o local onde aguardam o ônibus. Os migrantes solteiros e os casados – que estão deixando suas esposas - dispersam, consomem bebidas alcoólicas, alguns viajam embriagados.

Conforme Zé de Baio, o consumo de bebidas alcoólicas para eles é normal, tanto na partida, no retorno e no sábados, durante a semana não é permitido para não influenciar na produção, ele inclusive afirma *“uma cachacinha, cervejinha não faz mal, ajuda a esquecer os problemas”* (risos - sic).



Figura 32: Aguardando o ônibus
Autora: FONSECA, G. S, 2008



Figura 33: Jovem preparando para a partida
Autora: FONSECA, G. S, 2008.

A Figura 32 representa o momento da espera do ônibus, enquanto na Figura 33 visualizamos o ônibus e um jovem pronto para o embarcar.



Figura 34: Bagagem dos migrantes
Autora: FONSECA, G. S, 2008.



Figura 35: Organizando as bagagens no ônibus.
Autora: FONSECA, G. S, 2008.

Nas bagagens dos migrantes (FIGURA 34) há vestuários, colchões, panelas, mantimentos não-perecíveis, calçados, roupas de cama, mesa e banho, material de limpeza; procuram levar a maior quantidade de objetos e produtos devido o elevado preço desses na comunidade de Santiago, em Presidente Olegário/MG. Na Figura 35 os homens acomodam as bagagens, por serem muitos sacos e caixas é necessário organizar.



Figura 36: Momento da "chamada"
Autora: FONSECA, G. S, 2008.



Figura 37: Migrante entrando no ônibus.
Autora: FONSECA, G. S, 2008

A Figura 36 retrata o momento em que Zé de Baio, com o auxílio de um migrante, solicita aos demais que entrem no ônibus. Hora da partida. Na Figura 37, visualizamos um migrante no momento do embargo, a despedida é repleta de lágrimas, principalmente pelos pais que deixam seus filhos.

Como mencionamos anteriormente, existem no município deslocamentos de trabalhadores mediados por outros “gatos”, dependendo da oferta de trabalho. No início de fevereiro de 2008 um “gato” do município de Brasília de Minas procurou mais de cinquenta trabalhadores de Mirabela para trabalhar na colheita de algodão no Estado de Goiás, prometendo três refeições, alojamento e salário conforme a produção; porém, ao chegar no local os trabalhadores encontraram outra realidade. O trabalho era fazer a limpeza da plantação de algodão – serviço que, segundo os trabalhadores, é pior; para dormir tinham apenas os colchões que levaram, pois não havia alojamento – “o dormitório era no relento”; a alimentação não era fornecida e a remuneração era de apenas três reais por dia trabalhado.

O migrante Valdeir Ferreira, de 24 anos que trabalhou em Patos de Minas-MG (colheita de café), Aquidauana-MS e em Barreiras-BA (carvoejamento), relata o constrangimento vivido em Goiás:

Falaram que nós ia ganhar dinheiro, trinta reais por dia e na verdade ganhava três reais, o serviço combinado era só colher o algodão e quando chegamos lá era para limpar, nós dormiu no relento, passamos fome, teve gente que começou a comer goiaba verde para matar a vontade de comer (sic).

Ficamos dez dias de muito sofrimento, até uns rapazes fumando drogas tivemos que agüentar, para sair de lá um trabalhador fugiu e ligou para a polícia, foi preciso o prefeito de Mirabela mandar dinheiro pra gente vir embora (sic).

O relato do jovem migrante caracteriza o que chamamos de trabalho escravo, ou seja, o “gato” primeiramente ofereceu serviço em uma fazenda do Estado de Goiás, sem especificar o município, garantindo boas oportunidades de trabalho, alojamento, comida, garantia de salário e transporte gratuito, tudo para enganar o migrante, que ao chegar à fazenda foi surpreendido com situações completamente diferentes das prometidas, além de impedir o retorno do trabalhador. Para Silva (1999, p.85), o migrante temporário é “trabalhador que não pertence a nenhum patrão específico, pois pertence ao conjunto deles, à classe dos capitalistas”, é explorado pela sua condição social.

Ao entrevistar o Prefeito Carlúcio, o mesmo descreveu a história do rapaz fazendo menção aos gastos que o município tem para buscar migrantes em situação de trabalho escravo.

A partir do relato do migrante fizemos alguns questionamentos sobre qual atividade vem exercendo desde que retornou à Mirabela? Quanto ganha? O grau de escolaridade? E o que mais sente falta quando migra?

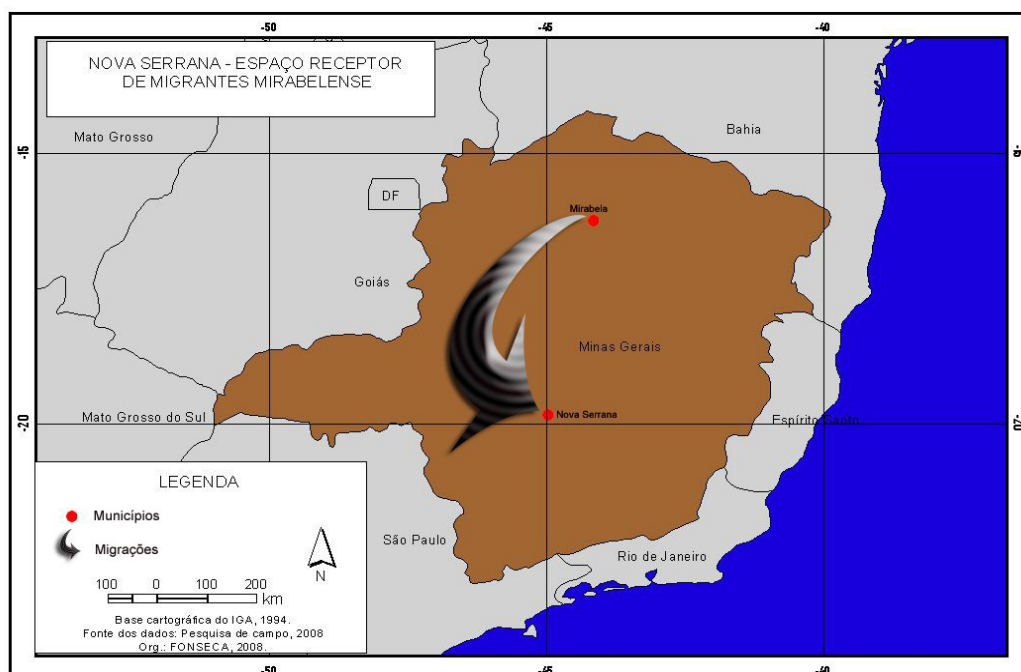
A resposta é similar a de outros migrantes. Trabalha em fazendas do município, cuidando de gado, ganhando quinze reais por dia, naquele dia (30 de junho de 2008) estava partindo para Barreiras-BA para trabalhar no carvoejamento durante dois meses, com mais trinta trabalhadores do grupo do Sr. Carlos Rodrigues de Oliveira. Quanto ao grau de escolaridade, estudou apenas até a 3ª série do ensino fundamental e ao migrar tem saudades do filho de quatro anos e de sua mãe.

Questionamos sobre as condições de trabalho das demais regiões que migrou, e em quê investe o dinheiro que ganha quando migra. Segundo ele, as condições de trabalho de Aquidauana-MS, Patos de Minas-MG e Barreiras-BA são boas, tem alojamento com cama, um banheiro para dez homens, café com pão pela manhã, almoço, janta, transporte e a remuneração chega a mil reais por mês, é válido destacar que recebe por produção. O serviço na colheita de café é mais leve do que o trabalho exercido nas carvoeiras. O dinheiro que ganha é para pagar contas em Mirabela relativas à alimentação, vestuário, também comprou uma moto que é emplacada no município, ou seja, como citamos anteriormente, o capital que os migrantes recebem é gasto no município.

Percebemos que o trabalhador considera as condições de trabalho boas por desconhecer os seus direitos como cidadão – alimentação, custos de transporte e alojamento são descontados nos valores pagos para o migrante. A pesquisadora Andréia Maria Narciso Rocha de Paula⁴¹ (2003, p. 48) pontua: “Atualmente, grande parte da população vive e trabalha em condições precárias, conduzidas pela lógica da produção de mercadorias e do supremo valor de capital”. A autora retrata a realidade dos migrantes temporários de Mirabela, que seguem para outras regiões cheios de sonhos, esperanças de conseguir capital para a subsistência.

⁴¹ Aborda na dissertação a integração dos migrantes rurais no mercado de trabalho em Montes Claros.

Antes de finalizarmos esta seção do contexto da espacialização e a geograficidade das migrações mirabelenses, retratamos um outro fluxo migratório de Mirabela para Nova Serrana-MG, (MAPA 6).



Mapa 6: Localização de Mirabela em relação a Nova Serrana.

A migração de indivíduos de Mirabela para Nova Serrana não pode ser considerada totalmente temporária, pois os mirabelenses vivem em Nova Serrana – onde exercem atividades nas fábricas de calçados, retornam a Mirabela apenas no período de férias, eleições, algumas festas tradicionais, natais e reveillon.

Não existe um levantamento de quantos são e como vivem. Entretanto descobrimos através do último processo eleitoral municipal (05/10/2008) que são aproximadamente seiscentos indivíduos na faixa etária de 18 a 40 anos. A nossa pesquisa sobre estes dados só foi possível pela quantidade de eleitores que chegaram à cidade no dia da eleição. Quanto à qualidade de vida dos mirabelenses em Nova Serrana obtivemos informações de que moram em geral em repúblicas lotadas, ou em barracões pequenos, poucos são aqueles que moram em local arejado, com espaço suficiente para descansar. Trabalham uma média de 12 horas, podendo chegar a 18 horas na época de grande produção, recebem de R\$ 900,00 a R\$ 1200,00 – incluindo horas extras - a remuneração é por produção.

Um jovem de 22 anos, que solicitou não ser identificado, comentou:

Estive lá durante quatro anos, agora estou de volta à Mirabela, já trabalhei até 18 horas por dia e se falar que vão embora os donos nem importam, o que não falta é gente para trabalhar. Todo o dinheiro que ganhei, só tirei o suficiente para comer, mais tem gente que gasta tudo em bebida, drogas. Lá tem muitos jovens de Mirabela que saíram daqui só por falta de trabalho. Nas repúblicas é muita confusão, por isso morava em um quartinho. Pretendo agora estudar, fazer um curso superior – agora que tenho o dinheiro. (sic)

Percebemos novamente o município de Mirabela como fornecedor de mão-de-obra, indivíduos que saíram do espaço de vivência sem ter conhecimento das atividades de uma empresa de calçados, aprendem o serviço na execução, apesar do valor recebido, que é significativo no contexto estadual ou até federal, não têm um local digno para descansar depois de horas de trabalho – efetiva exploração do trabalhador.

Alessandro Gomes Enoque e Solange Maria Pimenta⁴² (2005, p 10) pontuam a situação do trabalhador em Nova Serrana. “Verifica-se que em Nova Serrana não existe qualquer forma de remuneração fixa na qual os trabalhadores podem se apoiar em caso de não haver encomendas”.

O município de Nova Serrana, segundo dados do IPEA (2000) está inserido na mesorregião Oeste de Minas Gerais, distante da capital mineira 107,6 Km. Podendo ser considerado pequeno em extensão territorial (283,9 Km²), porém a cidade possui sessenta e nove bairros, abrigando novecentos e cinquenta (950) fábricas de calçados de pequeno porte a empresas com alta tecnologia (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA SERRANA - 2008).

A cidade de Nova Serrana é conhecida como a “Capital Mineira dos calçados”, comercializa a produção no mercado estadual, nacional e internacional. A população de Nova Serrana, conforme contagem do IBGE (2007) é de 60.195, sendo que 22% são de migrantes, em função do pleno desenvolvimento industrial - os dados do IBGE reforçam as informações das migrações mirabelenses para Nova Serrana-MG.

Consideramos que o fluxo de migrantes mirabelenses, principalmente os mais jovens, propicia uma construção de novas identidades com o lugar. Apesar do retorno para visitar parentes e amigos, participar dos festejos e das eleições municipais, os mirabelenses acabam por abandonar os costumes e muitos podem não resistir às dificuldades enfrentadas migrando definitivamente, pois os

⁴² Pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais tratam da exploração do trabalhador em Nova Serrana –MG.

indicadores de renda per capita média e IDH-M entre os dois municípios configuram uma diferença significativa. Em Mirabela, como mencionamos, o IDH-M é de 0,658 (considerado médio) e a renda per capita média de 101,1, enquanto em Nova Serrana o IDH-M é 0,801 (considerado alto) e a renda per capita média de 371,1 (IPEA, 2000). Mesmo sabendo da exploração do trabalhador em Nova Serrana, os indivíduos de Mirabela podem desencantar-se com o lugar e abandoná-lo, tendo em vista a possibilidade de constituir um lar em Nova Serrana.

Encerramos este item reafirmando que discussões sobre os migrantes temporários mirabelenses deve ser pauta do poder público local, viabilizando alternativas de melhoria na qualidade de vida da população. No tópico seguinte relataremos a experiência do trabalho de campo no Assentamento Santo Hipólito – lugar em que percebemos a reterritorialização de agricultores que outrora foram migrantes.

2.3 Assentamento Santo Hipólito - espaço de reterritorialização

Neste tópico relatamos a pesquisa de campo no Assentamento Santo Hipólito, a reterritorialização que observamos em um grupo de homens que por vários anos migraram para trabalhar no corte de cana-de-açúcar e na colheita de café.

No dia 02 de setembro de 2008 tivemos a oportunidade de realizar um trabalho de campo no Assentamento Santo Hipólito – distrito de Muquém – onde participamos de uma reunião da Associação dos Trabalhadores Rurais de Muquém.

O Assentamento Santo Hipólito apresenta para nós uma peculiaridade – dos vinte agricultores beneficiados dez, ou seja, 50% já foram migrantes temporários. O Assentamento Santo Hipólito surgiu da luta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Mirabela e da FETAEMG, que conseguiram capital para aquisição de terras através do Programa Nacional do Crédito Fundiário. O Programa Nacional do Crédito Fundiário está integrado ao Plano Nacional de Reforma Agrária do Ministério do Desenvolvimento Agrário - vinculado à Secretaria de Reordenamento Agrário, ou seja, os recursos vêm da esfera federal.

A escritura para aquisição das terras foi lavrada no dia 18 de fevereiro de 2005, no mesmo ano foi liberado o valor de duzentos e vinte e dois mil e seiscentos

reais, o empréstimo concedido aos trabalhadores foi utilizado para compra das terras - 15,7 hectares por família e, segundo o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mirabela, um total de quarenta cabeças de gado. O parcelamento da dívida é de doze anos, o trabalhador pagará quatrocentos reais por ano, sendo que poderá neste período participar de outros programas, como o Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF -. Em 2008, os agricultores pagaram a primeira parcela do empréstimo sem qualquer dificuldade.

As terras do Assentamento são abastecidas com apenas um poço tubular, porém existe a perspectiva de abertura de outro poço, há também energia elétrica. As famílias cultivam café, cana-de-açúcar, feijão, milho, verduras, hortaliças e mamona. Toda a mamona colhida é vendida para a Petrobrás, que instalou uma fábrica de Biodiesel na cidade de Montes Claros e desde 2007 assinou contrato com a Associação dos Trabalhadores Rurais de Muquém, comprometendo-se a comprar toda a safra.



Figura 38: Reunião dos assentados
Autora: FONSECA, G. S, 2008



Figura 39: Plantio de cana-de-açúcar
Autora: FONSECA, G. S, 2008.

As Figuras 38 e 39 representam respectivamente a reunião na sede do Assentamento Santo Hipólito e o plantio de cana-de-açúcar que está localizado no fundo da casa, existe também o engenho para produção de rapadura.

Das vinte famílias assentadas, dez já construíram casas nas terras, as demais moram no Distrito de Muquém, deslocando-se diariamente para o assentamento. A sede da Associação possui fogão (à gás e a lenha), camas, mesas, cadeiras, vasilhas e serve de “pouso” para as famílias que ainda não obtiveram recursos para construir suas casas.

Durante nossa visita no Assentamento tivemos a oportunidade de ouvir relatos dos agricultores que já migraram para outras regiões em busca de trabalho. Fizemos indagações sobre o tipo de atividade que desenvolviam quando migravam e o que mais sentiam falta quando estavam em outras regiões.

Todos, sem exceção, responderam que já foram trabalhar no corte de cana-de-açúcar e na colheita de café. Os migrantes enumeraram que sentem mais falta primeiro das esposas, do lugar e por último dos filhos, enfatizam:

Viver sem a mulher é ruim demais, tem dia que dá vontade de vir embora, os filhos crescem e largam a gente, mais a esposa tá junto tempo todo, dormir com um bando de homem ah coisa chata! (risos de todos - sic).

O grau de importância atribuído às esposas e companheiras é compreensivo, assim como o lugar, a rotina das casas, pois permaneciam longe do espaço de vivência. Não consideramos estranho o fato de os homens sentirem mais falta das esposas do que dos filhos, tal atitude está na cultura dos migrantes, Frederico Lucena de Menezes⁴³ (2007, p 109) reforça essa idéia. “A migração abandona os valores que foram formadores, mas ao mesmo tempo os carrega como tropa de choque para a nova situação”.

Quanto ao lugar referido pelos migrantes trata-se do distrito de Muquém, pertencente ao município de Mirabela. Em outra pesquisa⁴⁴ tivemos a oportunidade de analisar como é a relação entre a população e o espaço de vivência em Muquém.

Muquém é a conexão rural-urbano, prevalecendo a ruralidade-lugar, porque apresenta fenômenos sociais, econômicos e culturais locais dinâmicos em consonância com a contemporaneidade. Constitui uma ruralidade revestida de particularidades do modo de vida, referência identitária e lugar de espaço vivido típicos do ambiente rural, mas estabelecendo simultaneamente co-relações com a sociedade do local ao global “(SILVA, SILVEIRA E FONSECA, 2007, P.18)”.

Notamos que para aqueles que foram migrantes, o espaço do cotidiano assegura comodidade, vida de tranquilidade, característica do interior mineiro, percebemos nas famílias a reterritorialização, o fortalecimento das identidades - lugar. Para Anne Buttner⁴⁵ (1985a, p.228), “lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas”. Viver distante do trabalho

⁴³ Médico, psicanalista, migrante e pesquisador da temática. No artigo *Migração: Uma perspectiva Psicológica, uma leitura pós-moderna ou, simplesmente, uma visão preconceituosa* faz uma abordagem das relações dos migrantes com os lugares.

⁴⁴ *Espaço vivido, lugar e ruralidade em Muquém distrito de Mirabela-MG* – publicado no X Simpósio de Geografia Urbana em Santa Catarina, 2007.

⁴⁵ Doutora em Geografia, uma das grandes expoentes do aporte humanístico.

transitório propicia aos migrantes desenvolverem relações harmoniosas com o lugar, o lar assegura abrigo.

Conversamos também com as esposas dos ex-migrantes que apontaram as dificuldades em educar os filhos e o sofrimento desses com a ausência dos pais; uma senhora chegou a chorar quando mencionou a dor em ver o filho migrando como o pai.

Menezes (2002, p 87) aponta: “A migração circular dos homens, ao longo de várias gerações, transformam as mulheres em chefes de família durante a ausência dos homens. (...) permanece como marido ou pai para a família”. Para as mulheres a presença dos maridos tem um significado de harmonia com a “terrinha”, (como dizem), a esperança de que seus filhos não sigam a trajetória dos pais.

Questionamos aos homens os levaram a abandonar a migração e como estão as condições de vida atualmente. Eles foram objetivos em responder que quando surgiu a oportunidade de terem suas terras, cultivar os alimentos sem ter que abandonar as esposas, os filhos e a comunidade não hesitaram deixar o serviço tanto no corte de cana como na colheita de café, pois é muito cansativo em relação ao que fazem hoje, além da saudade e da incerteza do retorno.

Conforme os relatos e as condições observadas na infra-estrutura física da área do assentamento, o montante mensal que os migrantes ganhavam nas fazendas de café ou nos canaviais era maior, porém não permitia a eles viver no lar. Os agricultores⁴⁶ afirmaram que ganham menos em termos de capital, pois cultivam a terra para subsistência, contudo querem outra vida para eles e seus filhos, esperam que não falte serviço aos filhos e netos no lugar, afinal é muito difícil ficar longe de casa. O senso de valor agregado ao lugar - espaço vivido – manifesta-se nos migrantes por terem vivenciado o distanciamento de Mirabela.

É impressionante e ao mesmo tempo contagiante a alegria tanto dos homens como das esposas e filhos que não anseiam mais pelas safras em outras regiões de Minas Gerais ou interestaduais - existe de fato a melhoria na qualidade de vida, estão felizes, realizados.

⁴⁶ Os agricultores informaram que no dia 02/10/2008 foram cinquenta migrantes do Distrito de Muquém para o corte de cana no sul de Minas Gerais – o “gato” responsável é de Brasília de Minas.



Figura 40: Agricultor do Assentamento
Autora: FONSECA, G.S, 2008.

Figura 41: Agricultor feliz com a nova vida
Autora: FONSECA, G.S, 2008.

Nas Figuras 40 e 41 visualizamos dois agricultores de idades bem distintas, porém protagonistas de uma mesma história; migraram para executarem o corte-de-cana e a colheita de café em várias regiões de Minas Gerais, contudo com o Assentamento Santo Hipólito deixaram este modo de vida, buscando a construção de uma nova vida. Nas Figuras 42 e 43, temos dois senhores com a mesma saga.



Figura 42: Trabalhador rural
Autora: FONSECA, G.S, 2008



Figura 43: Reunião no Assentamento
Autora: FONSECA, G.S, 2008.

A Figura 42 demonstra um trabalhador em frente à Associação do Assentamento Santo Hipólito e na Figura 43 visualizamos a reunião da Associação e a participação de um ex-migrante temporário, podemos notar pela fisionomia que são homens que carregam as marcas de longos anos de trabalho.

As Figuras 40, 41, 42 e 43 representam quatro dos dez agricultores do Assentamento Santo Hipólito, que deixaram de ser migrantes temporários e hoje se ocupam com suas produções - mesmo que sejam somente para subsistência.

Durante a reunião da Associação, percebemos a participação dos assentados indagando ao agrônomo da EMATER sobre questões relativas à longa estiagem (seis meses sem chuva no norte mineiro) sobre quais medidas devem tomar em relação ao plantio; questionando os representantes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais sobre a liberação das verbas do PRONAF, enfim buscando defender seus interesses. Ao final da reunião foi feito um bingo e servido um lanche coletivo - caldo de cana, café, bolos e biscoitos - fruto do trabalho desenvolvido no Assentamento.

Acreditamos que o fato de o Assentamento estar localizado no espaço onde os trabalhadores nasceram, cresceram e criam seus filhos propicia uma maior identidade, uma ruralidade-lugar. Tuan (1983, p. 224) avalia: “o sentido do lugar oferece a qualidade do equilíbrio do conhecimento e faz cada pessoa se sentir enraizado no lugar onde nasceu e habita”. Consideramos também que políticas públicas que fixam o homem no campo, como mencionou o Sr. Euclides, pode ser

uma alternativa para melhorar a vida dos migrantes temporários de Mirabela e região.

Findamos este item com a certeza de que o Assentamento Santo Hipólito é um exemplo de como poucos investimentos podem significar novos modos de vida para a população do campo. Felicitamos o Sr. Euclides que à frente do Sindicato dos Trabalhadores Rural de Mirabela empenha-se de maneira significativa na concretização do Assentamento, assim como nas melhorias alcançadas.

Na sequência apresentaremos os resultados da entrevista com o prefeito eleito em 2008, em que verificamos as propostas de trabalho para o município, o grau de conhecimento sobre a realidade dos migrantes e ações que possam melhorar a vida dos errantes temporários.

2.4 Esperança de novos tempos depositado na eleição municipal de 2008.

Neste tópico descrevemos o resultado da entrevista realizada com o prefeito eleito em 2008. Procuramos dialogar com o Sr. Lacerdino Garcia Menezes, uma vez que no decorrer do trabalho de campo muitos migrantes mencionaram a esperança de mudança na atual administração municipal.

Em Mirabela existem basicamente dois grupos políticos que alternam no poder, fato comum a outros municípios do norte de Minas. Exatamente há quatro mandatos consecutivos o controle do município estava com a mesma coligação, o que tem deixando parte da população preocupada e esperançosa na eleição de 2008, pois após dezesseis anos ocorreu uma troca de poder.

Ao entrevistar o Sr. Lacerdino indagamos sobre as propostas de governo, em especial para os migrantes temporários. É válido mencionar que o prefeito eleito em 2008 candidatou-se três vezes, o que torna possível considerar que provavelmente deve ter conhecimento dos problemas tanto no espaço urbano como rural.

O Sr. Lacerdino é natural de Pompéu – região da mesorregião Central de Minas Gerais, possui apenas o ensino médio completo, reside em Mirabela desde janeiro de 1991, porém desde 1984 é proprietário de dois Postos de gasolina na

cidade de Mirabela e de uma propriedade rural no município limite, Patis, que era distrito de Mirabela até 1995.

Questionamos primeiramente ao Sr.Lacerdino quais os principais problemas do município?

Considero que no espaço urbano seja falta de esgoto, moradia e desemprego. No campo o grande problema é a manutenção das estradas para escoamento de produtos, além do desemprego, uma vez que há muitos jovens sem perspectivas de trabalho, vivendo da aposentadoria dos pais e ou avós.

Diante dos problemas apresentados solicitamos que apontasse as diretrizes que pretende implementar para solucionar ou pelo menos amenizar os problemas. Segundo o Sr. Lacerdino a construção da rede de esgoto para 100% da cidade está em processo de licitação, feito pela Companhia de Desenvolvimento do Vales do São Francisco e do Parnaíba - CODEVASF -, os recursos serão do Programa de Aceleração e Crescimento - PAC -, a obra contará também com a edificação da Estação de Tratamento de Esgoto - ETE -, sendo que o município já disponibilizou o terreno.

É valido lembrar que o antigo prefeito Carlúcio, em entrevista, mencionou que o processo de licitação estava em andamento. A obra não é conquista de nenhum dos gestores, Mirabela foi agraciada por fazer parte da bacia hidrográfica do São Francisco, sub-bacia do Verde Grande e os recursos destinados fazem parte do Projeto de Revitalização da bacia do rio São Francisco.

Quanto à questão da moradia, o Sr Lacerdino pontuou: “*Vou buscar recursos para a construção de conjuntos populacionais*”(sic). Neste momento comentamos a situação do bairro São João – onde foram feitas casas populares sem qualquer infraestrutura. Desta forma indagamos se não seria viável solucionar os problemas daqueles moradores primeiro. Para o Sr. Lacerdino, a infra-estrutura do bairro São João, apesar de ser mínima é melhor do que a dos moradores que não têm casa, portanto a prioridade é construir casas populares. Damiani (2008, p.94-95) comenta sobre os conjuntos habitacionais:

(...) construídos segundo a contabilidade de sua suposta necessidade, em face do número de habitantes previstos, contabilidade que sempre sofre reacomodações, perante as exigências dos moradores associados em termos de quantidade.

Inaugurar um conjunto habitacional tem visibilidade, ideia compartilhada por políticos do Brasil, podendo resultar em mais votos futuramente. Como menciona Damiani (2008), os espaços reduzidos nunca atendem as necessidades dos

moradores. O direito à moradia é reconhecido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, no Brasil estamos longe dessa realidade, apesar da liberação de verbas federais para aquisição da casa própria. Para Maria Encarnação Beltrão Sposito⁴⁷ (2001), os conjuntos habitacionais homogeneizam a paisagem, são elaborados sem área de lazer, racionalizados.

Para promover a geração de postos de trabalho o Sr. Lacerdino pretende:

É preciso fortalecer a agricultura familiar, promover concurso nos setores que precisam de funcionários, dinamizar o comércio local, estruturar o município de forma que possa explorar o turismo ecológico, uma vez que existem grutas, trilhas, cachoeiras e muitas áreas do cerrado preservadas devido às Áreas de Preservação Permanente, as construções da Estação de Tratamento de Esgoto e das casas populares vão gerar postos de trabalho. (sic)

Consideramos que as propostas para redução do desemprego podem ser viáveis, porém dependem de parcerias com o governo federal e estadual e, infelizmente, em fevereiro de 2009 a Prefeitura Municipal de Mirabela pediu afastamento da Associação dos Municípios da Área Mineira da Sudene⁴⁸ - AMANS -.

A AMANS foi criada em 1977 objetivando unir forças políticas na reivindicação, junto aos governos federal e estadual, de recursos que atendam às necessidades dos municípios do norte de Minas, integrados ao polígono das secas. Ao longo de sua trajetória, a AMANS tornou-se a maior associação microrregional do Brasil, participando diretamente na melhoria regional, a saber, a criação da Unimontes, a construção da ponte sobre o Rio São Francisco no município de Januária, a pavimentação dos trechos que ligam Montes Claros a Espinosa, Itacarambí e a Rio-Bahia; implantação do Projeto de Irrigação do Jaíba, considerado o maior da América Latina e a construção da Usina de Juscelino Kubitschek, conhecida popularmente como Irapé, entre outras.

O jornalista Pedro de Neto no Jornal Extremo, do dia 25 de fevereiro de 2009, trata do isolamento de Mirabela como um retrocesso, uma vez que esteve filiada a AMANS desde 1993, a mesma reportagem alerta que a Câmara de Mirabela não é filiada a Associação dos Vereadores – AVAMS – outro meio de angariar recursos. Conhecendo a realidade norte mineira e a dificuldade dos pequenos municípios em terem acesso a recursos federal e estadual, os dirigentes do executivo e legislativo de Mirabela estão fechando as portas para o município.

⁴⁷ Pesquisadora com ênfase em Geografia Urbana.

⁴⁸ Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

Conforme o Sr. Lacerdino o espaço rural deverá ser a prioridade da administração 2009 – 2012, para tanto, firmar convênios com o Sindicato Rural dos Trabalhadores ampliando a fixação do homem no campo, ou seja, fortalecendo os assentamentos existentes; viabilizará um local adequado para comercialização dos produtos agrícolas, uma vez que a situação do Mercado Municipal é deplorável, além de exigir da Emater ações mais efetivas na assistência aos pequenos agricultores.

Em relação a cursos além da educação básica, o Sr. Lacerdino disse que já agendou uma reunião com o reitor da Unimontes para parceiras que viabilizem a criação de cursos técnicos e ou superiores. Com relação à saúde, considera que esta precisa melhorar com ações preventivas, inclusive com a coleta de lixo seletiva; pretende inicialmente desenvolver uma educação ambiental nos bairros Estação de Tratamento de Esgoto e posteriormente colocar carroças para executar a coleta, acredita ser mais uma forma de geração de emprego. Sobre a carne de sol exposta de forma inadequada, o Sr. Lacerdino disse:

Eu não tenho medo de tomar medidas que vai contra algumas pessoas, vou construir um abatedouro no município, depois vamos regulamentar a situação da carne e criar a festa da carne de sol, no ano que vem, gerando renda, pretendo aumentar a arrecadação, para fazer as melhorias. (sic)

No que se refere à situação dos migrantes temporários, o Sr. Lacerdino tem conhecimento das condições inadequadas em que vivem, inclusive afirmou saber para onde eles deslocam, citando nomes de alguns municípios, além de mencionar o grande número de mirabelenses que vivem em Nova Serrana.

Tenho conhecimento da situação deste povo, vivo o dia a dia deles, sei quem vai para o sul de Minas, para Nova Serrana. Você sabe do caso do homem daqui que matou a esposa? Tal fato acontece por estar longe da família. Eu não quero que o povo de Mirabela tenha de sair daqui para trabalhar, precisamos criar alternativas. Meu plano de governo é para o povo de Mirabela, não tenho ações voltadas só para os migrantes.(sic)

O Sr. Lacerdino pode até ter conhecimento dos problemas, entretanto seu governo não possui políticas voltadas especificamente para os errantes, manteve o discurso de geração de postos de trabalho, que já descrevemos.

As esperanças depositadas na eleição 2008 poderão trazer melhorias para o município? Diante do que temos presenciado nos primeiros meses de 2009, permanecerá uma incógnita, pois consideramos que o afastamento da AMAMS implica em receber menos recursos dos governos estadual e federal. O prefeito

eleito apontou que pretende criar postos de trabalho e um dos recursos que vai utilizar é aumentar a arrecadação do município através da cobrança de IPTU, que até então não é cobrado; do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços - ICMS -, além de trazer verbas com o turismo ecológico.

As eleições de 2008 poderão mudar o retrato de Mirabela? Na realidade é uma outra indagação, que só poderemos saber no decorrer dos quatro anos da gestão do Sr. Lacerdino, no entanto queremos pontuar fatos que vêm ocorrendo desde a posse em janeiro de 2009 em alguns setores. No setor de saúde aconteceu uma redução salarial na folha de pagamentos dos médicos, implicando na saída dos mesmos e, por questões políticas, um médico concursado pediu afastamento sem remuneração.

Na educação a designação de professores gerou polêmica, dispensaram profissionais qualificados e contrataram pessoal sem curso superior, uma vez que há no município vários professores capacitados para ministrar aulas para o ensino fundamental. No espaço rural nenhuma estrada que dá acesso à cidade, até o presente momento, recebeu manutenção e para a coleta de lixo na cidade foi alugado um caminhão de outro município para auxiliar no serviço, ainda não foi adotado o “sistema de carroças”, mencionado pelo Sr. Lacerdino.

Diante do exposto podemos ponderar que para os migrantes temporários mirabelenses as perspectivas permanecerão na mesma trajetória, enquanto houver trabalho, uma vez que a migração para os canaviais irá cessar em 2010, devido à proibição da queima da cana, que deverá ser cortada por máquinas. A derrubada do cerrado também tende a acabar, pois pouco resta deste, e na lavoura de café é cada vez mais comum a colheita semi-mecanizada que utiliza derriçadeiras portáteis ou tracionadas, desprovidas de recolhedores, além da colheita mecanizada que prioriza o uso de máquinas colhedeiras completas, automotrizes ou tracionadas por trator, conseqüentemente o desemprego estrutural. Para o município de Mirabela restará menos capital circulando no comércio, piores condições de vida para as famílias migrantes, enfim para os gestores públicos em todas as esferas mais problemas a serem enfrentados - a tendência de acréscimo de trabalhadores sem trabalho na sociedade.

Para Maria Adélia Aparecida de Souza⁴⁹ (2006, p. 176) surge dentro da ótica do trabalho a refuncionalidade dos lugares:

⁴⁹ Professora Titular de Geografia Humana da Universidade de São Paulo

Refuncionalização ditada pela ruptura do processo que neste século caracteriza o mundo e define os lugares - o mundo do trabalho. Malgrado as transformações violentas destes tempos e reveladas pelos lugares, as rupturas que se operam são vistas como violentas, pois desconhecidas: um novo processo, uma nova ordem, uma nova lógica determinados por relações humanas e sociais inusitadas e inatingíveis pelo exclusivo critério do mundo do trabalho e da produtividade.

O mundo do trabalho mencionado pela autora seleciona é extremamente competitivo e descarta não só mão-de-obra desqualificada na ótica capitalista, como é o caso dos migrantes temporários, mas também profissionais titulados.

Neste sentido impera a racionalização dos lugares, onde a resistência e a sobrevivência dependem da solidariedade, “(...) sem a qual, sem dúvida, o mundo e lugar se desmanchariam no ar”. (SOUZA, 2006, P. 177). Mediante o exposto é que se pode reafirmar a importância de se estudar os lugares e os atores que os transformam.

Finalizamos este capítulo enfatizando que o poder público, funcionários do Sindicato Rural dos Trabalhadores de Mirabela e, principalmente, os “gatos” e migrantes foram extremamente receptivos. Os turmeiros e os migrantes abriram suas casas para nos receber, relataram suas histórias de vida, permitiram-nos participar do seu modo de viver. Consideramos que os relatos foram essenciais para conhecer a realidade dos migrantes, para Ortiz (1988, p. 8): “Relatos de vida estão sempre contaminados pelas vivências posteriores ao fato relatado, e vêm carregados de um significado, de uma avaliação que se faz tendo como centro o momento de memorização.” Histórias, relatos que representam famílias inteiras que passaram, passam e provavelmente passarão pela mesma trajetória.

No capítulo três abordaremos as redes solidárias que consolidam na vida dos migrantes mirabelenses e de seus familiares e o retorno dos migrantes que deslocaram em 2008, assim como as perspectivas para 2009.

CAPÍTULO III

3- REDES SOCIAIS ENTRE MIGRANTES TEMPORÁRIOS E REFLEXOS NO MODO DE VIDA.

Neste capítulo descrevemos as redes sociais formadas pelos migrantes temporários e seus familiares, assim como o reflexo no espaço mirabelense e no local de trabalho, ou seja, no modo de vida. Para tanto julgamos necessário uma breve abordagem sobre a temática rede. O arquiteto Ralfo Edmundo da Silva Matos e o geógrafo Fernando Braga⁵⁰ afirmam que as “(...) redes são, na atualidade, um dos conceitos mais recorrentes nas ciências exatas e nas ciências sociais e definem, em função da sua fácil representação e compreensão, vários tipos de sistemas de relações”. Para os estudiosos, as redes permitem entender as transformações do espaço geográfico no âmbito político, econômico e social.

Silva e Fonseca⁵¹ (2007, p.1) asseguraram que “pela teoria sistêmica ou holística, pode-se afirmar que o todo é rede, ou melhor, tudo está em rede”, o mundo vive em redes integradas tanto pela natureza como pelo homem. Nas palavras de

⁵⁰ Pesquisadores do Laboratório de Estudos Territoriais do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais.

⁵¹ Rosana Silva e Gildete Soares Fonseca (2007) no artigo: *A espacialidade e a geograficidade das redes antrópicas*, caracterizam a evolução das redes antrópicas e as conseqüentes modificações nas concepções de espacialidade, instituindo a geograficidade das mesmas.

Capra (1996, p. 78) “sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes”, vivemos em um emaranhado de (de) redes, espaços de poder e de exclusão.

As redes recebem classificações conforme cada Ciência e / ou pensadores, optamos por abordar dois eixos básicos: naturais e antrópicas ou humanas, no contexto da última as redes sociais. As redes naturais podem ser cósmicas e fisiológicas, em escalas macro e micro (galáxias, cinturões de asteróides, leitos e vales de rios, cordilheiras ou cadeias de montanhas, massas de ar, fauna, flora neurônios, artérias, veias, músculos, ossos, órgãos de digestão, sistema imunológico...), para Capra (1996) representam a teia da vida.

As redes antrópicas são representadas por outro conjunto de “nós” como pontua Manuel Castells (2000, p. 498), “rede é um conjunto de nós interconectados”. Podendo ser como redes sociais, técnicas, logísticas, de infra-estrutura, hertzianas ou eletromagnéticas, neurais, artificiais ou telemáticas entre outras, resultantes das ações humanas, sendo que no contexto das ondas tecnológicas tornam-se mais complexas e abrangentes.

Nosso interesse, como já mencionado, restringe-se às redes sociais que, para Mance (2000, p. 24), representam a “articulação entre diversas unidades humanas que, através de certas ligações, trocam elementos entre si. Cada nó da rede representa uma unidade – pessoa – e cada fio um canal por onde essas unidades se articulam através de diversos fluxos”. Assim temos redes sociais primárias e secundárias, cada uma com características peculiares. Para Juliano Fisicaro Borges⁵² (2009, p.185) as “(...) redes sociais primárias são constituídas por todas as relações significativas que uma pessoa estabelece cotidianamente ao longo da vida”, a exemplo do que temos com os migrantes temporários mirabelenses e familiares no âmbito individual e ou coletivo.

É válido mencionar que não se deve pensar a organização das redes apenas pela falta de dinheiro, da vulnerabilidade e exclusões que normalmente perpetuam por gerações, mas como articulação que estimula a cidadania e fortalece as relações entre os envolvidos.

Quanto às redes sociais secundárias Borges (2009, p.185 - 186) afirma que “(...) são formadas por profissionais e funcionários de instituições públicas ou privadas; organizações sociais, organizações não-governamentais, associações

⁵² Economista formado pela PUC/MG, mestre em Administração Pública na Área de Concentração em Gestão Econômica (Fundação João Pinheiro-MG), professor da Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG -.

comunitárias que fornecem atenção especializada, orientação e informação”. Em Mirabela o Assentamento Santo Hipólito pode receber tal classificação, pois surgiu da luta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais em defesa dos direitos de pequenos agricultores que necessitavam obter sua própria terra para cultivar, além de que a Associação dos assentados permanece buscando melhorias para o conjunto com orientações do Sindicato e da Emater.

De acordo com Fortunata Piselli⁵³ (1998, 115), o conceito de redes nas pesquisas de migração:

(...) sublima a complexidade e o entrelaçamento das esferas formais e informais da economia, a importância das variáveis sociais através das quais se desencadeia o processo econômico, e ainda as inter-relações entre unidade de produção, instituições, território e grupos étnicos.

Nesta perspectiva consideramos que as redes sociais constituídas pelos migrantes temporários contribuem para fortalecer as relações interpessoais diante das intempéries enfrentadas por eles. Antônio Augusto Pereira Prates, Flavio Alex de Oliveira Carvalhães e Bráulio Figueiredo Alves Silva⁵⁴ (2007, p. 51) afirmam que as redes sociais funcionam “(...) com o estoque de credibilidade e confiança entre pessoas gerado pelo envolvimento em grupos ou comunidades com sistemas de solidariedade”, sendo que o fortalecimento depende de um conjunto de fatores, o principal é sem dúvida a confiabilidade associada ao poder social.

Prates, Carvalhães & Silva (2007, p. 51 - 52) afirmam as “redes sociais bem posicionadas na estrutura de poder aumentam a visibilidade dos membros sobre as chances de sucesso, reforçando, assim, a predisposição para a ação coletiva”, desta forma a capacidade de articulação dentro das redes possibilita o poder social.

No caso específico da trajetória dos migrantes temporários mirabelenses as redes sociais surgem mediante as dificuldades encontradas no local de trabalho, a situação dos alojamentos, a saudade dos familiares, o baixo poder aquisitivo compartilhando entre eles, os costumes e a cultura. No entender de Menezes (2002, p.157):

As condições dos alojamentos são deploráveis. Entretanto, nesse ambiente degradado, os trabalhadores migrantes tentam criar um espaço social, em que a vida cotidiana assume significados e sentidos para além das condições espoliativas de trabalho e moradia.

⁵³ Membro da Universidade de Trento que propõe uma discussão sobre a teoria de redes na migração das mulheres.

⁵⁴ Pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Apesar dos espaços inadequados existe uma interação entre os trabalhadores por permanecerem longos períodos distantes de seus familiares e da terra natal.

Fortunata Piselli (1998) aponta que as redes na migração desenvolvem-se em duas dimensões: a cultural e a econômica-social. Na dimensão cultural existe uma tendência de fortalecer e ainda consolidar a cultura do espaço de origem, mesmo tendo contato com outras.

O fenômeno migração não se limita a suscitar o problema da reformulação e da redefinição dos comportamentos e categorias econômicas. Com efeito, os imigrantes vêm-se também a necessidade de <<re-situar>> num novo contexto todas as suas categorias culturais e simbólicas. (FORTUNATA PISELLI, 1998, P. 113).

Para o migrante, (re) lembrar a cultura e os costumes implica manter o vínculo, a identidade com os que ficaram à sua espera. Bhabha (1998, p. 83), assevera:

Cada vez que o encontro com a identidade ocorre no ponto em que algo extrapola o enquadramento da imagem, ele escapa à vista, esvazia o eu como lugar de identidade e autonomia e – o que é mais importante – deixa um rastro resistente, uma mancha do sujeito, um signo de resistência.

O trabalhador migrante temporário enquadra-se como sujeito resistente ao árduo serviço executado bem como nas questões sentimentais. Neste sentido devemos considerar que “algumas identidades podem se sobrepor às outras; além disso, identidades podem, inclusive, perder significados. Isso não resulta, entretanto, em perda de identidades dos lugares”. (HISSA E CORGOSINHO, 2006, p 15). Nos relatos dos migrantes mirabelenses percebemos claramente o que Hissa e Corgosinho enfatizam, uma vez que permanecem integrados a Mirabela.

Quanto à dimensão econômica-social as redes edificam a realidade dos migrantes que trabalham em busca da sobrevivência, diante das imposições do capital, buscando nos companheiros do grupo entusiasmo e apoio, nas palavras de Maria Carolina Tomás, Flavia Pereira Xavier e Otávio Soares Dulci ⁵⁵ (2007, p. 77) “O trabalho é uma variável importante na integração econômica e social dos indivíduos (...)”, representa o sustento da sociedade.

Nesse sentido para os migrantes que ficam em alojamentos tipo galpão, sem conforto, ocorre a solidificação das amizades; as noites são consideradas longas pela saudade dos familiares e ao mesmo tempo pequenas para descansar. Dessa forma compartilham alegrias, angústias, criam um ambiente onde contam histórias

⁵⁵ Pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

dos filhos, mulheres, relembram o aconchego do lar, por menores condições que tenham, jogam baralho, escutam rádio, assistem televisão (quando têm), apesar de que a programação de interesse da maioria dos trabalhadores são programas esportivos - o que dificilmente é transmitido à noite na TV aberta.

Um outro momento perceptível de solidariedade dos migrantes é na limpeza dos alojamentos, feita em conjunto, apesar do revezamento e do fato de que muitos homens não conseguem executar serviços como lavar banheiros, roupas; assim é comum uns sobressaírem e ocuparem a função, principalmente nos finais de semana.

Para os migrantes, o domingo deveria ser o dia mais esperado, uma vez que vão à cidade ou povoado telefonar para os familiares, obter notícias dos mesmos (não é todo local que existe cobertura de celular), no entanto o fato de estarem “só” dá sensação de que o dia é mais longo, neste momento o apoio entre os migrantes é fundamental, principalmente quando ficam sabendo algum problema dos entes queridos que estão distantes, sendo comum formarem rodadas de cantoria e ou danças para superar as dificuldades, valorizando o regionalismo norte mineiro. Tomás, Xavier e Dulci (2007, p 78) pontuam: “As redes sociais trazem dimensões valorativas e subjetivas dadas pelos indivíduos. A convivência social gera confiança, sendo esta uma condição básica para a existência do mercado (...)”. Devemos também considerar que no âmbito do trabalho ocorre conflito, oportunismo, desconfiança, ou seja, desordem entre os migrantes, inclusive desfazendo e ou enfraquecendo o grupo, um fato comum é a seleção de trabalhadores conforme o desempenho produtivo, o comportamento e o consumo de drogas para suportar o serviço, no entender de Claval (2006, p. 105):

Quando as pessoas aderem as mesmas crenças, dividem os mesmos valores e associam suas existências a objetivos próximos, nada se opõe a que eles se comuniquem livremente entre si. Mas desde que eles saem do grupo no qual se sentem solidários, suas atitudes mudam: a desconfiança se instala, as trocas se tornam uma fonte de ameaças, na medida em que elas podem questionar a estrutura sob a qual foram construídas a personalidade dos indivíduos e a identidade dos grupos.

A desconfiança mencionada por Claval é a mola propulsora das demais ações, pois onde não existe confiança, não há credibilidade e as relações vão se deteriorando. As atividades exercidas pelos migrantes podem promover a desordem, pois ganham conforme a produtividade, a escolha de indivíduos jovens favorece

maior rendimento, eles também são mais suscetíveis ao uso de drogas (quando fazem uso destas acabam, em um primeiro momento, tendo maior produtividade).

No que concerne aos trabalhadores que deslocam com as esposas para Presidente Olegário-MG, a rede de solidariedade acaba ocorrendo mais no sentido das relações trabalhistas, uma vez as mulheres estão no local de trabalho, à noite e na hora das refeições, além de executarem o serviço doméstico (lavar roupas, fazer as refeições, limpeza das casas...) nos alojamentos -, representando a companheira do migrante. Para estas, o maior problema é sem dúvida a distância dos filhos - surge um sentimento de impotência, cada vez que falam com os filhos (em geral menores de idade), choram e buscam o ombro das outras migrantes que vivenciam a mesma situação.

Os maridos nem sempre conseguem compreendê-las, às vezes dizem que as esposas excedem no choro, alegando que estão longe para melhorar as condições de vida dos filhos. O que desenvolve nas mães – migrantes – é a sensação de abandono, a incerteza do retorno, do reencontro com os filhos, para elas surge a impressão de que a única herança a ser deixada para os filhos é a migração.

A mulher em geral é mais sensível do que o homem, o que as aproxima uma das outras até mesmo na lamúria do serviço, conversam sobre as dificuldades de que enfrentam na colheita do café, a falta de privacidade, de um local adequado para fazer suas necessidades fisiológicas, o cansaço no retorno dos cafezais, a jornada dupla – uma vez que deverão preparar o almoço do dia seguinte, fazer limpeza da casa – alojamento - mesmo que superficial. Nos domingos enquanto o homem descansa, a mulheres vão fazer a faxina, lavar as roupas, enfim uma migrante pode ser considerada guerreira, pois sobre ela há uma sobrecarga de funções e de sentimentos reprimidos.

A mulher independe de ser migrante, ter maior qualificação ou não vem assumindo mais responsabilidade na estrutura familiar, idéia confirmada pelo IBGE (2007, p. 23):

O tempo que as mulheres dedicam aos afazeres domésticos é significativamente maior do que aquele dedicado pelos homens, independentemente da condição na família (chefe ou cônjuge), da escolaridade, da renda ou da condição de ocupação (ocupado, desocupado ou inativo). Os dados confirmam o que se percebe pela observação da vida social: são, ainda, as mulheres as principais responsáveis pela tarefa de cuidar da casa, dos filhos, dos idosos, da manutenção da família e de todas as atividades relacionadas ao âmbito doméstico.

Os serviços domésticos executados pelas mulheres sempre estiveram presentes na sociedade brasileira, contudo além destes é cada vez mais comum tornarem-se responsáveis pela unidade familiar; no caso das migrações que deslocam para Presidente Olegário dividem com os homens as despesas na manutenção das famílias.

No que se refere aos mirabelenses que trabalham em Nova Serrana-MG, mencionados no capítulo anterior, podemos pontuar que apresentam uma rede social mais bem articulada, pois vivem em um espaço urbano, precisamente em repúblicas, são jovens que muitas vezes não têm nenhum grau de parentesco, contudo dividem o espaço físico, alegrias, angústias, tristezas, comidas, bens básicos para sobreviver, além de organizarem as visitas à terra natal fretando ônibus nos períodos das festividades e feriados prolongados.

O cotidiano dos migrantes distantes favorece a aproximação, superação dos problemas enfrentados, uma vez que para eles existe o lugar de viver e o local de trabalhar. O lugar de viver é Mirabela, que apesar das dificuldades tem “aluminação⁵⁶” (GUIMARÃES ROSA, 1986). Quanto ao local de trabalhar são representados pelos canaviais, as lavouras de café, as carvoeiras, as indústrias de calçados (caso de Nova Serrana), ou seja, onde houver serviço temporário que absorva a mão-de-obra dos mirabelenses.

As idas e vindas dos mirabelenses à procura da sobrevivência levam a imagem do lugar de viver, da família; para Corrêa (2008, p. 307): “Os lugares, enquanto manifestações espaciais da cultura estão impregnados de simbolismo que os tornam específicos, dotados de uma singularidade simbólica.” Ao migrar carregam a dor da partida, retornam com a satisfação de dever cumprido e com a certeza que logo deverão regressar para o local de trabalho.

A secção seguinte aborda as redes sociais dos familiares dos migrantes em Mirabela e traz o resultado da última pesquisa de campo, em que averiguamos como foi o trabalho dos migrantes mirabelenses em 2008 e as perspectivas para 2009.

3.1 Reflexo das redes sociais dos filhos de migrantes mirabelenses, o retorno dos migrantes mirabelenses que deslocaram em 2008 e as perspectivas de trabalho em 2009.

⁵⁶ Termo que significa alegria, encantamento, muito utilizado na obra de Guimarães Rosa ao descrever o sertão das gerais.

A interação dos migrantes nos cafezais, canaviais, carvoejamento, enfim no trabalho temporário facilita o desenvolvimento de valores comuns, refletindo no espaço mirabelense, principalmente nos filhos. O poder público, ao contrário do que deveria fazer, “esquece” de promover a formação de redes sociais que minimizem as desigualdades, para Borges (2009,p.185): “Um dos maiores desafios do agente público, voltado para a redução da pobreza e exclusão social, é a criação ou fortalecimento de redes sociais. Qualquer política pública que vise o desenvolvimento social não pode menosprezar estes aspectos.” Nos municípios do norte de Minas Gerais, as políticas implantadas com os projetos agrícolas, a industrialização, o carvoejamento do cerrado e posteriormente o reflorestamento com eucaliptos promoveu um distanciamento das classes trabalhadoras além de incrementar o êxodo rural.

Em Mirabela o que se vê é que aqueles que viviam dos frutos do cerrado estão migrando em busca de trabalho ou sobrevivendo com as políticas assistencialistas do governo federal, pois não se pode comer o eucalipto, ele não substitui o trabalho sustentável propiciado pelo cerrado. Paula e Brandão (2006, p. 117) afirmam: “Mudam-se os espaços, modificando as vidas, invertem-se tempos e espaços e revertem lugares, valores e paisagens”. Neste contexto a população recria novos modos de vida esperançosa de alcançar, quem sabe um dia a continuação no lugar de viver.

Na cidade as crianças e adolescentes procuram criar laços de amizade com outro filho de migrante que esteja no mesmo local que seus pais, fato interessante, pois agrupam conforme a atividade exercida pelos pais, dificilmente o filho do migrante que trabalha na colheita de café é companheiro daquele que executa corte de cana. Tal acontecimento ocorre pela facilidade de obter notícias dos pais, sentirem mais à vontade em dialogar sobre basicamente as mesmas dificuldades enfrentadas no cotidiano, inclusive a permanência com os avós maternos.

No espaço escolar as datas comemorativas são tidas para os filhos de migrantes como um pesadelo - dia das mães, dos pais, família na escola -, uma vez que quase sempre os homenageados estão ausentes. Os estudantes acabam ficando constrangidos e resistentes em participar, formando assim grupos reclusos

com o mesmo sentimento, desta forma sentem-se mais seguros próximos daqueles que estão vivenciando o mesmo dilema.

Notamos, ao longo da pesquisa, a baixa escolaridade dos migrantes temporários, refletindo nos filhos e obviamente na renda familiar. Para a visão da tradição sociológica segundo Letícia Junqueira Marteleto, Ana Paula de Andrade Verona e Cristina Guimarães Rodrigues⁵⁷ (2007, p. 139) existe: “(...) alta correlação entre a educação e a ocupação dos pais e dos filhos”. A literatura econômica enfatiza “o papel da estratificação educacional como fonte geradora de desigualdade de renda” (MARTELETO, VERONA, RODRIGUES, 2007, P.139), ou seja, nos dois casos a desigualdade social e a baixa escolaridade estão imbricados.

Em geral, a escolaridade dos pais influencia no desempenho educacional dos filhos, assim como nos rendimentos da família implicando na qualidade de vida, reduzindo a pobreza.

No que concerne aos filhos de migrantes maiores de idade, normalmente frequentam os mesmos bares, roda de amigos, festas e quando estão em Mirabela exercem basicamente as funções iguais ou similares, como serviços de pedreiro e trabalhos braçais nas fazendas da região. Em função de conhecerem a realidade sócio econômica, sempre que ficam sabendo de oportunidades de trabalho comunicam entre si, contudo, infelizmente os filhos adultos de migrantes, como já mencionamos, normalmente seguem a trajetória dos pais.

No espaço rural as redes sociais entre filhos de migrante são mais abrangentes, provavelmente devido às dificuldades de comunicação com os pais, à carência de recursos financeiros, de locomoção e das distâncias geográficas, pois na cidade de Mirabela as residências dos migrantes estão basicamente nos mesmos bairros, além do que o espaço urbano é pequeno. No campo os migrantes moram mais longe uns dos outros, estabelecem contatos nas atividades agrícolas exercidas, nos finais de semana, nos jogos de futebol, na reunião nas igrejas, além de formarem “associações” de ajuda mútua, em que desenvolvem atividades agrícolas no sistema de mutirão, barateando o custo do serviço, além de executá-lo em menos tempo. Na colheita ou plantio estabelecem um calendário de trabalho em que o beneficiado oferece três refeições (almoço, café da tarde e jantar), não há

⁵⁷ Pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais

pagamento pelo trabalho executado, essas ações são também percebidas na construção e / ou reforma de casas.

Os filhos dos migrantes interagem tanto nos momentos de diversão como nas atividades para sobrevivência. Quando mencionamos a organização em mutirão incluímos também o papel das mulheres, sejam esposas ou filhas, a realidade é uma só, aprendem a realizar todos os serviços desde a infância. Como estamos falando de norte de Minas Gerais, devemos pensar em mulheres de todas as idades, ainda com enxada, plantando, colhendo, buscando água “na cabeça”⁵⁸, enfim, exercendo uma variedade de atividades, além de cuidar dos filhos (esposas de migrantes), dos irmãos mais jovens (filhas dos migrantes) e dos netos (avós maternas).

A convivência entre os familiares dos migrantes é tão intensa que acaba motivando casamentos e gravidezes na adolescência, o interessante é que em geral os acontecimentos ocorrem na ausência dos pais, é a desagregação das famílias ou ainda a formação de outras sem qualquer infraestrutura, perdurando as péssimas condições sociais. Os jovens, após o casamento, passam a seguir a vida dos pais, experimentarem outras relações sociais; as adolescentes que engravidam e não casam representam mais encargo para os pais e avós.

Ao avaliar os efeitos das redes sociais na territorialidade mirabelense, percebemos o quanto existem pontos fracos na gestão pública, sendo que estamos considerando uma escala micro que pode ser externada para macro. O povoado surgiu (1822) tendo como base a pecuária, “caminho do gado”; com a emancipação política (1943), ampliou-se a pecuária e a agricultura de subsistência, favorecendo o comércio, surgiram também cargos público municipal e estadual; a pavimentação da Br 135 às margens da cidade, que facilitou o acesso a Montes Claros e à capital mineira, além de aumentar o fluxo de veículo na área, contudo pouco se vê em Mirabela a geração de postos de trabalho e consequentemente a melhoria de vida do povo, a impressão que temos é que o município surgiu e permanece na estagnação, sendo que as benfeitorias existentes são frutos da conquista popular ou reflexo da política de planejamento federal que inseriu grande parte dos municípios do norte de Minas na SUDENE.

Neste cenário, os mirabelenses são figuras ilustres que têm promovido através de pequenas ações um ambiente menos árduo de se viver. Indivíduos como

⁵⁸ Termo utilizado na região para classificar as pessoas que não têm água encanada, portanto vão ao rio buscar água em baldes que são levados na cabeça.

os migrantes temporários que investem todo o capital no comércio local; Igrejas que têm reduzido a mortalidade infantil e as taxas de desnutrição através da criação de hortas comunitárias, da Pastoral da Criança, as vinte oito associações de pequenos produtores rurais; as quatro associações de bairro; a Loja Maçônica Templários de Bela Vista; o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e o Sindicato dos Produtores Rurais que desenvolvem melhorias na vida daqueles menos favorecidos; além dos servidores públicos, que apesar dos baixos salários procuram empregar suas rendas na economia local, dessa forma a territorialidade de Mirabela vem transformando-se, fortalecendo as redes de solidariedade e abandonando “a miséria que permite recriar o lugar de origem como o lugar de festa; enquanto o lugar de destino se constitui como o lugar do trabalho” (MARTINS, 1988, P.61). As redes sociais surgem como alternativa para que o lugar de viver seja também o de trabalho.

Nestas perspectivas, no dia 11 de dezembro de 2008 foi inaugurada a Casa do Mel em Mirabela – um investimento de pouco mais de trinta mil reais, recurso da CODEVASF, conquista da Associação dos Apicultores de Mirabela, mais precisamente trinta famílias de pequenos produtores rurais que produzem em torno de trinta toneladas de mel anualmente, tal fato reflete as redes secundárias e o incremento na renda das famílias, uma vez que existe uma parceira de compra e venda com a Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB -.

Podemos inferir que são as redes sociais que têm minimizado o sofrimento das famílias migrantes e é através delas que se pode visualizar uma solução para as migrações temporárias e outras perspectivas de vida para as gerações futura. Que o lugar de viver dê a cada indivíduo dignidade, nas palavras de Martins (1988, p. 61):

A migração será definitiva quando a festa também migrar. Quando o reencontro desses dois momentos se der no mesmo espaço e a festa, camponesa, anual do padroeiro, sair do seu ciclo cósmico e entrar no ciclo linear do descanso semanal remunerado, do cinema do futebol.

O fim da migração temporária, a expropriação da mão-de-obra barata destes trabalhadores terá fim a partir da solidificação das redes e consequentemente com a promoção da justiça social, tão sonhada no sertão mineiro, assim como em todo o Brasil. Ao abordar justiça social não pretendemos tratar de equidade, mas criar medidas efetivas que possam possibilitar ao migrante o que é assegurado na Constituição do Brasil – cidadania – condições de trabalho para poder permanecer perto de seus familiares.

No que se refere ao retorno dos migrantes ficou visível que o mês de dezembro, tanto na cidade como no espaço rural, é tempo de alegria para as famílias, devido à chegada daqueles que estiveram trabalhando em outros municípios. As crianças, talvez pela pureza e inocência, expressa a felicidade, visualizam melhorias em suas vidas. As esposas que ficaram responsáveis pela casa e filhos sentem-se aliviadas em ver os maridos de volta, principalmente por conhecerem as histórias de homens que não retornam, às vezes porque morreram ou encontraram outra companheira no local para onde migraram.

Para o migrante o regresso está atrelado a situações conflituosas que ofuscam seu contentamento e a angústia sobrepõe-se, pois não sabe quanto tempo o dinheiro que ganhou vai sustentar a família, principalmente porque como mencionamos, há casos daqueles que enviaram parte dos rendimentos todos os meses; outro problema relatado é a incerteza de trabalho em 2009. Em geral este é o panorama dos migrantes temporários mirabelenses, o que abranda as preocupações é a sensação de estar em casa, no lugar de residência, em família. Conforme o IBGE (2007, p 23): “O espaço da família é um dos espaços sociais mais relevantes para se compreender a articulação entre esses valores e a sua tradução na vida prática cotidiana”. Apesar do modelo de família na sociedade brasileira ter tido alterações nas últimas décadas, nas cidades do interior mineiro, permanece bastante fortalecida família constituída de pais (homem e mulher) e filhos.

Os migrantes que deslocaram para Presidente Olegário em junho de 2008 retornaram em maio de 2009. Como em todos os anos, as mulheres migrantes regressam, organizam a casa cuidam dos filhos, permanecem alguns meses com eles e em fevereiro, quando começa o ano letivo escolar, preparam-se para a próxima migração. Quanto à remuneração da migração de 2008, não tiveram incremento em relação aos anos anteriores, contudo consideram que o valor de compra ficou menor. Ao serem questionados sobre os investimentos do dinheiro conquistado, compreendemos o porquê de sentirem a perda do poder de compra, todos, sem exceção, estão melhorando suas casas, pagando dívidas de produtos alimentícios, o restante é reserva para o sustento até a próxima viagem.

Os migrantes que deslocaram para Campestre não apresentam diferenças significativas daqueles que foram para Presidente Olegário, exceto por ser um grupo de homens, quase todos solteiros, o que implica que ter mais capital para investir em Mirabela.

Aqueles migrantes que deslocaram para o corte de madeira, carvoejamento vão aguardar o contato das fazendas com o Sr. Carlos (turmeiro), enquanto não vislumbram o trabalho, procuram desenvolver alguma atividade na região para subsistência. A renda destes migrantes, quando casados é baixa, pois as esposas e filhos são mantidos com o dinheiro depositado todo mês, logo trazem pouco capital no retorno. Os solteiros, ao regressarem, compram motos, eletroeletrônicos, roupas, gastam em festas e somente alguns preocupam em economizar. O poder público municipal, que tem sido omissos com os migrantes, agora utiliza a redução do FPM como estratégia, inclusive para justificar o decréscimo em investimentos básicos para a população como atendimento médico e merenda escolar.

Os migrantes que foram enganados no Estado de Goiás, exercendo trabalho escravo, como descrito no capítulo II, procuraram migrar para outras áreas e esquecer o que vivenciaram. Quanto aos mirabelenses que trabalham em Nova Serra, permaneceram em Mirabela apenas nos dias de folga, durante o período natalino e reveillon, posteriormente retomaram suas funções nas fábricas.

Ao analisar o cotidiano dos migrantes entendemos por que, em geral, os filhos abandonam os estudos para migrarem com os pais, pois no local de trabalho as refeições estão garantidas, ao contrário do local de residência. Compreendemos também o sentimento de pertencimento ao lugar, apesar das dificuldades, é comum mirabelenses enaltecerem a terra natal, pois estabelecem uma relação de apego com o espaço vivido e mesmo com pouco capital priorizam gastá-lo no comércio local. Como pontua Maria A. do Nascimento Arruda ⁵⁹ (1990, p.198) é: “o olhar para trás, com um misto de nostalgia e apreço exagerado”, assim os mineiros constroem uma identidade regional, no caso específico de Mirabela tal fato é visível, pois viver no norte de Minas Gerais, estereotipado como região da “miséria, problema” significa ser resistente, não por acomodação, mas pelos laços consolidados com o lugar, cultura - enquanto significado a partir de experiências.

Consideramos que o ano de 2008 para os migrantes temporários de Mirabela não apresentou avanços, pois não tiveram qualquer melhoria nas condições de trabalho e a remuneração permaneceu no mesmo patamar, em função do elevado custo de vida perceberam queda no poder de compra. As perspectivas de trabalho em 2009 para os trabalhadores mirabelenses não são promissoras, tendo em vista a

⁵⁹ Autora da obra: *Mitologia da mineiridade. O imaginário na vida política e cultural do Brasil.*

redução de emprego em quase todos os setores da economia, e dentro da lógica, os mais atingidos são sem dúvida pessoas de baixa escolaridade - os migrantes temporários enquadram-se neste grupo. Contudo a partir de abril de 2009 os trabalhadores que deslocam para Campestre e Presidente Olegário migraram como em todos os anos; o Sr. Carlos e sua turma aguardam o contato das fazendas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão de migração temporária possibilita compreender os fluxos migratórios; os fatores que mantêm tantos indivíduos de gerações diferentes inseridos neste contexto; a dinâmica do mercado de trabalho que absorvem mão-de-obra de mulheres e homens; a desestruturação das famílias; a exploração das classes trabalhadoras com menor nível de escolaridade; a construção das redes sociais e a resistência de muitos com a contramobilidade. Reflete as desigualdades sociais em espaços locais / regionais, a incapacidade dos gestores públicos da esfera municipal, estadual e federal em atender às necessidades básicas de pessoas que buscam dignamente um meio de sobreviver através da força do trabalho.

Em Mirabela, pequeno município da mesorregião do norte de Minas Gerais, parte da população desde seu processo de ocupação e formação sobrevive do trabalho transitório em várias áreas mineiras e diferentes estados da Federação. Este panorama ocorre tendo em vista a carência de postos de trabalho no município e no norte de Minas Gerais. O retrato de Mirabela, assim como de outros municípios do Brasil, não difere nos aspectos sociais e econômicos, a infraestrutura é precária nos setores de saúde, educação, abastecimento de água, energia, pavimentação das ruas, áreas de lazer, ausência de rede de esgoto, enfim um quadro que é justificado pelo poder público tendo em vista a baixa arrecadação.

Apesar da emancipação política em 1963, ou seja, o município completou quarenta e seis anos em 2009, a população tem sido a principal responsável pelo crescimento econômico, apesar de a Prefeitura ser uma das fontes de trabalho. A sociedade mirabelense através da força dos Sindicatos, Associações comunitárias, de bairro, entidades filantrópicas, igrejas entre outros tem fortalecido o comércio local, inaugurando estabelecimentos (como a Casa do Mel, Cooperativa Agropecuária Regional de Mirabela) que valorizam a vocação econômica do lugar – atividades ligadas ao campo -, além dos quatro assentamentos que atendem aos pequenos agricultores, até então sem perspectivas de subsistência, alguns eram migrantes temporários. Os mirabelenses fazem parte do grupo de brasileiros trabalhadores que necessitam de ações governamentais simples, porém eficazes para terem de fato, uma vida digna sem precisar abandonar o lugar.

Relacionar as migrações temporárias dos mirabelenses com a categoria geográfica – lugar - na perspectiva humanista significou averiguar a trajetória destes que têm contribuído para a resignificação do lugar de morar e de trabalhar, facilitou o entendimento na organização espacial do município, a ausência do poder público diante das dificuldades dos migrantes temporários e da população como um todo. Possibilitou espacializar os fluxos que ocorrem para os municípios mineiros de Campestre, Três Marias, João Pinheiro, Presidente Olegário, Bocaiúva, Alfenas, Patos de Minas e Nova Serrana. Além daqueles que ocorrem para os estados da Bahia (Mucuri, Barreiras e São Desidério); Tocantins (Palmas); Goiás (Maurilândia) e Mato Grosso do Sul (Aquidauana e Três Lagoas) e principalmente conhecer as histórias de vida dos migrantes e familiares, a dor da partida e a incerteza do regresso. Ao retornar existem dois sentimentos marcantes: a certeza de ter que migrar na próxima oportunidade de trabalho e a tristeza de descobrir que a ausência implicou na relação com o lugar vivido de moradia e das famílias.

Os migrantes entristecem com a estrutura do município, pois não há nenhuma ação política significativa de mudanças; apesar de tal fato eles investem todo capital do trabalho no lugar, melhorando suas casas, dinamizando o comércio, ou seja, são agentes diretos na transformação do espaço mirabelense – demonstrando a forte relação de pertencimento com o lugar de origem.

Percebemos através dos relatos que toda a família migrante vive fragilizada, as mães que deixam os filhos menores de cinco anos com as avós maternas expressaram através das lágrimas angústia, um sentimento de impotência, uma vez

que sabem que o período distante da prole nunca vai voltar, as crianças crescem sem o laço afetivo materno, tão importante na primeira infância. Crescer sem o pai ou a mãe uma média de três a seis meses por ano pode comprometer toda a vida da criança ou do adolescente, há um reflexo na aprendizagem escolar, alguns inclusive abandonam a escola, não vislumbram na educação básica perspectivas de mudanças. Os homens que migram sem as esposas sofrem pela falta da companheira, do lugar, dos amigos, do convívio em um ambiente de aconchego, muitos para aliviar a saudade acabam consumindo bebidas alcoólicas.

Os migrantes mirabelenses mantêm a esperança de que os filhos não sigam a mesma saga, pois viver quilômetros distante dos filhos, da residência representa enfrentar longas horas de trabalho, alimentação racionalizada apenas para sustentar a plena produtividade, alojamento com espaço reduzido, poucos banheiros, salários que variam conforme a produção, enfim a exploração da mão-de-obra barata e desqualificada.

Neste contexto desenvolvem-se sentimentos de topofilia e topofobia por Mirabela. Muitos migrantes abandonam o município devido às perdas irrecuperáveis com o espaço vivido, procuram locais que assemelham à cultura, costumes, proporcionam trabalho e reterritorializam, retornam apenas para visitar os familiares, quando estes não deslocam também.

Por outro prisma temos aqueles que são extremamente resistentes a todas as adversidades do espaço mirabelense, procurando conservar os vínculos, a identidade-lugar, mesmo que em função da migração para regiões distintas se desenvolvam novas significações. Para estes, Mirabela é o lugar, há uma forte relação de afetividade, mesmo quando estão no local de trabalho, retornando, sempre que possível, para as festas religiosas e / ou a Festa de Agosto. Atribuem à territorialidade local uma importância que transcende o valor simbólico, Mirabela representa as crenças partilhadas, a construção da história de vida, o espaço de alegria, contentamento e felicidade no curto período desfrutado com familiares, amigos, no modo de vida simples, porém extremamente hospitaleiro.

Para os migrantes que abandonaram as migrações mediante recebimento de terras no Assentamento Santo Hipólito, o processo de reterritorialização é nítido. As famílias vêm desenvolvendo um modo de vida tranquilo, sem a preocupação do período de trabalho transitório, vivem com pouco recurso financeiro produzindo para a subsistência. Entretanto, os responsáveis pela unidade familiar estão presentes

com as esposas na divisão das tarefas de educar os filhos; as mulheres deixaram para trás o tempo em que eram “viúvas do marido vivo”, estão felizes, seguras com a permanência do marido; para os filhos a harmonia no lar tem um significado especial, pois não sofrem discriminação por ser filho de migrante e o direito da terra dá a eles a possibilidade de não terem que se tornarem migrantes.

As migrações temporárias mirabelenses têm gerado na territorialidade local o desenvolvimento de redes sociais entre as famílias migrantes, tanto no espaço urbano como no rural, reflexo das redes estabelecidas pelos pais nos locais de trabalho. O surgimento das redes representa a maneira de amenizar a saudade dos filhos, dos pais, o conforto nas horas tristes, a divisão do trabalho; expressam a dimensão do valor de cada indivíduo no grupo, a credibilidade. Mas apesar das existências das redes há também vários conflitos envolvendo as famílias migrantes de Mirabela, inclusive casos de morte, consumo excessivo de bebidas, drogas, enfim desestruturação de casamentos, de famílias. Tais fatos servem para (re) pensar o que pode ser feito para que a população flutuante de Mirabela deixe de vez os cafezais, os canaviais, as áreas de carvoejamento, as fábricas de calçados de Nova Serrana e permaneçam em Mirabela – local que para eles falta unicamente trabalho, meios de sobreviver, pois é o lugar ao qual pertencem e sentem felizes.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, Paulo R. R. & ROCHA-LEÃO, Otávio M. Trabalho de Campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? *Boletim da Paulista de Geografia*, nº 94. São Paulo: AGB, 2006. P.51 -67

AMORIN Fº, Oswaldo Bueno. Topofilia, topofobia e topocídio em Minas Gerais. In: RIO, Vicente Del & OLIVEIRA, Livia de (Org.). *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. P.139-152.

ARAGÃO, Luciano Ximenes. *A des-re-territorialização dos migrantes nordestinos na comunidade de Rio das Pedras*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, 2004.

ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da mineiridade. O imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

AUGÉ, Marc. *Não Lugares*. São Paulo: Editora Papirus, 2003.

BAUMFELD, Carlos Minc. LEMOS, João Cardoso. Desenvolvimento Capitalista e Desenvolvimento Regional. *Revista Análise Social do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, vol XV (2º), 1979 (nº 58), pp. 357 – 370. Disponível em <<analisesocial.ics.ul.pt/?no=101000100117>>. Acessado em 09 de fevereiro de 2009.

BECKER, Bertha K. & EGLER, Cláudio A. G. *Brasil: uma nova potência regional na economia – mundo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO Iná Elias de. GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA.

Roberto Lobato.(orgs). *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. P 319 -367.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BORGES, Juliano Fisicaro. As redes de proteção social e a redução das desigualdades regionais em Minas Gerais. In: BRANDÃO, Elbe (org). *Redução das desigualdades uma das faces do choque de gestão*. Belo Horizonte: SEDVAN / IDENE; Crisálida, 2009.

BUTTNER, A. Campo de Movimiento y sentido del Lugar. In: RAMÓN Maria Dolores Garcia (org.). *Teoría y método en la Geografía Anglosajona*. Barcelona: Ariel, 1985a P. 227-241.

BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio Carlos (org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Diffel, 1985b. P.165-193

CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida. Uma Nova Compreensão Científica dos Seres Vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço e Indústria*. 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. O lugar: mundialização e fragmentação. In: SANTOS, Milton (org). *O novo mapa do mundo. Fim de século e globalização*. São Paulo: Hucitec – Ampur, 2002.

_____. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Labur Edições, 2007. Versão eletrônica. Disponível em <<<http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>>>. Acesso em 29 de março de 2008.

CARVALHO, André, PEREIRA, Carlos Olavo da Cunha e TAUCCE, Pedro Paulo. *Minas: enciclopédia dos municípios mineiros*. Volume I. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 1998. P. 267.

CARVALHO, Marcos Bernardino. Geografia: Ciência da complexidade (ou da reconciliação entre natureza e cultura). *Boletim da Paulista de Geografia*, nº 83. São Paulo: AGB, 2005. P.141-162.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, Escola e Construção de conhecimentos*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Rose. *Matrizes da Geografia cultural*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

_____. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). *Introdução à Geografia Cultural*. 2ª Ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p.147-166.

_____. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO Iná Elias de. GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA. Roberto Lobato.(orgs). *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. P. 89 -118.

CORRÊA. Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO Iná Elias de. GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA. Roberto Lobato.(orgs). *Geografia: conceitos e temas*. 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. P.15-48.

_____. A espacialidade da cultura. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon. COELHO, Maria Célia Nunes. CORRÊA, Aureanice de Mello. (orgs). *O Brasil, a América Latina e o Mundo: espacialidades contemporâneas* (II). Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, Anpege 2008. P. 301-313.

DAMINIANI, Amélia Luísa. *População e Geografia*. São Paulo: Contexto, 2008.

DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34 – vol 5:1997.

DUVEEN, Gerard. A construção da alteridade. In: Arruda, Ângela. *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1998. P. 83-148.

FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. In. *Território*. Rio de Janeiro, 2000 v. 9. P. 65-83.

FILHO, Marcondes Ciro. *Pensar – Pulsar: Cultura Comunicacional, tecnologias e velocidade*. São Paulo: Edições NTC, 1996.

GARNIER, Jacqueline Beaujeu. *Geografia da População*. Trad: Leônidas Gontijo de Carvalho. 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização e as “regiões-rede”*. Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia. Curitiba: AGB, 1994. P. 206-214.

_____. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto Alegre (RS), 2004. Disponível em <<<http://www6.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>> Acesso em: 10 de agosto de 2008.

_____. *Migração e desterritorialização*. NETO, H.P.F.PACELI.A. (orgs). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios* Rio de Janeiro: Revan, 2005. P. 35 – 45.

_____. *O mito da desterritorialização: do “fim dos Territórios” à multiterritorialidade*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006a.

_____. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton. I. E. de et al (orgs). *Território, Territórios: ensaio sobre o ordenamento territorial*. 2ª ed – Rio de Janeiro: DP&A, 2006b.

_____. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. et al. (orgs). *Geografia: conceitos e temas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006c.

_____. “Gaúchos” e Baianos no “Novo” Nordeste: entre a globalização econômica e a reinvenção das identidades territoriais. In: CASTRO, I. et al. (orgs). *Brasil: Questões atuais da reorganização do território*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. P. 367- 415.

HALL, S. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: D P & A, 2002.

HEIDERMAN, Henzir Dieter, Os migrantes e a crise da sociedade do trabalho: humilhação secundária, resistência e emancipação. In: SPM - Serviço Pastoral dos Migrantes. *Migrações: discriminação e alternativas*. São Paulo: Editora Paulina, 2004.

HISSA; Cássio Eduardo Viana; CORGOSINHO, Rosana Rios. Recortes de lugar. Geografias. *Revista do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia*. IGC/UFMG, janeiro-junho. Vol.2, n.01, 2006. P. 7-21

IANNI, Octávio. *Sociedade Global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa demográfica de classificação dos fluxos migratórios internos no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1970.

_____. *Distribuição da população residente, segundo a naturalidade por município – Brasil e grandes regiões*. Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

_____. *Censo demográfico de Mirabela de 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: <<<http://www.ibge.gov.br>>>. Acesso em 2 de março de 2008

_____. *Atlas do censo demográfico 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

_____. *Contagem populacional de Nova Serrana 2007*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em: <<<http://www.ibge.gov.br>>>. Acesso em 10 de setembro de 2008.

_____. *Contagem populacional de Mirabela 2007*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em: <<<http://www.ibge.gov.br>>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2009.

_____. *Crêterios de classificação de moradia no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <<<http://www.ibge.gov.br>>>. Acesso em 12 de dezembro de 2008.

_____. *Demografia e gênero*. Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar. V.3, 2007. Disponível em: <<<http://www.ibge.gov.br/Pnad>>>. Acesso em 02 de janeiro de 2009.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA: *Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil* 2000. Disponível em: <<<http://www.ipea.gov.br>>>. Acesso em 25 de agosto de 2008.

LAGOSTE, Yves. *A Geografia – Isso Serve, em primeiro lugar, para fazer a Guerra*. 5ª ed. – São Paulo: Papirus, 2001.

LEE, Everett. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, Hélio Augusto (Org). *Migração interna*. Textos selecionados. Fortaleza-CE: Banco Nordeste do Brasil S.A. 1980.

MANCE, Euclides. *A Revolução das Redes. A Colaboração Solidária como Alternativa Pós-Capitalista à Globalização Atual*. São Paulo: Vozes, 2000.

MARTELETO, Letícia Junqueira. VERONA, Ana Paula de Andrade. RODRIGUES, Cristina Guimarães. Raça e origem social: o papel das características do pai versus da mãe e da classificação racial na escolaridade. In AGUIAR, Neuma (org). *Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política*. Belo Horizonte – MG: UFMG, 2007.

MARTINS, José de Souza. *A imigração e a crise do Brasil agrário*. São Paulo: Pioneira, 1973.

_____. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

_____. *Não há terra para plantar neste verão*. Petrópolis -RJ: Vozes, 1988.

MATA, Milton da. Urbanização e migrações internas. In: MOURA, Hélio Augusto (Org). *Migração interna*. Textos selecionados. Fortaleza-CE: Banco Nordeste do Brasil S.A. 1980.

MATOS, Ralfo Edmundo da Silva. BRAGA, Fernando. Redes geográficas, redes sociais e movimentos da população no espaço. In: MATOS, Ralfo Edmundo da Silva (org). *Espacialidades em rede: população, urbanização e migração no Brasil contemporâneo*. Belo Horizonte: Editora Arte, 2005.

MENEZES, Frederico Lucena. Migração: uma perspectiva psicológica, uma leitura pós-moderna ou, simplesmente, uma visão preconceituosa. In: CUNHA, Maria Jandyrá Cavalcanti *et al.* *Migração e identidade: olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro, 2007.

MENEZES, Marilda Aparecida de. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses – migrantes*. João Pessoa - PB: EDUFPB, 2002.

MINAS GERAIS. *Documento de registro de doação de terras ao Santo São Sebastião*. Cartório de Brasília de Minas Livro 03, Folha 38, 1899, p.40.

MIRABELA. *Histórico do Município de Mirabela-MG*. Câmara Municipal de Mirabela, 1996.

_____. *Lei Municipal nº 570/96*. Regulamentação do Bairro Bela Vista, 1996.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: pequena história crítica*. 20ª Ed. – São Paulo: Annablume, 2005.

MOREIRA, Rui. *O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes originárias*. São Paulo: Contexto, 2008a.

_____. *Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica*. São Paulo: Contexto, 2008b.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

NETO, Pedro. Prefeitura e Câmara distantes de entidades. *Jornal Extremo*, Montes Claros, 25 de fevereiro, 2009. Ano V, nº 247, p.7.

NOVA SERRANA. *Dados econômicos do município de Nova Serrana*. Disponível em: <<http://www.novaserrana.mg.gov.br/>>. Acesso em 01 de outubro de 2008.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins et al. *Formação social e econômica do Norte de Minas Gerais*. Montes Claros-MG: Unimontes, 2000.

ORTIZ, R. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PAULA, Andréia Narciso Rocha de. *Integração dos migrantes rurais no mercado de trabalho em Montes Claros, norte de Minas Gerais: a esperança de melhoria de vida*. Dissertação (Mestrado de Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG, 2003.

PAULA, Andréia Narciso Rocha de. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Travessia no sertão dos gerais: tradição e modernidade nas margens do São Francisco. In: FEITOSA, Antônio Maurílio Alencar. ZUBA, Janete Aparecida Gomes. JUNIOR, João Cleps. *Debaixo da lona: tendências e desafios regionais da luta pela posse da terra e da reforma agrária no Brasil*. Goiânia –(GO): UCG, 2006.

PAULA, Andréia Maria Narciso Rocha de; GAMA, Maria das Graças Campolina Cunha; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cenários de vida e vivências no entorno do Rio Formoso, sertão mineiro: Construções e transformações de lugares, de espaços e de modos de vida. *Revista Argumentos*. V.2, n.1, Montes Claros: Ed. Unimontes, 2007.

PEREIRA, Anete Marília. A urbanização no sertão norte-mineiro: algumas reflexões. In: PEREIRA, Anete Marília, ALMEIDA, Maria Ivete Soares de (org). *Leituras geográficas sobre o norte de Minas Gerais*. Montes Claros-(MG): Unimontes, 2004.

_____. *Cidade Média e Região*: O significado de Montes Claros no norte de Minas Gerais. Tese (Doutorado de Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG, 2007.

PIMENTA, Solange Maria. ENOQUE, Alessandro Gomes. “A fábrica e a casa” – Configurações do trabalho na indústria calçadista de Nova Serrana. *Revista de Administração da FEAD – Minas*. V.2 - nº 1 – junho de 2005 . P. 1 a 18.

PISELLI, Fortuna. Mulher migrante: uma abordagem a partir da teoria das redes. *Revista Crítica de Ciências – Universidade de Trento*. Nº 50 – fevereiro de 1998. p.103 -119.

PRATES, Antônio Augusto Pereira. CARVALHAES, Flavio Alex de Oliveira, SILVA. Bráulio Figueiredo Alves. Capital social e redes: conceitos redundantes ou complementares? In AGUIAR, Neuma (org). *Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política*. Belo Horizonte –MG: UFMG, 2007.

RAVENSTEIN, E. G. As Leis de Migrações. In: MOURA, Hélio Augusto (coord). *Migração interna*. Textos selecionados. Fortaleza-CE: Banco do Nordeste do Brasil S.A, 1980.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Por uma Geografia nova*: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. 3ª Ed. – São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. *A natureza do Espaço*: espaço e tempo, razão e emoção. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria Laura. *Brasil*: território e sociedade no início do século XXI. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Unesp, 1999.

_____. Contribuições metodológicas para a análise das migrações. In: HEIDEMANN, Henzir Dieter & SILVA, Sidney Antonio (org). *Migração*: nação, lugar e dinâmicas territoriais. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2007. P.57-68.

SILVA, Rosana. FONSECA, Gildete Soares. *A espacialidade e a geograficidade das redes antrópicas*. XV Encontro Sul-Mato-Grossense de Geógrafos. Corumbá-MS: 2007.

SILVA, R. SILVEIRA, I.M. C. S. FONSECA, G. S. *Espaço vivido, lugar e ruralidade em Muquém, Distrito de Mirabela-MG*. Florianópolis-SC: X Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2007.

SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre o estudo. In: MOURA, H. (org). *Migração interna*. Textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S/A, 1980.

SORRE, Maximilien. Migrações e mobilidade do ecúmeno. In: MEGALE, Januário Francisco (org). *Max. Sorre: Geografia*. São Paulo: Ática, 1984. P.124 -139.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de. et all. *Geografia: conceitos e temas*. 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. P.77-116.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida. Geografia da Solidariedade. *Revista GeoTextos*. V.2, nº 2, 2006. P. 171-178. Disponível em <<<http://www.portalser.ufba.br/index.php/geotextos>>>. Acesso em 25 de Janeiro de 2009.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Capitalismo e Urbanização*. São Paulo: Contexto, 2001.

TOMÁS, Maria Carolina. XAVIER, Flavia Pereira. DULCI, Otávio Soares. Interface dos capitais humano, cultural e social na situação e nos rendimentos dos indivíduos. In AGUIAR, Neuma (org). *Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política*. Belo Horizonte -MG: UFMG, 2007.

TUAN, Yu-Fu. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio Ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo -SP: DIFEL, 1980.

_____. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VANILLI, Sônia & MARTINS, Dora. *Migrantes*. São Paulo: Contexto, 2004.